

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARINÉSIA LEMOS SOUTO

**EDUCAÇÃO CRISTÃ: CONTRIBUIÇÕES DO MINISTÉRIO DA PESSOA LEIGA  
NO ÂMBITO DAS IGREJAS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA**

São Leopoldo  
2023

MARINÉSIA LEMOS SOUTO

**EDUCAÇÃO CRISTÃ: CONTRIBUIÇÕES DO MINISTÉRIO DA PESSOA LEIGA  
NO ÂMBITO DAS IGREJAS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Pessoa Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S727e Souto, Marinésia Lemos

Educação cristã : contribuições do ministério da pessoa leiga no âmbito das igrejas da Convenção Batista Brasileira / Marinésia Lemos Souto ; orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo : EST/PPG, 2023.  
144 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Educação cristã. 2. Batistas. 3. Ser humano. I. Brandenburg, Laude Erandi, orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARINÉSIA LEMOS SOUTO

**EDUCAÇÃO CRISTÃ: CONTRIBUIÇÕES DO MINISTÉRIO DA PESSOA LEIGA  
NO ÂMBITO DAS IGREJAS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 24 de março de 2023

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> LAUDE ERANDI BRANDENBURG (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> CAROLINA BEZERRA DE SOUZA (EST)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. BELMIRO MEDEIROS DA COSTA JÚNIOR (IME)  
Participação por webconferência

*À Deus, por meio de quem e para quem  
todas as coisas são.*

## **AGRADECIMENTOS**

Meu muito obrigado!

À família querida e companheira, em especial Enemésio e Marilena, que sempre acreditaram;

Aos irmãos e amigos que de alguma forma participaram desse trabalho;

Aos professores, fontes de conhecimento e inspiração;

A minha orientadora Professora Laude pela paciência e estímulo.

*A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como  
sou - eu não aceito.  
Não aguento ser apenas um  
sujeito que abre  
portas, que puxa válvulas,  
que olha o relógio, que  
compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora,  
que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem  
usando borboletas.*

Manoel Barros

## RESUMO

Esse trabalho analisou a contribuição do ministério da pessoa leiga de ensino como estratégia de crescimento da igreja. Em razão disso, investigou-se a pessoa leiga e o ensino na história da igreja batista, especificamente àquelas que fazem parte da Convenção Batista Brasileira-CBB e no ministério de ensino de Jesus. A questão que norteou esta pesquisa foi: "Como a educação cristã, realizada por leigos e leigas nas igrejas batistas da CBB, pode contribuir para o crescimento e fortalecimento e engajamento da membresia?". Tal questionamento conduziu a análise da relevância da pessoa leiga para o crescimento da igreja e fortalecimento de sua membresia. Nesse sentido, a investigação se propôs a avaliar as contribuições e os pontos convergentes na análise histórica e bíblica que demonstrassem um padrão que respondesse à questão proposta. A partir desses achados, foi realizado um estudo dessa análise com a teoria da educação moderna com vistas a confirmação da aplicabilidade dos achados à atualidade da igreja batista. A metodologia utilizada teve abordagem qualitativa, em especial a análise de conteúdo. A coleta de dados trabalhou especialmente com material bibliográfico e documental. Os principais resultados observados estão ligados a questões relativas à concepção de ser humano e o princípio da liberdade vividos, praticados e ensinados na igreja. Os resultados ressaltaram, também, as características do ministério da pessoa leiga, em especial o diálogo entre iguais, o conhecimento da realidade, a intencionalidade advinda da crença do sacerdócio universal. A pesquisa oferece relevantes contribuições que podem ser aplicadas à vida educacional da igreja, resultando em relevância, crescimento e transformação. Destaca-se que por limitações de tempo e páginas, esta pesquisa não deu voz às pessoas leigas, o que fica como sugestão para futuros estudos que trabalhem o tema.

**Palavras-chave:** Educação Cristã, Pessoa leiga, Ministério, Batistas.

## ABSTRACT

This work analyzed the contribution of the layperson's teaching ministry as a church growth strategy. For this reason, the layperson and teaching were investigated in the history of the Baptist church, specifically those that are part of the Brazilian Baptist Convention-CBB and in the teaching ministry of Jesus. The question that guided this research was: "How can Christian education, carried out by lay people in Baptist churches of the CBB, contribute to the growth and strengthening and engagement of the membership?". Such questioning led to the analysis of the relevance of the layperson for the growth of the church and strengthening of its membership. In this sense, the investigation proposed to evaluate the contributions and converging points in the historical and biblical analysis that demonstrate a pattern that answers the proposed question. Based on these findings, a study of this analysis was carried out with the theory of modern education, with a view to confirming the applicability of the findings to the current days of the Baptist church. The methodology used had a qualitative approach, in particular content analysis. Data collection worked especially with bibliographic and documentary material. The main results observed are linked to

issues related to anthropology and the principle of freedom lived, practiced and taught in the church. The results also highlighted the characteristics of the layperson's ministry, in particular the dialogue between equals, knowledge of reality, the intentionality arising from the belief in the universal priesthood. The research offers relevant contributions that can be applied to the educational life of the church, resulting in relevance, growth and transformation. One must point out that due to limitations of time and pages, this research did not give voice to the various lay people, who contributed to enrich the findings observed here, which remains as a suggestion for future studies that work on the theme.

**Keywords:** Christian Education, Layperson, Ministry, Baptists.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

### **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Resultado pesquisa google acadêmico.....	17
Quadro 2 - Protocolo de Pesquisa para análise de conteúdo .....	20
Quadro 3 - Sujeitos na Educação no tempo de Jesus .....	24
Quadro 4- Envio dos doze e envio dos setenta e dois. ....	72
Quadro 5 - Contribuições do ministério da pessoa leiga - triangulação das dimensões .....	134

### **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Frequência de códigos na CBB .....	54
--	----

### **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Nuvem de Palavras a partir do termo Liberdade.....	55
Figura 2 - Nuvem de Palavras a partir do termo Indivíduo .....	56
Figura 3 - Conceitos de Humanização, Freire .....	102
Figura 4 - Parâmetros estruturadores da Educação pela pessoa leiga.....	123

### **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Quantidade de Pastorais na CBB .....	39
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 EDUCAÇÃO E A PESSOA LEIGA NA HISTÓRIA BATISTA</b>	<b>21</b>
2.1 DEFINIÇÃO DE LEIGO .....	22
2.2 ORIGEM DOS BATISTAS DA CBB .....	24
2.3.1 <i>Movimento Puritano</i>	25
2.3.2 <i>Tomas Helwys</i>	28
2.4 BATISTAS NOS EUA.....	30
2.5 BATISTAS NO BRASIL.....	34
2.5.1 <i>Pessoas leigas nos primórdios do trabalho batista no Brasil</i>	36
2.5.2 <i>Mulheres: leigas para sempre</i>	37
2.6 EDUCAÇÃO NOS PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO BATISTA NO BRASIL .....	40
2.7 HISTÓRIA DA CBB CONTADA POR DOCUMENTOS .....	43
2.7.1 <i>Declaração doutrinária</i>	46
2.7.2 <i>Princípios batistas</i>	49
2.7.3 <i>Análise documental do Livro Pacto e Comunhão no ATLAS.ti</i>	53
2.8 PANORAMA DOS BATISTAS E O MINISTÉRIO DA PESSOA LEIGA NO BRASIL .....	58
<b>3. A PESSOA LEIGA NO CONTEXTO DO MINISTÉRIO DE JESUS</b>	<b>60</b>
3.1 MINISTÉRIO DE PESSOAS LEIGAs no evangelho de lucas .....	61
3.1.1 <i>Evangelho de Lucas: autoria, destinatários e objetivos</i>	62
3.1.2 <i>Jesus, o líder leigo</i>	66
3.1.3 <i>Equipes de Jesus – leigos e leigas</i>	66
3.1.3.1 <i>Os Doze.....</i>	67
3.1.3.2 <i>Setenta e dois e outras pessoas discípulas.....</i>	70
3.1.4 <i>Análise comparativa dos relatos do envio e da missão</i>	72
3.1.5 <i>Discípulas no movimento de Jesus</i>	75
3.2 CONTEXTO EDUCACIONAL NOS TEMPOS DE JESUS .....	78
3.3 QUEM É O SER HUMANO PARA JESUS .....	85
3.3.1 <i>A pessoa como imagem de Deus</i>	86

	12
<b>4. ANÁLISE NA TEORIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ</b>	<b>91</b>
4.1 COMENIUS E A OBRA DIDÁTICA MAGNA .....	91
4.1.1 <i>O Valor do ser humano</i>	93
4.1.2 <i>Pansofia – ensinar tudo a todos</i>	95
4.1.3 <i>O valor da educação</i>	98
4.1.4 <i>O método em Comenius</i>	99
4.2 PARADIGMAS ESTRUTURADORES DA EDUCAÇÃO CRISTÃ MODERNA ..	100
4.2.1 <i>Humanização</i>	101
4.2.2 <i>Educação contextualizada</i>	107
4.2.3 <i>Educação Relacional</i>	111
4.2.4 <i>Intencionalidade</i>	120
4.3 REFLEXÃO TEOLÓGICA POR TODOS .....	124
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os números do Censo 2010 atestam o declínio dos evangélicos de missão, quais sejam: Batistas, Luteranos, Metodistas, Presbiterianos, Congregacionais. Entretanto, mais dramático para a comunidade batista é a perda de identidade ressaltada por Leonildo Silveira Campos. “Como nomear identidades e crenças em ritmo de “despedaçamento” e de “desregulação”, quando já se pode falar em “fim das identidades religiosas herdadas?”<sup>1</sup>.

Campos ressalta que no início do século XXI “os ‘evangélicos de missão’ caíram de 26,50% para 18,18% do total dos evangélicos”<sup>2</sup>. Para esse autor o desempenho dos evangélicos, incluindo os pentecostais, tiveram desempenho reduzidos. Excetuando-se dessa regra somente os evangélicos não determinados que “pularam de 4,85% para 21,81%”<sup>3</sup>.

Nesse sentido, pelo menos teoricamente, o que saiu do padrão quanto ao crescimento dos evangélicos, observando no Censo de 2010 em relação aos dados do Censo de 2000, retrata que esses “estariam se libertando da força da tradição familiar e denominacional e se aventurando pelos caminhos de uma religiosidade, embora evangélica, sem identidade denominacional”.<sup>4</sup>

A Folha de São Paulo tratando dos dados levantados na POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares), do IBGE, 2003 e 2009, levantamento realizado com 56 mil entrevistados, afirma que “no período, só entre evangélicos, a fatia dos que se disseram sem vínculo institucional cresceu de 4% para 14%, um salto de mais de 4 milhões de pessoas.”<sup>5</sup>

José Rogério Lopes, em entrevista à Thamires Magalhães sobre os números do Censo 2010, destaca que “na série histórica recente, as religiões no Brasil tendem a compor futuramente um campo complexo e difuso de filiações e trânsitos dos fiéis

---

<sup>1</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. “**Evangélicos de missão**” em declínio no Brasil – Exercícios de demografia religião à margem do Censo de 2010. In *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.p. 129.

<sup>2</sup> CAMPOS, 2013.p. 138.

<sup>3</sup> CAMPOS, 2013.p. 138.

<sup>4</sup> CAMPOS, 2013.p. 139.

<sup>5</sup> GOIS, A.; SCHWARTSMAN, H. Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/>. Acessado em: 20 abr. 2021, 19:30.

entre elas, com tendências ao acirramento da concorrência religiosa.”<sup>6</sup> Esses dados apontam para o fato de que as igrejas históricas não conseguem manter seus membros, nem suas doutrinas.

Especificamente quanto às Igrejas da Convenção Batista Brasileira (CBB) esses números levantados no censo se confirmam. Exemplo disso é a crise da Escola Bíblica Dominical (EBD) que, entre outras estratégias voltadas para o ensino, foi por muitos anos o meio para que a igreja cumprisse seu papel no ensino bíblico com a finalidade de promover conhecimento, capacitação dos cristãos, consolidação das doutrinas e, conseqüentemente, crescimento.

A Escola Bíblica Dominical, “já foi a mola propulsora do crescimento das igrejas evangélicas em nosso país”<sup>7</sup>, atesta Dornas. Salienta-se que esse crescimento foi, em sua grande maioria, fruto do trabalho realizado por pessoas leigas no ensino bíblico, que gerou crescimento e fortalecimento na igreja. Segundo Dornas, o número de alunos na EBD era superior ao número de membros da igreja e “hoje a realidade é bem diferente, de forma que raramente encontramos uma igreja evangélica com 80% ou 90% de seus membros arrolados na EBD”<sup>8</sup>.

George, nesse mesmo sentido atesta: “alguns dizem que a Escola Dominical está em crise. Outros alegam que ela já morreu e só não foi enterrada. Para algumas pessoas, Educação Cristã é coisa de mulheres e crianças”. E conclui, “enfim, estamos em crise”<sup>9</sup>. Nesse aspecto os números atestam os fatos.

Campos analisando os números do Censo 2010 e comparando com outras pesquisas concluiu que “os números atuais referentes aos ‘evangélicos de missão’, nos censos do IBGE e em outras pesquisas, expressam uma situação de crise.”<sup>10</sup> Esse panorama que evidencia o declínio e a crise de identidade, os quais são observados e atestados pelos números do Censo, lembram à comunidade de fé chamada Batista que é preciso um constante exercício de análise, observação e efetiva ação em busca de uma estratégia de crescimento, identidade e relevância tendo, portanto, a educação cristã como ferramenta do ministério da pessoa leiga.

---

<sup>6</sup> MAGALHÃES, Thamis. As religiões segundo os dados do Censo 2010: desafios e perspectivas. **IHU on-line**, São Leopoldo, Edição 400.27 ago. 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4590-jose-rogerio-lobes-4>. Acessado em: 14 maio 2021.

<sup>7</sup> DORNAS, Lécio. **A nova EBD...a EBD de sempre**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.p.19.

<sup>8</sup> DORNAS, 2001.p.19.

<sup>9</sup> GEORGE, Sherron K. **Igreja Ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã**. Campinas, São Paulo: Ed. Luz para o Caminho, 1993.p. 10.

<sup>10</sup> CAMPOS, 2013.p. 128.

Diante disso, a pergunta de pesquisa que norteou esse trabalho foi: como a educação cristã, realizada por pessoas leigas nas igrejas batistas da CBB, pode contribuir para o crescimento e fortalecimento e engajamento da membresia? Com base nesse questionamento, esta pesquisa busca compreender, no campo da educação cristã, as contribuições da pessoa leiga, a quem pouco se tem dado voz e valor na igreja batista, mas que, de fato, tem realizado o trabalho de educação cristã, para que a comunidade se desenvolva e seja relevante para dentro e para fora.

O título, *Educação Cristã: uma investigação das contribuições do ministério da pessoa leiga no âmbito das igrejas da Convenção Batista Brasileira*, destaca a área de teologia prática, como principal abordagem desta dissertação e evidencia que o tema desta pesquisa está focado no ministério da pessoa leiga, no contexto da educação cristã nas igrejas da CBB.

Nessa direção, o propósito deste estudo é investigar a contribuição do ministério da pessoa leiga de ensino como estratégia de crescimento da igreja. Nesse direcionamento, as seguintes hipóteses foram investigadas: *i)* a presença do ministério da pessoa leiga e da educação em vários momentos na história dos batistas marcou o crescimento e fortalecimento dos batistas; *ii)* o ensino bíblico por pessoas leigas foi a base estratégica do ministério de Jesus para o desenvolvimento e fortalecimento da igreja cristã; *iii)* o ensino bíblico por pessoas leigas é um ensino formal, vivencial, contextualizado, relacional, prático e entre iguais e neste sentido atende a parâmetros atuais da pedagogia moderna; *iv)* o ensino ministrado por pessoas leigas está de acordo com a teoria da educação cristã.

O objetivo geral proposto foi investigar como a educação cristã realizada por leigas e leigos nas igrejas batistas da CBB pode contribuir para o crescimento e fortalecimento e engajamento da membresia.

Os objetivos específicos dividiram-se em: *i)* analisar na história de formação da igreja Batista no Brasil e nos seus principais documentos a importância do ensino e do trabalho realizado pela pessoa leiga no crescimento da igreja; *ii)* verificar e analisar o ensino de Jesus, seus métodos, sua equipe, sua concepção de ser humano e sua relação com o ministério da pessoa leiga; *iii)* analisar o ministério de ensino da pessoa leiga a luz da educação cristã buscando fundamentos que o incluam como ator importante no processo de ensino cristão; *iv)* relacionar as contribuições do ministério da pessoa leiga no âmbito da educação cristã para a promoção do crescimento e fortalecimento das igrejas da CBB na contemporaneidade.

A pesquisa visa ressaltar a importância da educação cristã realizada por pessoas leigas na igreja, e para isso pretende buscar subsídios na educação para lançar luz na efetividade desse ensino, bem como buscar na bíblia e na história fatos que igualmente inspirem esta caminhada essencial para a sobrevivência e relevância da igreja.

Os batistas no Brasil, segundo o site da Ordem dos Pastores Batistas, dados de 2022, tem 14 mil pastores filiados.<sup>11</sup> O site [igrejamultiplicadora.org.br](http://igrejamultiplicadora.org.br) vinculado à Junta de Missões Nacionais/CBB em 2016 resalta que os batistas tinham à época 13.436 igrejas e congregações no Brasil e a população batista no Brasil era 1,7 milhões, 0,8% da população brasileira.<sup>12</sup> É, aproximadamente, um pastor para cada 120 leigos. São pouco mais que 1 pastor para cada comunidade batista.

É importante observar que muitas igrejas não têm nenhum pastor para sua condução, como reconhece o atual presidente da Convenção Batista Carioca - CBC.

Não são todas as igrejas que contam com pastores membros no seu rol, a ponto de ajudar a liderança com o púlpito, aconselhamento e, por que não, instruindo o processo de sucessão pastoral. Além dos muitos afazeres que cada irmão e irmã da liderança tem, a ocupação de atividades pastorais costuma sobrecarregar esses queridos líderes e, não poucas vezes, precipitando o processo de sucessão.<sup>13</sup>

Quem conduz essas igrejas e congregações? O presidente da CBC responde: os leigos, aproximadamente 1.686.000 (um milhão seiscentos e oitenta e seis mil). Esse potencial, representado pela pessoa leiga, demanda um estudo sério com vistas ao crescimento e desenvolvimento da igreja.

Essa pessoa é o professor da Escola Bíblica, é a pessoa sentada ao lado no culto, é o líder e a líder do pequeno grupo, é a líder da organização de mulheres, é a pessoa que visita, é o igual. Esses são aproximadamente um milhão seiscentos e oitenta e seis mil que podem fazer grande diferença. Diante dessa constatação esse trabalho buscou investigar como podem contribuir para o crescimento das igrejas batistas no Brasil.

---

<sup>11</sup> <https://opbb.org.br/quem-somos/>. Acesso em 20/12/2022

<sup>12</sup> **Estatística dos Batistas da CBB**. Disponível em: <https://igrejamultiplicadora.org.br/new/estatisticas-dos-batistas-da-cbb-2016/#>. Acesso em: 07/12/2022.

<sup>13</sup> DUSILEK. Sergio. **Igrejas sem pastor e Igreja com vários pastores**. 2022. <https://batistacarioca.com.br/igrejas-sem-pastor-igreja-com-varios-pastores/>. Acesso em 20/12/2022.

A relevância desta pesquisa está em prover subsídios de análise para a situação atual e oferecer contribuições de como a educação cristã realizada por pessoas leigas pode alcançar comprometimento, envolvimento, fortalecimento e relevância para a igreja batista.

Importante destacar que não se localizou, nos últimos cinco anos, discussão acadêmica relevante sobre o ministério da pessoa leiga nas igrejas evangélicas e na igreja batista, em especial, conforme atesta o Google *Trends*, ferramenta de pesquisa que mostra os assuntos mais buscados na internet. Tal busca foi realizada a partir das *strings* (“pessoa leiga” and “batista”) e (“laicato” and “evangélicos”), no período de 2018 a 2022, revelando que não há resultado sobre o tema.

O Quadro 1 apresenta o resultado da pesquisa realizada no Google Acadêmico, ferramenta de pesquisa de produção acadêmica, a partir das mesmas *strings* e mesmo período.

Quadro 1 - Resultado pesquisa google acadêmico

String – período 2018 – 2022	Resultados
“leigo” and “batista”	293
“pessoa leiga” and “batistas”	4
“pessoa laica” and “batistas”	0
“pessoa leiga” and “igreja evangélica”	14

Fonte: autora

Percebe-se que são poucas as produções acadêmicas abordando o tema afeto a esta pesquisa. Outrossim, observou-se que há uma duplicidade conceitual, entre os termos leigo e laico, a qual foi destacada na ferramenta de pesquisa, visto que às vezes refere-se ao estado ou à pessoa. Entretanto, considerando que o foco deste trabalho é a pessoa leiga na igreja batista, destaca-se relevante ampliar a discussão e assim, suprir uma lacuna existente no debate acadêmico evangélico, de forma especial entre os batistas.

Assim, a proposta deste trabalho, de forma muito específica, questiona o ‘como’ esse ministério de educação cristã da pessoa leiga pode contribuir para essa mudança das igrejas da CBB.

Esta pesquisa sugere que a igreja olhe para seu interior e para sua membresia buscando visualizar suas práticas e seus resultados. Além disso, é chamada para ouvir os de dentro e os de fora, para que, assim, de forma intencional, inicie uma conversa aberta com as pessoas, observando o contexto, a sociedade e a cultura e

volte a caminhar em busca do crescimento, identidade e relevância como comunidade de fé.

A pesquisa foi estruturada na discussão do tema a partir de três dimensões: histórica, bíblica e teórica. A dimensão histórica se deteve nos eventos históricos demarcados pela CBB, com destaque para três momentos importantes, o movimento puritano, os batistas nos EUA e os batistas no Brasil. Nessa dimensão analisou-se o perfil do líder da primeira igreja batista e o ministério das mulheres entre as igrejas da CBB.

Nesse sentido, essa dimensão trabalhou com a narrativa da Convenção Batista Brasileira em busca de fatos que pudesse clarear o tema de pesquisa, com base nos documentos oficiais da CBB, dado que são reflexo do pensamento e da própria história. Os dados foram analisados a partir do software Atlas.ti, que permitiu à pesquisadora avaliar os resultados a partir dos objetivos desta pesquisa.

A segunda dimensão, bíblica, trabalhou comparativamente com as narrativas de envio dos doze e dos setenta e dois discípulos e discípulas no evangelho de Lucas. Inicialmente analisou-se a aplicação de um conceito atual para o período do ministério de Jesus, em seguida foram analisados os envios e sua comparação. Analisou-se, também, a mulher no ministério de Jesus e posteriormente o contexto educacional e a concepção de ser humano de Jesus observada a partir de sua vivência com seus discípulos. Essa dimensão apresenta uma abordagem bíblica.

A terceira dimensão analisou a teoria educacional moderna buscando confirmação ou refutação do ministério da pessoa leiga a partir das características desse ministério. Inicia-se com a obra de João Comenius, que faz uma intercessão entre a educação e a educação cristã. Na sequência, foram analisados alguns paradigmas educacionais que refletem o ministério da pessoa leiga e, por fim, foi analisada a reflexão teológica como função e direito de todos e ainda as redes sociais e sua contribuição para a resposta a questão de pesquisa.

A análise dessa dimensão teórica considerou os achados das dimensões histórica e bíblica no intuito de demonstrar a aplicabilidade e atualidade dos achados, promovendo assim a triangulação dos dados.

O estudo dessas dimensões evidenciou as contribuições do ministério de educação da pessoa leiga para o crescimento da igreja. Para isso, o *corpus* desta pesquisa foi definido a partir dessas três dimensões.

Para as perspectivas histórica e bíblica foram considerados os seguintes parâmetros preliminares de busca: a relevância para as igrejas batistas da CBB e o crescimento da comunidade evidenciado no período analisado. Nesse sentido, optou-se por textos de historiadores relevantes entre os batistas e em dois principais documentos de fé dos batistas: declaração doutrinária e princípios.

Na perspectiva bíblica, o principal *corpus* analisado foram as perícopes de Lucas 9: 1 – 10 e Lucas 10: 1 – 20. O Evangelho de Lucas foi escolhido como texto de busca primária, dado ser o único evangelho que possui as duas narrativas de envio dos doze discípulos e dos setenta e dois discípulos e discipulas.

Como suporte de análise foram usados comentários, livros e artigos. A coleta de dados para análise da dimensão teórica foi bibliográfica, tendo como aspecto prioritário de escolha teorias educacionais modernas capitaneadas por importantes nomes da educação moderna e da educação cristã moderna, cujo propósito foi o confronto com os achados das dimensões anteriores.

Foram utilizadas fontes bibliográficas e documentais em busca de uma maior abrangência dos dados relacionados à temática de estudo. A pesquisa bibliográfica e documental permite “cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”<sup>14</sup>.

Diante disso, a seleção bibliográfica trabalhou com textos clássicos, em especial na dimensão histórica, e textos, preferencialmente atestados por pares. As visões narradas por autores e autoras e pelos documentos consultados buscam levantar fatos que se repetem, reforçam e se apresentam como paradigma quanto ao tema de pesquisa.

O *lôcus* de pesquisa considerou as igrejas da CBB. É uma pesquisa exploratória que tem como “finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, [...] Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental”<sup>15</sup>.

Quanto aos procedimentos é bibliográfica e documental.—A metodologia adotada para a análise dos dados é a qualitativa, em especial a análise de conteúdo que é definida por Bardin, como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.”<sup>16</sup> Para Gil a pesquisa qualitativa como “um processo não

---

<sup>14</sup> GIL, 2014.p. 50.

<sup>15</sup> GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2014.p. 27.

<sup>16</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2020.p. 40.

matemático de interpretação”<sup>17</sup> cuja finalidade é “descobrir conceitos e relações entre os dados e organizá-los em um esquema explicativo.”<sup>18</sup> Para esse autor, essa modalidade de pesquisa “ênfatisa a natureza socialmente construída da realidade”<sup>19</sup>.

O Quadro 2 apresenta o protocolo adotado no percurso metodológico desta pesquisa.

Quadro 2 - Protocolo de Pesquisa para análise de conteúdo

Dimensões	Objetivos específicos	Técnicas de coleta de dados	Fontes de informação	Técnica de análise de dados
Histórica	Analisar na história de formação da igreja Batista no Brasil e nos seus principais documentos a importância do ensino e do trabalho realizado pela pessoa leiga no crescimento da igreja	Bibliográfica; Documental;	Relatos históricos dos batistas; Documentos oficiais da CBB.	Análise de conteúdo
Bíblica	Verificar e analisar o ensino de Jesus, seus métodos, sua equipe, sua concepção de ser humano e sua relação com o ministério da pessoa leiga.	Bibliográfica	Relatos do ministério de Jesus, a partir do Evangelho de Lucas.	Análise de conteúdo
Teórica	Analisar o ministério de ensino da pessoa leiga a luz da educação cristã buscando fundamentos que o incluam como ator importante no processo de ensino cristão.	Bibliográfica.	Teorias modernas da educação, entre elas: Didática Magna, Paulo Freire; Vygotsky;	Análise de conteúdo.

Fonte: autora

Esta dissertação, conta com cinco capítulos, incluindo esta introdução e a conclusão. Eles estão conectados aos objetivos deste trabalho. A introdução, constitui o primeiro capítulo onde é apresentado o contexto, os objetivos, a metodologia, as justificativas e relevância do conteúdo da pesquisa.

No capítulo dois são apresentados os fundamentos da dimensão histórica e destaca a educação e a pessoa leiga na história dos batistas. No capítulo três, a discussão foca na pessoa leiga no contexto do ministério de Jesus.

No capítulo quatro a abordagem chama os fundamentos das teorias educacionais. As conclusões são apresentadas no capítulo cinco.

<sup>17</sup> GIL, 2021.p. 97.

<sup>18</sup> GIL, 2021.p. 97.

<sup>19</sup> GIL, 2021.p. 32.

## 2 EDUCAÇÃO E A PESSOA LEIGA NA HISTÓRIA BATISTA

O estudo da história e de seus documentos é de fundamental importância para a identificação dos conceitos e dos valores definidores de quem somos e de como chegamos aonde estamos. Tudo é uma construção, quem somos é resultado de quem foram nossos antepassados e antepassadas e de como recebemos suas influências. Mesmo quando rejeitamos as definições passadas, somos influenciados e influenciadas por elas.

A história é construção. Diante dessa compreensão e com o objetivo de buscarmos no passado resposta para questão de pesquisa: como o ensino e o leigo contribuíram para o crescimento da igreja batista? Fez-se uma viagem pela história e por alguns dos documentos batistas da Convenção Batista Brasileira – CBB.

Ressaltando o crescimento, Pereira destaca que “em 15 de outubro de 1882, cinco pessoas estabeleceram a primeira igreja batista brasileira. Cem anos depois, são 3.500 igrejas, com cerca de 650 mil membros.”<sup>20</sup> Hoje são aproximadamente 13.436 igrejas e congregações.<sup>21</sup>

A análise não observou a cronologia dos fatos, o trabalho não comporta este detalhamento histórico. A proposta buscou fatos e personagens que lançassem luz sobre a questão principal que investigou como a educação cristã, realizada por leigas e leigos nas igrejas batistas da CBB, pode contribuir para o crescimento e fortalecimento e engajamento da membresia.

Neste capítulo, foram apresentadas definições e delimitações importantes para o garimpo a ser feito na dimensão histórica dos batistas, com vistas à construção do entendimento sobre o papel da pessoa leiga nas origens da igreja batista.

Com esse foco foi realizada breve análise nos primórdios dos batistas, a análise do período dos batistas nos Estados Unidos da América, de onde foram enviados os primeiros missionários ao Brasil. Em seguida, analisou-se a história dos batistas no Brasil com um especial recorte para o trabalho das mulheres, também foram objeto de análise dessa dimensão histórica os documentos de fé dos batistas da Convenção Batista Brasileira, em especial a Declaração Doutrinária dos Batistas Brasileiros e os princípios batistas, os quais forneceram elementos significativos para

---

<sup>20</sup> PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas no Brasil (1882 – 1982)**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.p. 313.

<sup>21</sup> Estatística dos Batistas da CBB. 2016.

compreensão dos princípios basilares dos batistas, entre eles, o princípio da liberdade do indivíduo.

Para buscar a identidade batista, resgatar as verdades de quem são e identificar suas raízes, a história dos batistas se mostra relevante para perceber, por meio do panorama histórico, quem é a pessoa leiga no contexto da educação cristã batista. Afinal, “um povo sem história tem sua identidade comprometida. Se não sabemos nossa origem, o nosso futuro poderá se perder na obscuridade.”<sup>22</sup>

A história sempre ensina e revela contextos significativos para compreensão dos fenômenos que afetam a atualidade. Com esse foco, salienta-se a importância de definir a pessoa leiga para os batistas e o que se chama de educação para esta investigação.

## 2.1 DEFINIÇÃO DE LEIGO

Inicialmente destaca-se a dificuldade em definir o termo leigo, tanto no contexto histórico batista como nos escritos bíblicos. Entre os Batistas encontrou-se a ressalva feita por Pereira que ressalta a impropriedade do termo para os batistas, dado que, “não havendo entre os batistas um clero, no sentido católico do termo, não poderia também haver um laicato”.<sup>23</sup> Apesar da ressalva, nos documentos oficiais da CBB, localizou-se as expressões leigos e vocacionados ou leigos e pastores. “A Convenção tem encontrado na cooperação dos pastores e leigos - homens e mulheres...”,<sup>24</sup> “...a liderança eficiente, leiga e vocacional”<sup>25</sup>. Essas manifestações reforçam a concepção de pessoa leiga como não vocacionada, não chamada. demonstram a concepção de que pessoas leigas e pastores e pastoras ou pessoas vocacionadas são grupos diversos e nesse sentido oferecem uma definição negativa do termo: a pessoa não ordenada ao ministério. No caso da igreja batista não-pastoras ou não-pastores.

---

<sup>22</sup> OLIVEIRA, Zaquel Moreira de. **Liberdade e Exclusivismo**: ensaios sobre os batistas ingleses. Rio de Janeiro: Horizonte, Recife; STBNB Edições. 1997.p.15.

<sup>23</sup> PEREIRA, 1985. p. 228

<sup>24</sup> SOUZA, Sócrates Oliveira de (org). **Pacto e Comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.p. 65.

<sup>25</sup> SOUZA, 2010.p. 52.

A definição demanda a análise do termo no contexto do ministério de Jesus, tema que será discutido no terceiro capítulo. Faivre tratando do tema, descreve o que chama de os “belos tempos em que não havia nem clérigo nem leigo.”<sup>26</sup> Portanto, nos dias de Jesus, em seu processo de ensino não se encontrará, como bem pontuou Faivre, nem leigo, nem clero, como concebido atualmente.

Silva, tratando do tema, ensina que “no Novo Testamento, o termo clero era aplicado a todos os fiéis batizados, pois o sacerdócio era dever de todos indistintamente.”<sup>27</sup> “O termo clero, portanto, tinha uma conotação totalmente diferente. Além disso, as palavras ‘leigo’ e ‘laicato’ são totalmente desconhecidas dos textos evangélicos.”<sup>28</sup>

Diante da pouca informação encontrada nos textos batistas e da inexistência nos relatos do Novo Testamento, outras fontes foram analisadas para compreensão da definição que fundamentou essa análise.

A definição de pessoa leiga conforme o Concílio Ecumênico Vaticano II.

Todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo (LG 31).<sup>29</sup>

A definição está cunhada fora dos estudos batistas, mas igualmente reforça a percepção anterior, podendo-se, portanto, definir a pessoa leiga como o não clero, o não membro da sagrada ordem, o não pastor ou pastora. Buscando a relação nos dias de Jesus, a pessoa leiga seria aquela que não fazia parte da casta sacerdotal, dos partidos e dos escribas reconhecidos pela sociedade religiosa judaica como autoridades competentes para interpretar, ensinar a lei e dizer como devia ser praticada.

Esses grupos e suas funções seguem demonstrados no Quadro 3.

---

<sup>26</sup> FAIVRE, Alexandre. **Os Leigos nas Origens da Igreja**. Petrópolis: Vozes. 1992.p.17.

<sup>27</sup> SILVA, José Antônio da. O leigo no magistério da Igreja: uma breve análise por meio dos seus documentos. **Revista de Cultura Teológica**, vol. 19. N. 74. Abr/jun. 2011.Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15343>. Acesso em 20/05/2022.

<sup>28</sup> SILVA, 2011, p. 75

<sup>29</sup> HANSEN, Jean Poul. **Leigo**: um conceito em evolução. Vida Pastora. Ano 59. N. 324. Disponível: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/leigo>. Acesso em 20/05/2022.

Quadro 3 - Sujeitos na Educação no tempo de Jesus

<b>Grupo</b>	<b>Principais características</b>
Sacerdotes	Função: dirigentes naturais dos judeus e dominavam o templo. Não eram partidos.
Escribas	Função: preservar a Lei, instruir seus alunos na Lei de Moisés. Não era uma seita ou um partido. Faziam parte dos vários partidos
Fariseus	Função: elaboravam interpretações e aplicações da lei; Eram um partido.
Saduceus	Função: eram considerados “os intérpretes da lei”; Eram um partido ou seita.
Essênios	Função: estudo comunitário de questões morais e religiosas e à interpretação do livro sagrado; Eram um partido ou seita.

Fonte: Carvalho; Daniel-Rops; Trebolle.<sup>30</sup>

A educação, no primeiro momento da investigação, histórico, foi tratada em sentido amplo, incluindo a educação secular, educação cristã, educação teológica, ciência realizada pelos batistas. Em um segundo momento, esses achados serão especificados para a educação cristã ou para a educação realizada na igreja.

## 2.2 ORIGEM DOS BATISTAS DA CBB

Existem três teorias relativas à origem dos batistas da Convenção Batista Brasileira. A teoria JJJ, Jerusalém/Jordão/João; a teoria de afinidade com os anabatistas do século XVI e a origem adotada pela CBB em sua narrativa histórica, origem no movimento separatista inglês do século XVII, o movimento puritano.

Entretanto, foi adotada neste estudo apenas aquela adotada expressamente pela Convenção Batista Brasileira em seus documentos oficiais, visto que a adoção expressa de uma teoria é relevante por ser fonte de definição da identidade da comunidade e, portanto, importante para a compreensão desse povo, sua caracterização e suas práticas.

<sup>30</sup> CARVALHO, 2019; DANIEL-ROPS, 2008; TREBOLLE, 1995.

Conforme o documento da Convenção Batista Brasileira, “Quem são os batistas,”<sup>31</sup> a história dos batistas origina-se no movimento puritano no século XIV. Santos manifesta-se no mesmo sentido, ao afirmar que “os puritanos e o movimento separatista<sup>32</sup> inglês são o pano de fundo para entender o surgimento dos batistas, suas influências e algumas de suas marcas distintivas.”<sup>33</sup>

É, também, neste sentido a manifestação de Azevedo que assegura que “é impossível entender o cristianismo protestante brasileiro, os batistas em particular, sem uma compreensão da reforma puritana.”<sup>34</sup> E, ainda, “as molduras dos quadros de referência no interior do qual navega o seu pensamento foram postas pelo puritanismo inglês originário e pelo puritanismo norte-americano dele decorrente...”<sup>35</sup>

Dessa forma faz-se necessário compreender o movimento puritano quanto a sua contribuição para o tema de estudo e a influência de Tomas Helwys para os batistas.

### 2.3.1 Movimento Puritano

Lopes, tratando do movimento puritano, com base em palestras do Dr. Douglas Kelley, destaca uma das ênfases do movimento:

...a ênfase que davam na importância da vocação de cada pessoa. Enfatizavam a necessidade de cada pessoa glorificar a Deus através da sua vocação secular. Sem dúvida, Martinho Lutero já havia ensinado o sacerdócio universal dos santos, e os Puritanos criam nisso. Mas eles desenvolveram a doutrina do chamado de Deus a cada pessoa muito além do que alguém fizera antes. Mesmo estudiosos marxistas do século XX, como o Prof. Arcangius de Leningrado, dá crédito aos Puritanos por terem elevado a moral da classe trabalhadora da Inglaterra naquele período. <sup>36</sup>

<sup>31</sup> SOUZA, 2010. p. 56 - 57

<sup>32</sup> Grupo, segundo Judson Lima, principalmente advindo do movimento puritano, que ao contrário dos primeiros almejavam a separação entre igreja e Estado, o que acontecia com a igreja anglicana.

<sup>33</sup> SANTOS, Judiclay S. Os batistas e sua herança reformada. **Teologia Brasileira**, revista online. nº 83, ano 2020. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/>. Acesso em 24/11/2021.

<sup>34</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do Indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004.p.64

<sup>35</sup> AZEVEDO, 2004.p. 453.

<sup>36</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **Puritanismo**. 1995. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/puritanos/>. Acesso em 20/11/2021. p.8.

Essa declaração destaca o chamado de cada pessoa cristã. Quanto ao chamado, não há distinção entre clero ou leigo, todos são igualmente importantes para o crescimento do Reino. Destaque é dado para a missão através da vocação secular. Nesse sentido o reino de Deus e seu desenvolvimento se dá por meio de todos os cristãos, em todos os lugares e todas as vocações.

Exemplifica essas ênfases, missão e educação, a vida de um dos mais conhecidos puritanos, John Bunyan, homem que, apesar da pouca educação formal, era profundo conhecedor da bíblia. Segundo Ferreira, “foi um dos autores mais influentes do século XVII. Embora tenha recebido instrução mínima, Bunyan foi um ativo pregador leigo no exército do parlamento e durante o período em que Cromwell esteve no poder, e assim continuou após a coroação de Carlos II.”<sup>37</sup>

O impacto da vida desse homem, em seus dias e nos atuais, não foi de nenhuma maneira mitigada pelo fato de ser um leigo. Ao contrário, reconhecendo sua missão e seu papel exerceu sua vocação com impactos profundos na história da igreja. Portanto, uma das primeiras marcas do movimento é reconhecer a vocação de todo cristão. Vale observar que a falta de educação formal, em Bunyan não foi obstáculo para a busca do conhecimento para a educação, outra ênfase do movimento.

A ênfase no valor da educação e o desejo de transformação da sociedade definiu a contribuição de grandes homens e mulheres.

Por mais importantes que tenham sido as contribuições dos ministros, é provável que a maior contribuição dos puritanos à história da Cristandade tenha sido dada por seus leigos. O mundo de fala inglesa nunca viu uma constelação de líderes políticos totalmente cristãos tais como o Lorde Regente Oliver Cromwell; o Governador de Massachusetts, Jonh Winthrop, ou o Governador de Plymouth, William Bradford.<sup>38</sup>

Ryken, lembrando fala de S. Eliot destaca que nossa filosofia de vida deve definir nossa teoria de educação e conclui: “Os puritanos teriam concordado. Nunca houve melhor exemplo de educação partindo de uma filosofia de vida do que o fornecido por eles.”<sup>39</sup>

<sup>37</sup> FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história**: das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida Nova, 2013. p.192

<sup>38</sup> ELWELL, Walter A (editor). **Enciclopédia histórico teológico da Igreja Cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. p.212.

<sup>39</sup> RYKEN, Leland. **Santos no Mundo**: os puritanos como realmente eram. São Paulo: Fiel Editora. 2013. p. 263.

Merton destacou que “os puritanos mantiveram o objetivo religioso da educação claramente à vista. Eles tinham grandes expectativas para a educação cristã, a qual concebiam muito abrangentemente.”<sup>40</sup>

A ênfase na educação e na vocação de todo homem e mulher são marcas do puritanismo. Segundo Teruya, “No plano educacional, a ética puritana exerceu forte influência na educação científica. A influência puritana fundamentou-se nas normas do utilitarismo e do empirismo; as quais conduziram os estudos da ciência e da tecnologia.”<sup>41</sup>

No mesmo sentido, Lopes falando da educação como princípio regulador puritano, explica que “nesse contexto, deveríamos observar a importância da vida puritana-familiar com sua instrução acadêmica e espiritual aos filhos, o que trouxe muitos frutos em termos de diligência e atividade dos Estados Unidos.”<sup>42</sup>

A tese da influência do puritanismo no desenvolvimento das ciências e na educação é analisada por Merton, que evidencia a influência dos valores do puritanismo no surgimento de um ambiente propício ao desenvolvimento das ciências. Segundo o escritor “um motivo recorrente é o de que o estudo da natureza serve à maior glória de Deus e ao bem do homem.”<sup>43</sup>

Uma das marcas distintiva do movimento puritano é a valorização da razão, que “conduziu inevitavelmente a uma atitude simpática para com aquelas atividades que demandam a aplicação constante do raciocínio rigoroso.”<sup>44</sup>

Ademais, para o puritanismo a ciência e a valorização do raciocínio metódico e, conseqüentemente, a educação são formas de glorificar a Deus e de reconhecer sua ação e bondade manifesta na criação. Isso ressalta o valor da educação como dever de todo homem que conhece a Deus e salienta sua responsabilidade diante dele. Merton, com o objetivo de demonstrar de forma mais concreta a real influência do puritanismo no desenvolvimento das ciências, declara que:

Os espíritos originadores da Sociedade (Sociedade Real) estavam marcadamente influenciados pelas concepções puritanas. [...] na lista original

---

<sup>40</sup> MERTON, Robert K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia/ Editora 34. 2013. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php>. Acesso em 10/01/2022 p. 24

<sup>41</sup> TERUYA, T. K. A ética puritana, a educação, a ciência e a tecnologia na Inglaterra do século XVII. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 26, n. 1, p. 117-121, 31 mar. 2004. p. 118.

<sup>42</sup> LOPES 1995.

<sup>43</sup> MERTON, 2013. p.18.

<sup>44</sup> MERTON, 2013.p.22.

de membros da Sociedade Real em 1663, 42 dos 68, a respeito dos quais há informação disponível sobre a orientação religiosa, eram claramente puritanos. Considerando que os puritanos constituíam uma minoria relativamente pequena da população inglesa, o fato de constituírem 62 por cento dos membros iniciais da Sociedade Real torna-se ainda mais surpreendente.<sup>45</sup>

A análise das ênfases apontadas por Merton lança luzes sobre a valorização da educação por homens e mulheres puritanos, com reflexos nas origens dos batistas brasileiros. Pode soar estranho a menção das mulheres, mas, falando sobre a influência e os feitos de Francis Bacon, esse autor relata que esses são frutos do “filho de uma mulher educada, eloquente e religiosa, cheia de fervor puritano.”<sup>46</sup>

Esse breve relato sobre os puritanos aponta um povo consciente da vocação e do valor do ministério de toda mulher e homem cristão, leigo ou clérigo; evidencia a importância da educação e da busca do conhecimento como um bem concedido a toda pessoa; frisa o valor do exercício da razão e enfatiza a responsabilidade individual. O movimento desenvolveu uma rede de princípios e ênfases que influenciaram a vida da pessoa cristã em todas as áreas. Entre essas, destaca-se Tomas Helwys, um ator importante que teve papel essencial para a fundação da primeira igreja batista no Brasil.

### **2.3.2 Tomas Helwys**

Segundo a CBB, a história dos batistas “começa com a organização da igreja em Spitalfields, “igreja dirigida exclusivamente por leigos”<sup>47</sup>, nos arredores de Londres, em 1612, por Thomas Helwys, “advogado, leigo de profundo interesse religioso e sinceridade,”<sup>48</sup> influenciado pelo movimento puritano e parte de um grupo separatista.

Considerando as raízes do nome Batista, a história começa com a organização da igreja em Spitalfields, nos arredores de Londres, em 1612, por Thomas Helwys e seus seguidores já batizados na igreja em Amsterdã. É esta igreja que agora inicia a linhagem de igrejas batistas que começam a crescer na Inglaterra sob severa perseguição por dissentirem da igreja oficial, a Igreja Anglicana.<sup>49</sup>

---

<sup>45</sup> MERTON, 2013.p.31.

<sup>46</sup> MERTON, 2013.p.18.

<sup>47</sup> AZEVEDO, 1996.p.78.

<sup>48</sup> OLIVEIRA, 1997.p.34.

<sup>49</sup> SOUZA, 2010. p.57.

Azevedo apresenta algumas convicções que marcaram o início dos batistas e estão espelhadas na vida de Helwys: “A Bíblia, [...], é o guia para todas as questões de fé e comportamento. A igreja deve ser constituída apenas de crentes, [...]. A igreja deve ser governada por todos os seus membros, não pelos bispos da igreja.”<sup>50</sup>

O grupo liderado por John Smyth e Thomas Helwys decidiu “fugir da Inglaterra, onde não havia liberdade religiosa, em direção à Holanda.”<sup>51</sup> É em busca da liberdade, marca dos batistas, que o grupo foge e organiza uma igreja onde todos, leigos e pastores, construíam a igreja e exerciam, com liberdade, sua fé.

O grupo tinha como líderes o “pastor (anglicano puritano) John Smyth (1570-1612) e o advogado (anglicano puritano) Thomas Helwys (1575-1616).”<sup>52</sup> Posteriormente, por discordar das convicções de Smyth, Helwys separou-se dele, exercendo assim o direito de liberdade pelo qual ambos lutavam e organizou a primeira igreja batista em “Spitalfields, nos arredores de Londres, em 1612.”<sup>53</sup>

Esse movimento de separação reflete as crenças que marcaram a organização da primeira igreja batista. As pessoas crentes fugiram lideradas por Helwys e Smith em busca da liberdade de pensamento. Esse anseio transformado em princípio tornou possível a aceitação de uma liderança leiga e desvinculada da igreja oficial. Nesse sentido, destaca-se três das convicções e ensinamentos de Helwys: crença na liberdade, capacidade, caráter sagrado do ensino.

A primeira convicção refere-se a sua crença na liberdade, exemplificada em sua própria vida. A segunda trata da capacidade de a pessoa leiga alcançar o conhecimento da verdade bíblica divina. Essa capacidade é destacada na importância do julgamento privado.

Helwys não colocava crédito nele próprio, e se considerava ignorante quanto aos assuntos divinos. Mas declarava ter sido esclarecido, mediante sua atitude de absoluta dependência de Deus e submissão ao Espírito Santo na interpretação das Escrituras. Tudo isso não é escrito para desprezar a Santa ordenança do ensino, mas para informar ao povo de DEUS [...] que ele pode ser capaz de experimentar o ensinamento de seus Mestres e não ser induzido a compreender as Escrituras como eles a expõem<sup>54</sup>.

---

<sup>50</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. **Eklesia**: o que mudou e o que não pode mudar na igreja. Rio de Janeiro: Prazer da Palavra, 2020. p. 69.

<sup>51</sup> AZEVEDO, 2020. p. 69.

<sup>52</sup> AZEVEDO, 2020.p. 69.

<sup>53</sup> OLIVEIRA, 2010.p. 57

<sup>54</sup> OLIVEIRA, 1997.p. 52

Ele acreditou no princípio da liberdade e foi firme na sua defesa e nesse sentido “apelou para a capacidade de o leigo obter o conhecimento da verdade divina.”<sup>55</sup> Esse princípio foi essencial para a convergência de ações que levaram a instituição da primeira igreja batista na Inglaterra.

A terceira convicção, ressalta o lugar de especial destaque do ensino, considerando-o uma ‘santa ordenança’. Helwys, sendo leigo, escreveu vários textos em que ressalta a importância conferida ao ensino. No entanto, entendia também que “Longos e tediosos cursos de estudo eram desnecessários, [...]. Assim que na busca da verdade deveria se ater apenas ao conhecimento bíblico e suplicar o entendimento que vem de Deus.”<sup>56</sup> O texto de Helwys parece demonstrar um certo desprezo pela educação, pela busca da capacitação. Nesse sentido, Oliveira observa que “certamente a grande maioria dos batistas hoje não aceita esse ponto de vista.”<sup>57</sup>

Na defesa da liberdade de que “cada homem deve encontrar a verdade religiosa à sua própria maneira,”<sup>58</sup> Helwys acreditava na capacidade e competência do indivíduo. “No que concerne à capacidade do leigo para interpretação e pregar a Palavra ele foi um exemplo vivo.”<sup>59</sup>

Essa breve análise da vida e ministério de Tomas Helwys apresenta uma igreja marcada pela defesa da liberdade de decisão, crença na capacidade de interpretação das escrituras e demonstra a presença ativa da pessoa leiga nos rumos formadores da igreja batista.

## 2.4 BATISTAS NOS EUA

A perseguição aos batistas e outros separatistas na Europa levou muitos a fugirem principalmente para as colônias da América do Norte em busca de liberdade, de uma nova vida e de sua terra prometida. A CBB em seu livro Pacto e Comunhão destaca: “os batistas se espalharam pelas diversas colônias da América do Norte e foram influentes na formação da constituição americana de 1781.”<sup>60</sup>

---

<sup>55</sup> OLIVEIRA, ,1997. p.52

<sup>56</sup> OLIVEIRA, 1997. p.52

<sup>57</sup> OLIVEIRA, 1997. p.52

<sup>58</sup> OLIVEIRA, 1997.p. 87

<sup>59</sup> OLIVEIRA.1997. p.65

<sup>60</sup> SOUZA, 2010. p. 57.

De acordo com Azevedo, “a América foi mesmo uma obra puritana.”<sup>61</sup> Nesse sentido foi marcada pelas ideias puritanas de que Deus é alcançável pela experiência pessoal e de que a conduta cristã deveria ser perfeita em todos os aspectos de sua vida. Dessa forma, observa-se que a influência das crenças puritanas que migraram para a América com os membros de várias igrejas vai marcar não somente a igreja americana, mas também a sociedade e a cultura.

Ao analisar a religião na história europeia das igrejas que emigraram para o Novo Mundo e das que se desenvolveram nos EUA, Niebuhr destaca que “a pregação leiga e a pregação feita por homens que, embora ordenados como pastores, não estavam separados de seus adeptos pelas marcas da educação e cultura superior,”<sup>62</sup> era a regra.

A presença ativa do ministério da pessoa leiga é uma aplicação vivencial do sacerdócio universal de toda mulher e homem cristãos, da crença na liberdade de estudar, definir-se conforme suas crenças e, ainda, ensinar e anunciar suas crenças. Nesse sentido, vale destacar o que a CBB entende por sacerdócio universal ou comum. O documento que informa os princípios batistas, em item específico destaca o sacerdócio do crente e informa:

O sacerdócio do crente. Cada homem pode ir diretamente a Deus em busca de perdão, através do arrependimento e da fé. Ele não necessita para isso de nenhum outro indivíduo, nem mesmo da igreja. [...] Ela entra no sacerdócio real que lhe outorga o privilégio de servir a humanidade em nome de Cristo. Deverá partilhar com os homens a fé que acalenta e servi-los em nome e no espírito de Cristo. [...]. Cada cristão, tendo acesso direto a Deus através de Jesus Cristo, é seu próprio sacerdote e tem a obrigação de servir de sacerdote de Jesus Cristo em benefício de outras pessoas.<sup>63</sup>

No documento que informa a filosofia da CBB, ao tratar dos objetivos e natureza da Convenção destaca ser finalidade capacitar as pessoas cristãs “para cumprimento de sacerdócio na igreja e na sociedade, a fim de que a presença do Evangelho se faça sentir influente na educação, [...] na ação social, [...] docente, profissional, intelectual e cristã eficaz.”<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> AZEVEDO, 2020.p. 220.

<sup>62</sup> NIEBUHR, H. Richard. **As Origens Sociais das Denominações Cristãs**. São Paulo: ASTE, 1992. p.91

<sup>63</sup> SOUZA, 2010.p. 41.

<sup>64</sup> SOUZA, 2010.p. 76.

Essa concepção de sacerdócio universal é coerente com o ministério da pessoa leiga encontrado na história dos batistas e fazia uma igreja ativa e relevante onde quer que estivesse.

Azevedo tratando desse Leigo, exercendo seu sacerdócio, no período de maior crescimento numérico dos batistas nos EUA destaca:

O pregador rural era encontrado comumente na fronteira batista: era um homem que, como seus vizinhos, tinha feito sua vida como sitiante, mas que, em acréscimo, tomava a direção da organização de uma igreja e da pregação do evangelho. Ele poderia ser entendido; mais ainda, ele podia ser encontrado, em grandes números, ao longo (...) da fronteira. As outras denominações tinham que esperar até que os amigos no Leste pudessem enviar um ministro adequadamente formado; os batistas não. A teologia era acessível, o ministro também.<sup>65</sup>

O pregador leigo é parte do povo, mesmo que ordenado não era um indivíduo de um extrato social diverso. Era parte da comunidade e compartilhava suas lutas e seus sonhos. Além de o pregador ser parte da comunidade e compartilhar suas vivências o fazer teologia era acessível, fazia parte do ser cristão. Em outras palavras, a partir da narrativa histórica, todos podiam refletir sobre a teologia.

Ainda falando sobre o crescimento da igreja batista, Azevedo enfatiza outros fatores que contribuíram para a solidificação dos grupos batistas: a luta pela liberdade religiosa e a organização das igrejas em associações voluntárias.<sup>66</sup> A voluntariedade é reflexo na crença na liberdade de escolha da pessoa cristã.

A pregação leiga foi uma das marcas definidoras do crescimento dos batistas. É possível dizer o mesmo em relação ao ensino desenvolvido pela pessoa leiga. Nesse sentido, Niebuhr, falando sobre o declínio de igreja separatistas, atribui o declínio a perseguições, dissensões internas e crença na desnecessidade do ministério educado e sermões preparados<sup>67</sup>, mas, ressalta que apesar desse declínio das demais igrejas, isso não aconteceu com a igreja batista. Para Niebuhr, a sobrevivência da igreja batista deveu-se a alguns ideais batistas.

A Igreja Batista manteve sua condição de Igreja americana e de fronteira na época do Grande Despertamento, quando se tornou o refúgio daqueles cuja religião de fronteira tornava difícil a permanência no congregacionalismo estabelecido. Estes encontraram nos ideais e práticas religiosas dos batistas as mesmas características que a lógica de suas próprias experiências parecia

---

<sup>65</sup> AZEVEDO, 1996. p. 117.

<sup>66</sup> AZEVEDO, 1996. p. 79, 80.

<sup>67</sup> NIEBUHR, 1992, p.97

requerer de uma Igreja, isto é: a consciente experiência de conversão dos adultos, a pregação leiga e a organização sectária.<sup>68</sup>

O ministério da pessoa leiga é resultado dessa concepção que reconhece a capacidade e o sacerdócio universal de toda pessoa. A organização livre das amarras das igrejas oficiais, organização sectária<sup>69</sup>, e a adesão voluntárias são reflexos dessa concepção de ser humano. Essas marcas abrem caminho para o ministério da pessoa cristã leiga como mola propulsora para o crescimento e solidificação da igreja batista nos EUA.

Azevedo ressalta o papel do pregador leigo no movimento popular de despertamento no Oeste, destaca que “por causa dos avivamentos (presbiterianos, batistas e metodistas) houve entre os migrantes um significativo número de leigos fortemente compromissados que se tornaram missionários sem qualquer comissionamento formal.”<sup>70</sup> Esse compromisso reflete a intencionalidade.

Essa pessoa leiga exercendo seu sacerdócio intencional e comprometido gerou significativo crescimento da igreja batista nos EUA. Pode-se exemplificar: “Massachusetts, as 6 igrejas batistas em 1740 chegaram a 30 em 1768 e a 92 em 1790; em Rhode Island, durante o mesmo período, os algarismos foram, em comparação, 11, 36 e 38; as 4 igrejas batistas de Connecticut em 1740 subiram para 58 em 1790.”<sup>71</sup>

Apesar da herança puritana, novamente encontra-se uma certa aversão ao conhecimento que afasta o pregador de sua congregação, da vida da comunidade, conforme observado por Niebuhr<sup>72</sup>, Azevedo<sup>73</sup> e refletido em Helwys. Nesse momento, a atitude parece ser uma reação ao perigo das superioridades culturais e da formação que naqueles dias autorizava homens da religião a decidir a fé do outro, a limitar a liberdade individual de crença, e a adoção obrigatória da interpretação da igreja e do clero.

A busca das igrejas em conquistar a América e o mundo, característica que moldou o protestantismo inglês, norte-americano e brasileiro gerou posições

---

<sup>68</sup> NIEBUHR, 1992. p. 107

<sup>69</sup> Sectária nesse texto é tratado como relativo à seita, religiões com organização de seitas, nesse sentido diversas das religiões dominantes. Essa organização propiciou a liberdade de indivíduos que por escolha se afastavam das religiões dominantes e limitantes e migravam para essas igrejas exercendo sua liberdade de escolha.

<sup>70</sup> AZEVEDO, 1996. p.199.

<sup>71</sup> NIEBUHR, 1992. p.107.

<sup>72</sup> NIEBUHR, 1992 p. 91.

<sup>73</sup> AZEVEDO,2020. p. 336.

paradoxais, como um certo Anti-intelectualismo derivado das crenças da razão e ênfase ao ensino. Em solo americano, um dos primeiros esforços dos colonizadores foi abrir escolas para seus filhos. As universidades, mesmo aquelas fundadas e mantidas por igrejas, mantiveram a liberdade na expressão da opinião e na orientação da pesquisa.<sup>74</sup>

Apesar do Anti-intelectualismo teológico, os pioneiros conferem ênfase na educação de seus filhos e de suas filhas e a criação de escolas para este fim. Uma estranha contradição, que, no entanto, não enfraquece o reconhecimento da capacidade de toda pessoa cristã de compreender as escrituras, de ter uma fé racional e de anunciar, mas sem dúvida enfraquece a educação cristã sem a qual o ministério da pessoa leiga não será eficaz.

## 2.5 BATISTAS NO BRASIL

A partir de 1865, americanos do Sul dos EUA, derrotados na guerra, imigraram para o Brasil para construir uma nova vida. Um dos grupos escolheu Santa Bárbara em São Paulo e, em 1871, no dia 10 de setembro organizou-se a Igreja batista em Santa Bárbara, tendo como pastor um dos colonos.<sup>75</sup>

Esse movimento é de certa forma similar ao que aconteceu nos EUA com o movimento migratório. Ressaltando-se que o pastor, Richard Raticliff, era colono, laborava a terra, tal qual todo o povo, ele conhecia sua linguagem e suas lutas e era parte da comunidade. Nesse sentido, Raticliff possui algumas das características, que fazem do ministério da pessoa leiga estratégia essencial para o crescimento e desenvolvimento da igreja.

[...]marco na história batista no Brasil foi a vinda para cá de colonos norte-americanos, após a Guerra de Secessão. Derrotados pelas forças do Norte, muitos sulistas pensaram em reconstituir suas vidas noutra lugar, e o Brasil foi o escolhido. [...]. Depois de bem assentados na nova terra, cuidaram de estabelecer também suas igrejas, e foi assim que o grupo batista fundou, em 10 de setembro de 1871, a Igreja Batista de Santa Bárbara. Trata-se da primeira igreja batista organizada em solo brasileiro.<sup>76</sup>

<sup>74</sup> AZEVEDO, 1996. p.144,145.

<sup>75</sup> SOUZA, 2010. p. 59.

<sup>76</sup> PEREIRA J Reis. **Breve história dos Batistas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.2ª ed. p. 88.

O início do trabalho batista no Brasil é, portanto, resultado do movimento do povo em sua vivência, da necessidade do encontro de fé e da atuação do povo de Deus sendo igreja. Não, de um movimento missionário planejado.

Apesar de a primeira igreja ter sido fundada em Santa Bárbara por imigrantes, a CBB decidiu, em 1968/1969, definir a data de 15 de outubro de 1882 como o início das atividades batistas no Brasil na Bahia. “15 de outubro foi instalada a Primeira Igreja Batista na cidade da Bahia, estando presente os membros da Igreja Batista de Santa Bárbara, na província de São Paulo.”<sup>77</sup>

Ao fazer essa opção, a Convenção Batista Brasileira registra alguns argumentos com o fito de justificar sua decisão. Destacam-se dois: a igreja em Santa Barbara era uma igreja voltada para atender, exclusivamente, aos colonos de língua inglesa e não tinha o objetivo de evangelizar os brasileiros.<sup>78</sup>

No entanto, contradizendo o argumento de desinteresse na evangelização, em carta de 11 de janeiro de 1873, encaminhada pela Igreja em Santa Barbara à Junta de Missões nos EUA, é feita a solicitação de envio de missionários ao Brasil para a evangelização do povo.<sup>79</sup> Outra questão ignorada é o apoio recebido pelos missionários chegados ao Brasil pelas duas igrejas batistas já existentes em território brasileiro.

Esse fato histórico ignorado pelos batistas brasileiros, no início, retrata um aparente desprezo ou esquecimento de uma das características que marcou a formação da primeira igreja batista, com Helwys, que definiu o crescimento da igreja batista nos EUA e que reflete o exercício de uma das marcas caracterizadoras dos batistas: o sacerdócio universal e, portanto, o valor do ministério da pessoa leiga.

A Convenção Batista Brasileira, na 89ª Assembleia, reconhecendo o equívoco, fez registrar que o trabalho batista no Brasil se deu em 1871, via imigração, e em 1882 via missões.<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> SOUZA, Edilson Soares de. **Diálogos (RE) Velados**: a trajetória e os discursos políticos-doutrinários dos Batistas Brasileiros 19974 – 1985. Tese de mestrado Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2008.p. 30

<sup>78</sup> PEREIRA, 1979.p. 88.

<sup>79</sup> SOUZA, 2008.p.20

<sup>80</sup> SOUZA, 2010, p.60

### 2.5.1 Pessoas leigas nos primórdios do trabalho batista no Brasil

Destacando o trabalho da pessoa leiga, “o primeiro homem convertido, pela leitura da bíblia, na Missão da Bahia foi um latoeiro chamado João Batista. Tornou-se tão profundo conhecedor da bíblia e bom pregador que, dentro de pouco, foi consagrado ao ministério.”<sup>81</sup>

É importante observar que muitos dos primeiros pastores batistas no Brasil, tal qual João Batista, foram ordenados ao ministério pastoral sem uma formação, com base em sua dedicação ao estudo da bíblia e na demonstração da competência em pregar o evangelho.

Joaquim Lessa, 1894, é também exemplo desse fato. Sobre ele Crabtree testemunha: “o irmão Joaquim Lessa tornou-se um dos maiores pregadores pioneiros em nosso país. Não teve a ventura de educar-se num colégio e seminário, mas sabia cultivar os seus dons naturais pelo estudo profundo da sua bíblia e a leitura de bons livros.”<sup>82</sup> Esse fato reforça a competência de toda pessoa cristã para estudar e compreender a bíblia e participar da reflexão teológica como aspecto comum da vida cristã.

A. T. Hawthorne, advogado, leigo, foi o grande incentivador, junto a Convenção Batista do Sul dos EUA, da obra missionária no Brasil. Também um leigo, Tomás Costa, foi o grande promotor da obra missionária brasileira em Portugal. Destacando o grande potencial do ministério da pessoa leiga, que vai a todos os lugares e intencionalmente realiza a missão de ensinar e anunciar.

Disse Salomão L. Ginsburg que se o Dr. Bagby não tivesse feito nada mais durante sua longa vida de serviço no Brasil, do que levar três homens valorosos aos pés do Mestre, sua vida já teria sido um sucesso! Um destes homens foi Tomás Costa, que em virtude de suas atividades comerciais, esteve em vários lugares do Brasil, sempre na liderança leiga das igrejas. Mas foi sobretudo o grande promotor da obra missionária batista brasileira em Portugal.<sup>83</sup>

A CBB elegeu, em 1910, e reelegeu, em 1911, um leigo como presidente. O médico e político piauiense Joaquim Nogueira Paranaguá,<sup>84</sup> que teve papel importante

---

<sup>81</sup> PEREIRA, 1985.p.23.

<sup>82</sup> CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil até o ano de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.p. 127.

<sup>83</sup> PEREIRA, 1985.p. 66.

<sup>84</sup> PEREIRA, 1985.p. 87.

em evitar um atentado contra o Missionário Zacarias Taylor. Era influente e com posses. De qualquer forma, fica claro, que não havia entre os batistas entraves normativos ou bíblicos que impedissem essa eleição.

Souza, no entanto, destaca que, no período de 1974 a 1985, todos os presidentes e vices eram pastores e homens e salienta: “essa condição revela uma postura conservadora por parte do plenário, inclusive com tendências clericais numa coletividade congregacional.”<sup>85</sup> Nesse sentido, mesmo não existindo entraves, a postura adotada pelos batistas ao longo dos anos, como atesta Souza, parece existir um clericalismo na direção da CBB.

Um fato interessante ocorreu em 1901, Francisco José da Silva, leigo, não era homem culto. “Ouvira o evangelho dos lábios daquela heroína batista, D. Archimínia Barreto, que naquele tempo era professora no lugar.”<sup>86</sup>

Em consequência do ministério de Francisco José da Silva, pessoas se converteram e desejavam se batizar. Dr. Taylor foi convidado para realizar os batismos, mas, não pode ir devido à grande perseguição aos crentes. Uma das novas pessoas crentes ansiosas pelo batismo e entendendo, a partir da leitura da bíblia, que não havia texto que proibisse Francisco de ministrar as ordenanças insistiu e o batismo foi realizado. Posteriormente, Francisco escreveu ao Dr. Taylor confessando que tinha errado contra a própria vontade.<sup>87</sup>

Até o momento, não se encontrou decisão da CBB que de forma expressa definisse a questão de a possibilidade de uma pessoa leiga realizar o batismo ou ministrar a ceia. Não há nos documentos batistas da CBB orientação que somente pastores possam ministrar as ordenanças. Não há declaração expressa que proíba o batismo pela pessoa leiga, mas há um costume que reconhece que essa prática cabe somente a pastores.

## **2.5.2 Mulheres: leigas para sempre**

Somente em 2014 a Ordem dos Pastores Batistas Brasileiros emitiu pronunciamento favorável a ordenação de mulheres ao pastorado,<sup>88</sup> no entanto isso

---

<sup>85</sup> SOUZA, 2008.p. 86.

<sup>86</sup> CRABTREE, 1962.p.250.

<sup>87</sup> CRABTREE, 1962.p. 250.

<sup>88</sup> TORGAN, Daniel Aquino. Debate sobre o ministério pastoral feminino na OPBB e as interpretações ao texto Bíblico de 1 Timóteo 2.9-15. **Revista Ensaios Teológicos** – Vol. 02 – Nº 01 – Jun/2016 –

não significou impedimento para elas desempenharem papel importante no desenvolvimento da obra batista no Brasil e deixarem sua marca muitas vezes não registrada.

Uma mulher que marcou a história dos batistas no final do Século XIX foi Archimínia Barreto, filha de um padre católico, vigário da próspera paróquia de S. Pedro, em Salvador. Era professora pública. Converteu-se ao ler um folheto e começou a escrever artigos para o jornal do missionário. Era também pregadora, chegando a assumir a responsabilidade do púlpito da Igreja Vila Nova mais de uma vez. Foi ela que, pela pregação, levou a Cristo Francisco José da Silva, a quem Taylor denominava “o apóstolo do Estado do Espírito Santo.”<sup>89</sup>

Muitas mulheres marcaram a história dos batistas e muitas histórias deixaram de ser contadas pelo simples fato de serem histórias de mulheres. No entanto, transcreve-se o reconhecimento de Emilio W. Kerr, em mensagem proferida a Primeira Convenção Batista Latino-americana em 1930, citado por Pereira em nota.

Senhores, por um cálculo pessimista, ousou declarar-vos, neste momento solene, que setenta por cento de tudo quanto se há feito entre os batistas brasileiros cabe às senhoras. [...] As senhoras arregimentam-se, reúnem-se em oração, marcam sessões de trabalho administrativo e manual, contribuem, estudam a Palavra em concerto, evangelizam pelo método predileto de Jesus – o individual, visitam e animam, animam e constroem pelo amor que constroem, alimentam os enfermos e pensam-lhe as feridas, distribuem folhetos, jornais e folhas avulsas, cumprem à risca os três pontos capitais do programa cristão: em primeiro lugar trabalham, em segundo trabalham, em terceiro trabalham.<sup>90</sup>

Apesar do reconhecimento do relevante trabalho da mulher entre os batistas, somente em 2014, “Luciana Pessanha Lacerda dos Santos se tornou a primeira mulher a ser reconhecida como pastora pela Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB), entidade ligada à Convenção Batista Brasileira (CBB).”<sup>91</sup>

Souza em tabela elaborada a partir dos anais da CBB dos anos 1974 a 1985 destaca a presença de uma mulher como 3ª vice-presidente da CBB. Helga K.

---

Faculdade Batista Pioneira. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/134/169>. Acesso em: 07/04/2023.

<sup>89</sup> PEREIRA, 1985.p. 70.

<sup>90</sup> PEREIRA, 1985.p. 352.

<sup>91</sup> TEIXEIRA, Marcela Prenda. Um século depois e a permanência dos discursos: evangélicas pela igualdade de gênero e o jornal batistas. **Revista Nures**, ano XV, número 36. 2017. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/>. Acesso em 31/01/2022.

Fanini,<sup>92</sup> esposa do Pr. Nilson do Amaral Fanini, presidente cinco anos no espaço de tempo analisado pelo autor.

Souza, em 2016, relata o número de pastoras da Convenção Batista Brasileira por regiões.<sup>93</sup>

Tabela 1 - Quantidade de Pastoras na CBB

Região do Brasil	Quant. de Pastoras	Observações
Região Norte	9 (nove)	Roraima não tem pastoras
Região Nordeste	53 (cinquenta e três)	Rio Grande do Norte não tem pastoras
Região Centro-Oeste	22 (vinte e duas)	
Região Sudeste	99 (noventa e nove)	
Região Sul	23 (vinte e três)	

Dados compilados por Souza, 2016.

As pastoras batistas possuem um grupo específico e realizam congressos específicos, o que parece demonstrar a falta de aceitação do grupo feminino entre os pastores. Em 2022, na diretoria da Ordem dos Pastores, foi eleita uma mulher como secretária. Esses dados ressaltam que a concepção de que todos são chamados está limitada pela questão de gênero.

O crescimento dos batistas foi e continua a ser marcado pelo ministério das leigas, que apesar das limitações não desistem de exercer seu ministério junto a igreja. As mulheres batistas não precisam ser pastoras para cumprir sua missão. No entanto, esse relato demonstra que os batistas, ainda, tendem a um clericalismo masculino que não reflete os princípios da liberdade, marca dos batistas, nem a crença no sacerdócio universal de toda pessoa crente.

Stephanini, destacando o trabalho das mulheres na obra batista, ressalta a atuação como líderes de organizações, missionárias, plantadoras de igreja e “que realizam o trabalho que os pastores fazem. Evangelizam, ensinam, capacitam líderes, lideram, organizam e administram igrejas.”<sup>94</sup> O autor conclui questionando a justiça de permitir-lhes o trabalho, no entanto, negar-lhes o título.

<sup>92</sup> SOUZA, 2008.p.86.

<sup>93</sup> SOUZA, Valéria Vieira. **A (R)existência das vocacionadas ao ministério pastoral batista de São Paulo e a não filiação na ordem dos pastores batistas o Brasil em São Paulo (OPBB-SP)**. São Bernardo do Campo. 2016.p. 86. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1489/2/Valeia%20Vieira%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 21/11/2022.

<sup>94</sup> STEPHANINI, Valdir. Mulheres no ministério pastoral batista. **REFLEXOS**, ano XII, n. 19, 2018.p. 116. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/721/606>. Acesso em: 21/12/2022.

Fatos como o narrado em relação ao ministério pastoral feminino na igreja batistas contradizem os princípios históricos e documentais dos batistas da CBB.

## 2.6 EDUCAÇÃO NOS PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO BATISTA NO BRASIL

Crabtree, tratando dos últimos anos do século XIX, destaca a importância da educação, literatura escrita e das escolas para alcançar a influência, a aceitação e o prestígio social que foi aumentando. Os “batistas de hoje têm muita influência na vida social e política da pátria em comparação com a religião da maioria, mas com literatura, igrejas, escolas, colégios e outras instituições aumentam ano em ano o seu poder e influência.”<sup>95</sup>

A educação era, portanto, uma das estratégias escolhidas para aumentar a influência da igreja na sociedade. Nesse sentido, logo no início do trabalho batista, a partir de 1888, foram iniciadas as tentativas de criação de escolas batistas que ensinassem os filhos dos batistas e fossem meio de evangelização e influência.

Crabtree informa que o missionário Bagby reconheceu o interesse dos brasileiros na educação dos filhos e recomendou a criação de escolas. Tentativas foram feitas, “mas relativamente pouco se fez antes de 1900.”<sup>96</sup> O missionário, portanto, a partir da observação do interesse da sociedade buscou elaborar estratégia para o crescimento e o reconhecimento social da igreja batista. A estratégia foi a educação.

Os pioneiros deram grande ênfase à criação de instituições de ensino. Pereira destaca também a ênfase na importância da bíblia e a luta contra o analfabetismo que limitava o acesso individual do homem à verdade bíblica.<sup>97</sup>

Analisando o protestantismo no Brasil, Velasques ressalta algumas ‘técnicas avivalistas’ e o papel das escolas para o crescimento dos batistas.

Os batistas tiveram um crescimento constante, graças a manutenção de duas técnicas avivalistas, que eles transferiram, quase intactas, para o Brasil, a primeira foi o sistema farmer-preacher, evangelistas leigos<sup>98</sup>. A segunda foi o sistema de protracted-meetings, no Brasil transformadas em série de conferências evangelísticas. Ressalta ainda que, no Brasil, os batistas organizaram muitas escolas com o objetivo de ‘difundir a cultura

<sup>95</sup> CRABTREE, 1962.p. 134.

<sup>96</sup> CRABTREE, 1962.p 135.

<sup>97</sup> PEREIRA, 1985.p. 52.

<sup>98</sup> VELASQUES, Antônio Gouvêa Mendonça Prócoro Filho. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola. 1990.p. 104.

protestante usando métodos modernos'; formar uma elite protestante ou impactada pelos valores protestantes; evangelizar e funcionar como pre-seminário.<sup>99</sup>

Um dos destaques feitos por Velasques é a criação de uma elite protestante através da educação. Esse destaque ressalta a importância da educação para criar um povo que tivessem impacto na sociedade. Esse ponto ressalta a importância da soma do ministério da pessoa leiga com a educação cristã.

Implementando essa crença na importância da educação, em 1900, antes da criação da CBB, foi decidido pela criação de uma editora central, no Rio de Janeiro, a Casa Editora Batista. Esse fato revela uma das marcas dos missionários pioneiros, a valorização da página impressa para a divulgação de seus ensinamentos e suas crenças. É nesse sentido que Crabtree, destacando a importância da casa publicadora e a ênfase dos missionários, ressalta seus objetivos

uma casa publicadora batista para fornecer à denominação um bom jornal que servisse a todos os batistas brasileiros e exercesse a sua influência fora da denominação no preparo do povo para receber a mensagem batista. [...] produzir literatura para as escolas dominicais, [...] e livros para a educação e treinamento dos obreiros batistas.<sup>100</sup>

A CBB reconhecendo a importância da educação para o desenvolvimento do trabalho batista e o fato de haver somente dois pastores batistas brasileiros, João Batista e Antônio Marques, que pregavam o evangelho eficientemente, inicia esforços para prover ensino à liderança batista no Brasil.

Apesar dos esforços para a capacitação de obreiros, para divulgar os princípios batistas, para preparar literatura para o ensino nas igrejas, surgiu uma celeuma entre a liderança batista brasileira e os missionários. Pereira chamou de "Questão Radical"<sup>101</sup>. Essa teve suas origens prováveis na reivindicação de alguns líderes brasileiros por mais responsabilidades no trabalho batista no Brasil; por divisão igual dos recursos entre as ações de evangelização e de educação, dado que a maior parte era investida em educação, entre outras questões.

As reivindicações foram encaminhadas por 15 pastores batistas em 1921. Somente o pedido de aplicação dos recursos de forma igualitária na educação e na

---

<sup>99</sup> VELASQUES, 1990.p. 105

<sup>100</sup> CRABTREE, 1962.p. 135

<sup>101</sup> PEREIRA, 1985.p. 113

evangelização foi aceita. A demanda por maior responsabilidade no trabalho e a gestão das ofertas advindas da missão não foram aceitas.<sup>102</sup>

O evento parece demonstrar uma certa falta de compreensão dos batistas brasileiros, à época, do valor da educação cristã para a evangelização e conseqüentemente para o crescimento da obra batista no Brasil. A história batista no Brasil demonstra, na fala dos historiadores, Azevedo, Crabtree, Pereira, que a educação teve papel decisivo para o desenvolvimento, o prestígio e a evangelização e conseqüente crescimento da igreja batista nos EUA e no Brasil.

Uma outra questão a ser analisada é a estrutura criada para propiciar a educação religiosa<sup>103</sup> nas igrejas batistas. A estrutura proposta incluía quatro escolas: Escola Bíblica, de Treinamento, Missionária e de Música. Ao final da década de 1950, observou-se o aumento de organizações nas igrejas locais e a existência de organizações com objetivos limitados e aparentemente desnecessários. Diante disso foi realizada a I Conferência Nacional de Educação Religiosa e no mesmo ano foi realizada a II Conferência.<sup>104</sup>

As pessoas reunidas nestas conferências decidiram que o trabalho de educação religiosa deveria ser desenvolvido pelas quatro escolas, mantendo a estrutura existente e herdada dos batistas do Sul do Estados Unidos.

A inadequação da proposta foi detectada pela própria Convenção Batista Brasileira que, durante 20 anos, nomeou sem sucesso, aproximadamente, 15 grupos de trabalho para o estudo da questão: As grandes questões levantadas eram, entre outras: 1) inadequação do programa à realidade da maioria das igrejas batistas brasileira; 2) multiplicidade de organizações, com superposição de recursos humanos, atividades, programas, currículo; 3) competição entre as organizações, em virtude da alocação de horários e do programa da própria igreja, face às suas necessidades particulares.<sup>105</sup>

Em 1996, foi realizada a XII Conferência Teológica, sob o tema “Repensando a Denominação Batista Brasileira”. Uma das palestras ministradas, por Silvino Netto, sobre o tema “Repensando o Programa de Educação Religiosa da CBB”, ressaltou que somente nos anos 80 a CBB “adotou um novo programa com duas divisões –

<sup>102</sup> PEREIRA, 1985.p. 113 – 121.

<sup>103</sup> Os batistas, segundo J. Reis Pereira, consideram Educação Religiosa a instrução bíblica, doutrinária e moral que as igrejas ministram a seus membros ou frequentadores em todas as idades. (PEREIRA, 1985.p. 273)

<sup>104</sup> NETTO, Silvino. **Repensando o programa de educação religiosa da Convenção Batista Brasileira**. in: Teses da XII Conferência Teológica. Rio de Janeiro, 1998. p. 135.

<sup>105</sup> NETO, Silvino. **O Programa de Educação Religiosa da CBB**. in Teses da XII Conferência Teológica. Rio de Janeiro, 1998.p. 135.

Escola bíblica e Crescimento Cristão, continuando [...] com as mesmas organizações e os mesmos problemas.”<sup>106</sup> Esse fato retrata a resistência à mudança e ao fato de que a educação, tal qual o ser humano, é dinâmica, dado que tem como principal objetivo a pessoa.

Apesar do protagonismo dado à educação, era limitada por estruturas antigas e exportadas dos EUA. A educação, portanto, não era contextualizada à realidade brasileira. No entanto, um relato importante e exitoso, lembrando, mais uma vez, o relevante papel das mulheres na obra de educação cristã para o desenvolvimento da igreja batista e suas crenças é a história da Missionária Margarida Lemos, uma importante personagem na educação batista no Brasil.

Essa missionária, atuou como diretora do Colégio Batista de Tocantínia e sua atuação na educação do estado foi de tal monta que, em 2019, foi homenageada, *in memoriam*, no Senado Federal, pelo protagonismo feminino na sociedade brasileira, ressaltado na nota do Estado do Tocantins: “O secretário de Estado da Saúde, Nicolau Esteves, [...], visitou [...], a professora Margarida Lemos Gonçalves, [...]... o secretário destacou a importância que a missionária representa para o Estado.”<sup>107</sup> Essa é uma história exitosa do valor da educação cristã realizada por uma mulher leiga.

## 2.7 HISTÓRIA DA CBB CONTADA POR DOCUMENTOS

A análise da história dos batistas da CBB deve passar também por seus documentos, em especial, sua declaração doutrinária e seus princípios.

Souza destaca que “os tratados político-doutrinários, que também podem ser chamados de Confissões de Fé (ou Declaração Doutrinárias), constituíram-se em verdadeiros textos autorizados junto às instituições religiosas que os conceberam.”<sup>108</sup> Buscaram, também, “diminuir a subjetividade na interpretação da Bíblia, e legitimar um texto doutrinário autorizado.”<sup>109</sup> O protestantismo, portanto, busca solução para a subjetividade em textos autorizados chamados confissão. Esses documentos têm vários objetivos, além de criar parâmetros definidores ou limitadores.

---

<sup>106</sup> NETO, 1998.p. 135.

<sup>107</sup> SILVA, Íris. **Secretário da Saúde visita professora Margarida Lemos**. Secretária da Comunicação do Governo do Estado do Tocantins. 2012. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/>. Acesso em 26/02/2022.

<sup>108</sup> SOUZA, 2008. p. 37.

<sup>109</sup> SOUZA, 2008. p. 37.

Buscou-se, em exemplos de documentos de confissões de fé batistas, alguns dos objetivos desses documentos. Um dos objetivos foi a defesa ou informação de identidade, exemplo disso é a apresentação da Confissão de fé batista de 1644, que foi publicada em defesa “dos que se encontram sob essa calúnia e estigma, e que são frequentemente chamados de hereges e semeadores de divisão(...)”<sup>110</sup> Outro objetivo era ser um documento orientador para as igrejas batistas. Spurgeon em prefácio dirigido à Igreja em New Park Street Chapel escreveu algumas palavras sobre a confissão de fé batista de 1689:

Este pequeno volume não é emitido como uma regra autoritativa, ou código de fé, pelo que vocês devem ser constrangidos, mas como uma ajuda para vocês em controvérsia, uma confirmação na fé e um meio de edificação na justiça. <sup>111</sup>

Essa foi a primeira Confissão de Londres emitida “para distinguir batistas calvinistas recém-organizados dos batistas arminianos e dos anabatistas.”<sup>112</sup>

As confissões de fé batistas, portanto, tiveram e têm o objetivo de informar, diferenciar, pacificar, argumentar, defender suas crenças, edificar, ensinar. Não para constranger, respeitando, assim o princípio da liberdade. É documento de identidade, no entanto, diante das muitas declarações de fé pode-se compreender que esta identidade, para os batistas, não é imutável. Esses documentos contam a história da evolução do pensamento batista. Disso advém a relevância da análise desse documento, na atualidade, para o tema de pesquisa.

De acordo com Azevedo, as pessoas batistas dão pouca importância a esses documentos<sup>113</sup> por temerem que seu uso limite “a liberdade de pensamento ou investigação”<sup>114</sup> no campo religioso e “em outros campos da vida, preocupação expressa pelos batistas norte americanos em 1924.”<sup>115</sup> Essa reserva, contra credos

---

<sup>110</sup> MORATO, Francisco. **A Fé Batista**: Documentos da Fé Cristã, Bíblica, Histórica, Reformada e Confessional. São Paulo: Editora Estandarte de Cristo, 2020.p. 36.

<sup>111</sup> SPURGEON, Charles Harddon e outros. **A fé batista: documentos da fé cristã, bíblica, reformada e confessional**. São Paulo: O estandarte de Cristo, 2020. p. 71

<sup>112</sup> SPURGEON, 2020.p.73

<sup>113</sup> “Ao se tratar da fonte da religião, na visão batista, é preciso, antes, lembrar o papel atribuído aos credos religiosos. A relação com essas confissões é ambígua. Os batistas ingleses as escreveram em profusão; os norte-americanos deram-lhes menor valor, e os brasileiros praticamente as ignoraram. (AZEVEDO, 2020. P. 555).

<sup>114</sup> AZEVEDO, 1996.p.83

<sup>115</sup> AZEVEDO, 1996.p.83.

ou documentos que obriguem as pessoas cristãs, é uma realidade entre os batistas no Brasil.

Os primeiros batistas fizeram eco à afirmação da *Sola Scriptura* (somente a Escritura), feita por Martinho Lutero com muita convicção. E eles o fizeram porque queriam ser livres de todas as outras autoridades religiosas. Desde o começo os batistas afirmaram: 'Somente um Senhor, e nenhum outro mais!'. Nenhum papa, rei ou bispo poderia usurpar o senhorio de Cristo. Os batistas também afirmaram: 'Este Livro e nenhum outro mais!'. Com isso eles queriam dizer que nenhum credo, confissão ou declaração doutrinária de qualquer grupo eclesiástico ou concílio religioso jamais poderiam usurpar a autoridade da Bíblia.<sup>116</sup>

Além de compreender o papel da Declaração Doutrinária-DD entre os Batistas, é importante entender o processo de elaboração e os sujeitos envolvidos.

Em outubro de 1977, foi feita a sugestão de encaminhar proposta para a nomeação de uma comissão para atualizar a Declaração de fé da CBB. Na 60ª Assembleia da Convenção realizada em 1978, na cidade de Recife, foi nomeado Grupo de Trabalho – GT com o objetivo de atualizar o documento de fé dos batistas. Foi elaborado um anteprojeto da Declaração, publicado no Jornal Batista para conhecimento dos batistas de todo o Brasil e discutido nas 65ª e 66ª Assembleias Convencionais. As Assembleias Convencionais congregam batistas, pastores e leigos, de todas as igrejas batistas brasileiras.

Conforme destacado por Leite o texto final foi, nos termos descritos no relatório do GT, “particular e especialmente”<sup>117</sup> inspirado pela Declaração de fé do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil - DSTBSB.

O documento, resultado do esforço inicial de um Grupo de Trabalho composto por pastores; foi divulgado e debatido na Assembleia Convencional composta por pastores e leigos, todos com igual voto, e foi baseada especialmente pela Declaração de fé de uma das escolas de teologia batistas no Brasil. A composição do grupo ressalta o clericalismo. A valorização do texto advindo de uma das casas de ensino teológico, no entanto, é importante indício da valorização da educação.

---

<sup>116</sup> SHURDEN, 2018.p. 41

<sup>117</sup> LEITE, Jônatas Câmara. **A declaração doutrinária da Convenção Batista brasileira, sua historia e intertextos**. Vitória: Faculdade Unida de Vitória, 2014, p.50. Disponível em <http://bdt.d.faculdadeunida.com.br>. Acesso em 19/01/2022.

A forma de votação do texto final pelos batistas leigas, leigos, pastoras e pastores, ressalta a representatividade do documento para definição da identidade batista brasileira e, portanto, a importância da sua análise.

Para analisar a DDCBB sob o viés da educação e do ministério da pessoa leiga, serão selecionados os itens que refletem o ministério leigo, suas concepções e a educação cristã. A análise trabalhará com o documento batista “Pacto e Comunhão” e com o trabalho realizado por Leite que, como fonte secundária, compila várias informações dos anais da CBB.

### 2.7.1 Declaração doutrinária

O primeiro artigo da Declaração trata das Escrituras Sagradas, o livro texto da educação entre os batistas e a base de suas crenças. O item trata da autoridade da Bíblia Sagrada como “a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas as doutrinas e a conduta dos homens.”<sup>118</sup> Segundo Sayão,

tem a ideia de não ficar exageradamente preso a uma confissão de fé como se o elemento hermenêutico estabelecido em termos da confissão fosse suficientemente capaz de obliterar a realidade do texto bíblico em si. Este elemento aponta para a importância do texto em si e para a necessidade do indivíduo e as comunidades lidarem com o texto bíblico.<sup>119</sup>

O ser humano é, portanto, responsável em conhecer, estudar e assumir a responsabilidade de suas decisões. Segundo Sayão é um cristianismo assumido conscientemente.

Essa questão ressalta, ainda, a responsabilidade da igreja de ensinar e capacitar para essa conscientização. Aponta para o fato de que a Declaração Doutrinária não pode ter um fim em si mesma, não é a palavra final e, portanto, comporta discordâncias. A palavra final é a Escritura Sagrada e interpretá-la é papel de toda pessoa cristã.

Essas questões são reforçadas no texto da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira que trata do indivíduo e o define como,

---

<sup>118</sup> SOUZA, 2010.p. 13.

<sup>119</sup> SAYÃO, Luiz. A Relevância Contemporânea dos Princípios Batistas. **Conferência Teológica 2021 – Teologia e Missão: O Desafio Global**. Disponível em <https://www.youtube.com/>. Acesso em 21/01/2022.

Ser pessoal e espiritual, o homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e experimentalmente, a verdade revelada, e tomar suas decisões em matéria religiosa, sem mediação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso.<sup>120</sup>

O artigo acima, que trata da capacidade de toda pessoa, deve ser compreendido combinado com o artigo que trata do Espírito Santo e destaca:

Suas outras manifestações, constantes no livro Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência de universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que creem em Cristo. Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo.<sup>121</sup>

Esses dispositivos destacam a estratégia bíblica para o desenvolvimento da igreja, a capacidade do homem e da mulher de compreender a bíblia e o dom do Espírito Santo concedido a todos os que creem.

A capacidade hermenêutica é, segundo os batistas, de todos que creem e não de um grupo iluminado, não de um clero. Ressaltando, assim, mais uma vez a crença na importância do ministério da pessoa leiga.

O artigo que trata da igreja, define que “há nas igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos”<sup>122</sup>. Não há menção ao ministério de todas as pessoas cristãs. A ausência de menção ao ministério da pessoa leiga destaca uma aparente ausência de uma teologia do ministério de toda pessoa crente. A ressalva não é ao fato do reconhecimento de oficiais, mas a ausência do reconhecimento do ministério de toda pessoa cristã no dispositivo que trata de igreja. A igreja é a congregação e definir as funções implica reconhecer a missão da pessoa leiga na comunidade dos fiéis. Ressente-se essa análise da menção e/ou do reconhecimento do ministério da pessoa leiga e de sua importância para a identidade da comunidade chamada igreja.

O artigo décimo primeiro trata do ministério da Palavra e informa:

Todos os crentes foram chamados por Deus para a salvação para o serviço cristão. Entretanto, Deus escolhe, chama e separa certos homens, de maneira especial para o serviço distinto, definido e singular do ministério da sua Palavra.<sup>123</sup>

---

<sup>120</sup> SOUZA, 2010.p. 16

<sup>121</sup> SOUZA, 2010.p.17.

<sup>122</sup> SOUZA, 2010.p. 23.

<sup>123</sup> SOUZA,2010. p.26.

O artigo reconhece que toda pessoa crente é chamada para o serviço cristão, entretanto declara que o ministério da Palavra é específico de alguns cristãos especialmente chamados e separados para tal. Essa declaração ignora a contribuição dos pregadores e pregadoras leigos na história dos batistas e na atualidade. O ministério da palavra confunde-se com a pregação da palavra. Nesse sentido importa definir pregação. Kirst define.

Encaramos pregação como o termo genérico que abrange formas como: a evangelização, a fala missionária, o catecumenato em grupos na comunidade (grupos de jovens, mulheres, homens, casais, escola dominical, estudos bíblicos), os ofícios casuais (batizado, bênção matrimonial, sepultamento), a poimênica, o ensino religioso nas escolas, artigos e comentários na imprensa escrita, programas cristãos no rádio e na TV. Entendemos a prédica como uma dessas formas de pregação. O que a distingue particularmente da demais é sua vinculação litúrgica ao culto (normalmente dominical) da comunidade.<sup>124</sup>

O ministério da Palavra é ensino, é discurso, é evangelismo pessoal, é culto doméstico. Como atribuí-la somente a um grupo específico? E ainda, como falar em um grupo específico para o ministério da Palavra se os batistas entendem não ter, como ressaltado por Pereira, um clero no sentido católico do termo? Como falar de pessoas especiais separadas para esse ministério para as inúmeras congregações em que a palavra é ministrada por seus membros? O artigo da Declaração reforça a tendência, observada anteriormente neste trabalho, o clericalismo.

A DDCBB em seu artigo quatorze trata da Educação Religiosa e destaca a “palavra de Deus como o conteúdo essencial e fundamental neste processo”<sup>125</sup>. Importante observar neste tópico que não há expressão que defina a exclusividade, mas a fundamentalidade. Além disso, o artigo ressalta a essencialidade da educação para o desenvolvimento espiritual, moral e eclesial dos crentes e para sua capacitação para o serviço cristão. O texto destaca, também, que a educação cristã é um processo. Ele não se completa em um momento, é um aprendizado contínuo e constante. Nesse sentido não existem cristãos completos ou totalmente formados. Todos são incompletos e necessitados desse processo educacional.

O artigo XV trata da liberdade religiosa como “um dos direitos fundamentais do homem, inerente à sua natureza moral e espiritual” que “não deve sofrer ingerência

<sup>124</sup> KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 16.

<sup>125</sup> SOUZA, 2010. p. 28

de qualquer poder humano.”<sup>126</sup> Está aqui retratada uma das marcas distintivas dos batistas: a liberdade individual de estudar a bíblia e pautar-se conforme suas conclusões. Trataremos mais desse item na análise dos princípios batistas.

### 2.7.2 Princípios batistas

Aqui analisaremos outro documento batista da CBB, os princípios batistas. Os princípios são, segundo Landers, “linhas mestras de interpretação da fé cristã que distinguem os batistas das demais denominações.”<sup>127</sup>

Esse mesmo escritor destaca que a autoridade da bíblia e a competência do indivíduo são os princípios centrais da fé batista. A estes acrescenta o princípio da presença do Espírito Santo, argumentando pela sua essencialidade para a compreensão dos demais princípios batistas.<sup>128</sup>

Diante disso, nossa análise dos princípios ficará restrita a esses três. Mais uma vez, o trabalho é apreender o que esses princípios nos falam da pessoa leiga e da educação entre os batistas e em que esses princípios apontam para a valorização desse ministério educacional da pessoa leiga.

Landers tratando do princípio da autoridade das Escrituras Sagradas, do qual já tratamos na declaração doutrinária dos batistas da CBB, ressalta que “qualquer estudo das linhas mestras da fé batista tem que tratar da natureza da autoridade bíblica.”<sup>129</sup>

Coelho tratando do tema, lembra:

Nossa normativa são as Escrituras e nenhum outro documento. Ninguém deixará de ser batista por não aceitar a Declaração Doutrinária da CBB. Há grupos batistas que não a aceitam. Mas qualquer batista que negue a Bíblia como Palavra de Deus colocou em xeque seu caráter batista.<sup>130</sup>

Ainda, segundo esse escritor, toda a definição batista quanto à igreja e suas produções devem ser avaliadas pelas Escrituras. A questão a ser analisada é o que

---

<sup>126</sup> OLIVEIRA, 2010.p. 29

<sup>127</sup> LANDERS, Jonh Moroe. **Teologia dos princípios batistas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.p. 12.

<sup>128</sup> LANDERS, 1994.p.12

<sup>129</sup> LANDERS, 1994.p.15.

<sup>130</sup> COELHO, Isaltino Gomes Filho. **Os Grandes princípios Batistas**. 2009. Disponível em: [www.isaltino.com.br/](http://www.isaltino.com.br/). Acesso em: 12/02/2022. sem página.

esse princípio nos fala do ensino e da pessoa leiga? A resposta é simples: trata do texto básico do ensino e da responsabilidade de toda pessoa leiga em seu ministério.

Os princípios batistas conforme descritos no documento da CBB destacam que “o indivíduo tem que aceitar a responsabilidade de estudar a bíblia, com a mente aberta e com atitude reverente, procurando o significado de sua mensagem através de pesquisa e oração, orientando a vida debaixo de sua disciplina e instrução.”<sup>131</sup> É, portanto, dever de toda pessoa cristã estudar o seu livro texto e é dever da igreja lembrar essa verdade a seus membros.

Nesse ponto ressaltamos o princípio do Espírito Santo- ES como presença ativa na pessoa cristã. O texto da CBB declara que o Espírito Santo: “[...]habita no coração do crente, como advogado perante Deus e intérprete para o homem.”<sup>132</sup> É presença real e, portanto, é intérprete não para algumas pessoas cristãs, mas para todas.

O terceiro princípio que destacaremos é o que trata da liberdade. Ressaltando que os princípios anteriores são basilares para compressão dos parâmetros e limites do princípio da liberdade de todo indivíduo. Ou seja, a autoridade da bíblia está acima da liberdade individual. Implica destacar que a liberdade do cristão no exame das escrituras sagradas está limitada pelo texto bíblico. Essa liberdade é confirmada pelo Espírito Santo de Deus que capacita o indivíduo a buscar.

O princípio batista, que trata do indivíduo, ressalta o valor de todo homem. “O fato de ser o homem criado à imagem de Deus, e de Jesus Cristo morrer para salvá-lo, é a fonte da dignidade e do valor humano.”<sup>133</sup> Aqui está a principal base para que entre os da igreja batista não haja, pelo menos em tese, diferenças entre clero e leigo. Essa imagem em todos e o sacrifício por todos iguala toda a humanidade e define sua capacidade.

Destaca a competência de toda pessoa e que o indivíduo “é livre para aceitar ou rejeitar a religião; escolher ou mudar sua crença; propagar e ensinar a verdade como entenda, sempre respeitando direitos e convicções alheios.”<sup>134</sup> Assim é realçada a voluntariedade da fé e a liberdade para entendê-la e pautar-se conforme crê.

Landers tratando da liberdade do indivíduo destaca:

---

<sup>131</sup> OLIVEIRA, 2010.p.36

<sup>132</sup> OLIVEIRA, 2010.p.36

<sup>133</sup> OLIVEIRA, 2010.p.37

<sup>134</sup> OLIVEIRA, 2010.p.38.

Os batistas simplesmente levam o princípio da Reforma à sua plena expressão. Como o sacerdócio de cada crente sagra a relação de cada um diante de Deus, a doutrina batista da competência da alma enfatiza do lado humano, a independência de cada pessoa de interferência por parte de instituições ou outras pessoas.

O batista não passa uma procuração de todos os poderes para o cuidado de sua alma à sua igreja ou ao seu pastor.<sup>135</sup>

Essa liberdade defendida pelos batistas traz em seu bojo também uma responsabilidade conforme ressalta Shurden:

Alguns batistas querem ter o privilégio da interpretação pessoal da Bíblia, mas não querem ter o trabalho de se tornar intérpretes. Muitos batistas deixam que outras pessoas estudem a Bíblia por eles. Devemos distinguir entre o nobre privilégio de interpretar a Bíblia por nós mesmos e a responsabilidade de trabalharmos diligentemente para determinar o que seus autores queriam transmitir para nós.<sup>136</sup>

Na liberdade, pregada pela igreja batista, há o perigo do comodismo e de conceder a outros o direito de dizer e impor a interpretação sem construção coletiva. Esse é um dos perigos a ser evitado. Além do perigo de os indivíduos apreciarem a liberdade sem a responsabilidade de exercê-la com dedicado estudo, podemos citar o risco da perda da identidade. A liberdade pode conduzir também a interpretações sem conhecimento, sem pesquisa, sem estudo.

Certamente existe o perigo de interpretações errôneas, de divisões entre as igrejas e de heresias, mas deixar um grupo elitista fixar uma interpretação oficial da Bíblia é um perigo bem maior...Nada garante que uma grupo de intérpretes oficiais será fiel.<sup>137</sup>

Shurden destaca que, apesar dos perigos, esse princípio evita dogmatismos rígidos e irredutíveis. Esse princípio é essencial para o reconhecimento e estímulo do ministério da pessoa leiga e da educação cristã como meio para seu exercício eficaz. Crabtree entende que o êxito da autonomia<sup>138</sup> da pessoa “depende também da educação do povo.”<sup>139</sup>

---

<sup>135</sup> LANDERS, 1994.p.39

<sup>136</sup> SHURDEN, Walter B. **Quatro frágeis liberdades**: resgatando a identidade e os princípios batistas. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2018.p. 49

<sup>137</sup> LANDERS, 1994.p.52.

<sup>138</sup> CABTREE chama de individualismo, no entanto a análise do texto aponta como melhor opção o termo autonomia.

<sup>139</sup> CRABTREE, 1962.p.40.

Os batistas creem que cada indivíduo tem o direito e a responsabilidade de ler e interpretar a Bíblia para si mesmo. Infelizmente, alguns que afirmam que creem na Bíblia “de capa a capa”, nunca leram a Bíblia inteira. A simples afirmação de confiança na Bíblia de modo algum substitui a leitura bíblica. A vida espiritual sadia e dinâmica – tanto para o indivíduo como para as igrejas – exige que cada cristão leia e estude a Bíblia.<sup>140</sup>

Importa notar que a história dos batistas tem sua origem na luta pela liberdade, que o ministério da pessoa leiga, sua competência para interpretar a bíblia, a importância de capacitá-lo para ser mais que um ouvinte tem seu nascedouro neste princípio: a liberdade da pessoa cristã. Azevedo analisando a história dos batistas e os desdobramentos desse princípio destaca:

A experiência prática fez com que o princípio básico protestante, sobre o livre-exame das Escrituras, perdesse sua radicalidade. Isto não quer dizer que cada indivíduo não possa interpretá-las. Pode. No entanto, com o surgimento do denominacionismo, o critério hermenêutico precisou de um crivo objetivo paralelo à razão, sob o risco de dissolução do grupo religioso, que precisa se preservar. Este crivo voltou a ser a interpretação oferecida pela igreja, mas de um modo diferente do que acontece com a igreja Católica. Conquanto a declaração de 1677 tenha explicitado que há uma “regra infalível de interpretação” – “a própria Escritura” – cabe um papel hermenêutico à igreja. Assim, a autoridade não está mais baseada no magistério (formado por uma hierarquia), mas no ensino (contido na letra impressa) da igreja. Trata-se, pois, na experiência batista, da educação religiosa, que existe para garantir a coesão doutrinária.<sup>141</sup>

Interessa observar que o escritor ressalta o papel da educação cristã como meio para minorar, ou reduzir os dos eventuais perigos advindos da liberdade concedida a toda pessoa cristã. Os princípios que regem a prática cristã, a educação cristã e o sacerdócio universal são parâmetros que se encontram, entrelaçam e conferem eficiência a missão. Nesse sentido a Declaração Doutrinária e os Princípios Batistas buscam retratar as principais marcas históricas dos batistas, entre elas: o papel central das Escrituras; o valor da educação, o sacerdócio de todo crente e a liberdade e competência do indivíduo para estudar e compreender as Escrituras. No entanto, esses documentos, refletindo a história, refletem tendência ao clericalismo e, portanto, uma contradição com a narrativa escrita.

Araújo analisando a história dos batistas, em especial sobre a liberdade, marca batista, ensina:

---

<sup>140</sup> LANDERS, 1994.p. 52.

<sup>141</sup> AZEVEDO, 2004.p. 646

Na prática, todavia, tais ideias se mostram contraditórias na vida das pessoas que acreditaram na propaganda batista. Uma vez que alguém tenha feito uma decisão de aderir ao grupo e seguir sua mensagem teria, a partir de então, um treinamento e adestramento do pensamento e uma limitação da sua liberdade. Isso se daria por um programa de ensino sistemático através da Escola Dominical e por uma vigilância dos usos e costumes por parte da liderança da congregação local. Em outras palavras, os batistas, quando falavam de liberdade, restringiam o conceito do termo e o aplicam apenas como fundamentação para a propagação da sua mensagem.<sup>142</sup>

A análise realizada pelo historiador retrata a contradição observada. A igreja batista é fruto da luta pela liberdade de pensamento da pessoa, que deve nortear todos os aspectos da vida e, conseqüentemente, deve ser aplicado a liberdade religiosa para estudar e definir-se. Essa liberdade que propiciou a presença multiplicadora de pessoas pregadoras e ensinadoras leigas, no entanto, foi sendo minorada por práticas limitadoras, em especial o clericalismo exemplificado pela impossibilidade de a pessoa leiga batizar; o não reconhecimento do ministério feminino; a diminuição do valor da educação cristã em privilégio à evangelização, ignorando que o segundo tem origem no primeiro e na capacitação da pessoa cristã.

### 2.7.3 Análise documental do Livro Pacto e Comunhão no ATLAS.ti

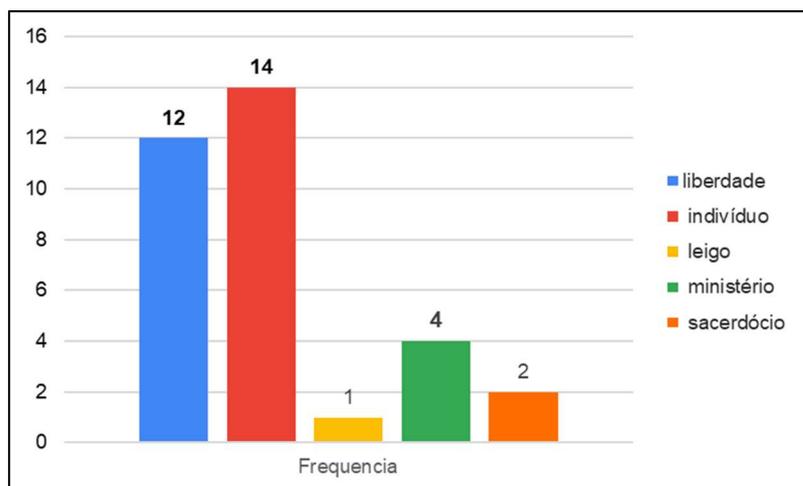
No software ATLAS.ti., procedeu-se análise do livro Pacto e Comunhão da CBB, onde foram codificados os seguintes termos: liberdade, pessoa, individuo, valor, ministério, sacerdócio. A análise qualitativa dos documentos batistas ressalta, em seu texto, uma concepção de ser humano que valoriza o indivíduo e destaca sua competência e liberdade.

Observou-se, após a frequência desses segmentos de textos em todo o livro analisado, assim, constatou-se o número de ocorrências desses códigos, conforme gráfico a seguir:

---

<sup>142</sup> ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. **Batistas**: dominação e dependência. São Paulo: Fontes Editorial, 2015.p. 79.

Gráfico 1 - Frequência de códigos no texto da CBB



Fonte: autora

As palavras liberdade e indivíduo apresentaram a maior quantidade de ocorrências relevantes para o tema do trabalho. A partir dessas duas ocorrências elaborou-se uma nuvem que destaca as principais palavras vizinhas aos termos liberdade e indivíduo. Essas palavras vizinhas criam todo um significado do que se quer falar.

Nesse sentido, quanto ao termo liberdade, que destaca princípio basilar dos batistas destacamos: responsabilidade, consciência, direito, livre, oportunidade, educação, cooperação, tolerância, indivíduo, proclamação, princípios. Essas e outras palavras destacadas ressaltam a concepção do princípio retratada no livro. Em resumo, pode-se aferir que a liberdade é princípio e direito do indivíduo que pressupõe consciência, responsabilidade, tolerância, proclamação, educação e cooperação. Vale destacar que, apesar de a nuvem de palavras incluir a educação (ensino, ciência, educar, propagar) como um dos temas próximos e relacionados à liberdade, há pequena ênfase no tema nos textos analisados.





da Declaração Doutrinária e dos Princípios Batistas, em especial a antropologia que valoriza o indivíduo e reconhece sua capacidade e quanto a centralidade do princípio da liberdade.

## **2.8 PANORAMA DOS BATISTAS E O MINISTÉRIO DA PESSOA LEIGA NO BRASIL**

A partir de recortes históricos relevantes nos documentos sobre os batistas no Brasil e o ministério da pessoa leiga foi possível construir um panorama da narrativa histórica da CBB e perceber a influência do movimento puritano em seu início, definindo princípios e uma antropologia que marcou a igreja batista.

Em todos os elementos documentais analisados, observa-se que a narrativa da origem dos batistas no Brasil está marcada pelo valor da educação e do protagonismo da pessoa leiga. Por certo, os batistas da CBB reconhecem a importância de todo crente estudar a bíblia e pautar-se conforme seu entendimento.

A história revela a essencialidade do ministério da pessoa leiga, para o crescimento batista. No entanto, aos poucos essa concepção fundada no princípio da liberdade, marca dos batistas, começa a se dissipar, uma vez que vai sendo substituída por um clericalismo masculino. Assim, constata-se que, aos poucos, o espaço dado a pessoa leiga e as mulheres para exercerem a liderança e o ensino começa a ser limitado.

Apesar dessa contradição observada fica claro que a pregação e o ensino da pessoa cristã leiga foram essenciais para o crescimento batista nos EUA e no Brasil. Nesse sentido, o princípio da liberdade e a antropologia foram os fundamentos para o ministério da pessoa leiga e a educação foi o método para promover o crescimento dos batistas e seu avanço na evangelização do Brasil. Cotejando a narrativa histórica com os números apresentados no Censo 2010, infere-se que esta combinação tem sido minorada ao longo dos anos, perdendo sua eficiência ou abandonando paradigmas necessários.

Ademais, não se pode negar que o princípio da liberdade como base da formação da igreja batista; o sacerdócio universal da pessoa cristã como motivador de uma antropologia que acredita na capacidade e no ministério de toda pessoa cristã são elementos que validam o ministério da pessoa leiga.

Por outro lado, a crença no valor da educação é a mola propulsora que garante o crescimento, o fortalecimento e a aceitação social das igrejas batistas.

Por fim destaca-se que o ministério da pessoa leiga conforme as narrativas selecionadas é o ministério do igual, do que está ao lado, que compartilha as lutas,

contextualizado, é intencional e voluntário. Essas características estão presentes nos movimentos de migração que resultaram no movimento batista nos EUA e no Brasil.

### 3. A PESSOA LEIGA NO CONTEXTO DO MINISTÉRIO DE JESUS

Na atualidade existem inúmeras teorias da educação, cujos pressupostos básicos destacam a visão de ser humano, a definição de educação e seus objetivos, além de seus processos e métodos específicos e diferenciadores. Importa lembrar que as teorias atuais são construções advindas das teorias passadas.

Essa análise apropriou-se dos fundamentos da teoria de educação de Jesus de Nazaré, reconhecidamente para os cristãos e cristãs em todo o mundo como o mestre dos mestres. A opção pela análise do ensino de Jesus primeiramente, se dá pelo fato de Jesus ser mestre, Senhor e exemplo para pessoas cristãs. Além disto, a amplitude alcançada pelo ministério de Jesus, que mesmo restrito a um pequeno povo, demonstra crescimento e alcance exponencial posterior a sua morte. É o que ressalta Won ao tratar da visão do ministério de Jesus.

A microcosmovisão cristã, que permaneceu merecendo o prefixo micro nos seus primeiros dois séculos de existência, contrapôs-se radicalmente à macrocosmovisão greco-romana.

O avanço do cristianismo nos séculos posteriores vai demonstrar que a alternativa oferecida pelo evangelho, a microcosmovisão, superou e substituiu em grande medida a macrocosmovisão grega até então reinante.

<sup>143</sup>

Os resultados alcançados por Jesus são paradigmáticos e avaliá-los pode contribuir para a compreensão de seus pressupostos.

O objetivo na construção deste capítulo consiste em analisar, a partir do ministério de Jesus, o papel da pessoa leiga na educação cristã e sua contribuição para o crescimento e o fortalecimento da membresia da igreja batista. O ministério de Jesus é exemplo a ser seguido. Pazimiño destaca que o ensino de Jesus transforma a vida de seus ouvintes.

As pessoas que aceitaram a fé cristã, ou melhor, que foram aceitas por Jesus Cristo, têm no ministério de Jesus um exemplo, um modelo para ensino. O modelo de Jesus é desenvolvido pelos professores cristãos que permanecem na tradição de Jesus, que transformou a vida de seus ouvintes de maneiras variadas. O contato com o Cristo ressurreto continua a ser o objetivo final do ensino cristão para que as pessoas possam glorificar a Deus e se deleitar nele agora e para sempre.<sup>144</sup>

<sup>143</sup> WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p.282

<sup>144</sup> PAZIMIÑO, Robert W. **Elementos básicos do ensino para cristãos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.p.10.

O modelo de Jesus propicia os pressupostos essenciais para o ensino cristão na igreja. Segundo Araújo “o ensino de Jesus foi a base para o surgimento da Igreja,”<sup>145</sup> conseqüentemente, deve-se buscar no seu ensino a resposta à questão de pesquisa analisada: como o ministério de educação cristã realizado por pessoas leigas pode propiciar crescimento da igreja batista e o fortalecimento de sua membresia?

O esforço consistiu em, a partir da definição de leigo anteriormente analisada, investigar se nos ensinamentos de Jesus é possível enxergar a inclusão dessa pessoa leiga no chamado para o ministério de educação cristã. Nesse intuito, convém destacar que essa investigação será realizada por meio da análise do ministério de Jesus e de seus seguidores no terceiro evangelho.

A análise baseou-se na observação de envios descritos no Evangelho de Lucas. O texto de Lucas 10: 1 – 11 aborda o envio dos setenta e dois discípulos e discipulas, e é exclusivo desse evangelho, não havendo parâmetro para uma análise comparativa com o mesmo relato em outros evangelhos. A comparação foi realizada com o envio relatado no texto de Lucas 9. 57-62 e o envio dos doze discípulos no Evangelho de Lucas 9.1 - 19.

Além disso, o contexto de educação nos dias de Jesus e os sujeitos envolvidos na educação da época também foram analisados. Por fim, foi examinada a concepção de ser humano advinda do ensinamento de Jesus.

### **3.1 MINISTÉRIO DE PESSOAS LEIGAS NO EVANGELHO DE LUCAS**

Foi analisada a aplicabilidade do conceito de pessoa leiga, inicialmente, aos doze discípulos e em um segundo momento, ainda, especificamente, no ministério de Jesus, a aplicação do conceito foi avaliada nas características dos setenta e dois.

Preliminarmente, importa reconhecer que de acordo com a definição, no contexto do Judaísmo da época de Jesus, o próprio Jesus era leigo dado que não fazia parte da elite sacerdotal, dos doutores da lei e da elite detentora do conhecimento e capacidade de interpretar as escrituras e oferecer ao povo aquilo em que devia crer e seguir. Nesse sentido o movimento de Jesus era um movimento leigo.

---

<sup>145</sup> ARAUJO, João Pedro Gonçalves. **Discipulado consistente**. São Paulo: Vital Publicações. 2018.

Alguns fatos são importantes para essa conclusão, além da análise dos personagens escolhidos.

### 3.1.1 Evangelho de Lucas: autoria, destinatários e objetivos

Para a análise proposta é importante definir questões de fundo essenciais para a compreensão do texto escolhido. L'Eplattenier explica que essa "parte do evangelho foi reconhecida há muito como construção original de Lucas, caracterizada pelo tema da subida para Jerusalém."<sup>146</sup>

Nesse sentido, as questões que trataremos neste primeiro tópico são: quem foi o escritor do terceiro evangelho? quem eram os destinatários? qual o propósito do livro de Lucas e como o texto escolhido se encaixa nesse propósito?

Allen, tratando da autoria do Evangelho de Lucas, informa que "as evidências existentes têm levado a grande maioria dos eruditos a crer"<sup>147</sup> que Lucas era gentio. Algumas das evidências apresentadas pelo autor são:

O prefácio ao Evangelho indica que ele se identifica com os literatos helênicos. O seu domínio do idioma grego o coloca, juntamente com o autor de Hebreus, [...]. Com exceção de uns poucos usos de "amém", ele evita completamente as palavras semitas. [...] têm-se a impressão genérica de que ele está se dirigindo a pessoas cuja herança racial e cultural ele compartilha.<sup>148</sup>

Ainda quanto a autoria, Morris argumenta:

A tradição afirma unanimemente que este autor é Lucas. É atestado pelo herege primitivo Márciom (que morreu c. de 160 d.C.; Lucas era o único Evangelho no seu cânon), no Fragmento Muratoriano (uma lista dos livros aceitos como parte do Novo Testamento; usualmente sustenta-se que expressa a opinião em Roma no fim do século II), no Prólogo anti-marcionita de Lucas (que também diz que Lucas era nativo da Antioquia, que era médico, que escreveu seu Evangelho na Acaia, e que morreu aos 84 anos de idade, solteiro e sem filhos), por Irineu, por Tertuliano, por Clemente da Alexandria, e por outros.<sup>149</sup>

<sup>146</sup> L'EPLATTENIER, Charles. **Leitura do Evangelho de Lucas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.p.101.

<sup>147</sup> ALLEN, Clifton J. ed.ger. **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.p.14.

<sup>148</sup> ALLEN, 1983.p.14.

<sup>149</sup> MORRIS, Leon L. **O Evangelho de Lucas**. São Paulo: Edições Vida Nova, Editora Mundo Cristão, 1974.p.13

Apesar da ênfase de Morris quanto a unanimidade, existem argumentos em contrário. Guerra e Da Silva destacam que “segundo tendência de uma análise sociológica do Novo Testamento existem os estudos que atribuem autoria deste Evangelho a um círculo ou comunidade lucana, proveniente da tradição apostólica enraizada em Lucas.”<sup>150</sup> Bailey reconhece que não há consenso acerca da autoria do terceiro evangelho.<sup>151</sup>

Saber quem são os destinatários do evangelho de Lucas, é a segunda questão a ser respondida. O Comentário Bíblico Broadman apresenta duas possibilidades para interpretar a identidade de Teófilo.

A ideia tradicional e mais comum é que ele havia sido instruído no evangelho, por pessoas que estavam procurando ganhá-lo para o cristianismo. Uma possibilidade totalmente diferente tem sido levantada por outra sugestão. De acordo com ela, Teófilo era um oficial romano que tinha uma noção distorcida a respeito do cristianismo, devido a informações errôneas, que havia recebido.<sup>152</sup>

Barbosa destaca que o público-alvo de Lucas consistia em um “público misto, oriundo do judaísmo e de outras religiões no entorno do Mar Mediterrâneo e, os destinatários podem ser as comunidades paulinas da segunda geração, espalhadas especialmente pela Grécia, Macedônia e Ásia Menor.”<sup>153</sup>

Lucas e o seu “excelentíssimo Teófilo” — ao qual dedica as suas duas obras (o Evangelho e os Atos) — são a mesma coisa, são do mesmo tipo, perseguem os mesmos objetivos, participam das mesmas verdades e dos mesmos acontecimentos. Procuram a segurança ( “asfaleian”), a firmeza da verdade e a encontram . Cada livro é um espelho do autor, trazendo em si e revelando sempre alguma coisa dele. Isso acontece também com Lucas: ele está refletido seus livros, e o Evangelho espelha a sua experiência cristã. Pode-se entrever a alma do autor, especialmente no uso de certos adjetivos, verbos, trocas de pessoa ao referir as palavras de Jesus, ou quando ele trata,

<sup>150</sup> GUERRA, Danilo Dourado; DA SILVA, Lucas Ferreira Barbosa. Os ricos e os excluídos no evangelho de Lucas: uma abordagem de Lc 6, 20-23. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v..30, n.3, p.486-500, 2021.p. 489

<sup>151</sup> BAILEY, Keneth E. **As parábolas de Lucas: a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural**. São Paulo, Vida Nova, 1985, p. 237-238.

<sup>152</sup> ALLEN, 1983. p. 32

<sup>153</sup> BARBOSA, João Cândido. **Espiritualidade e estilo de vida: contribuições éticas, econômicas e sociais a partir do evangelho de Lucas**. 2017. p. 24. Disponível: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3761/2/JO%c3%83O%20C%c3%82NDIDO%20BARBOSA.pdf>. Acesso: 19/04/2023.

recebe e elabora episódios típicos da atividade do Senhor. Esses aspectos ao espírito de Lucas, em última análise, são paralelos aos temas teológicos característicos do autor.<sup>154</sup>

Nesse sentido, o evangelho é escrito por um gentio para gentios. Por outro, Keener, sobre Teófilo, informa que “o nome era comum entre os judeus [...]” e que a expressão “‘Excelentíssimo’ pode significar, literalmente, que Teófilo pertencia a algum segmento da elite romana (a classe de cavaleiros).”<sup>155</sup>

Se Teófilo era alguém com informações erradas ou alguém a ser ganho para o evangelho, certamente, a argumentação de Lucas é igualmente relevante, dado que busca apresentar Jesus, o evangelho e a missão de forma organizada e contextualizada e com o aparente propósito de incluir os leitores na missão, no chamamento. Lucas escolhe as narrativas conforme seu propósito e a realidade de seu destinatário.

Outra questão a ser respondida: o propósito do Evangelho de Lucas. Nesse sentido a Bíblia de estudo NAA destaca que o Evangelho foi escrito “para que seus leitores compreendessem que o evangelho é para todos, tanto judeus como gentios”<sup>156</sup>. Allen, no mesmo sentido, destaca que “os escritores têm afirmado que esta obra precisa ser entendida, por exemplo, como polêmica política, como uma explicação da missão aos gentios...”<sup>157</sup>

Hendriksen destaca que o propósito imediato do terceiro evangelho é alcançar alguém estimado com um relato detalhado do evangelho. O propósito intermediário é “instruir o investigador sério e fortalecer a fé dos crentes”<sup>158</sup>, especialmente os de fala grega e convertidos do paganismo e, ainda, com propósito de alcançar todas as nações, incluindo samaritanos.

(...)não devemos esquecer que basicamente o assim chamado espírito cosmopolita é evidente por todo o Terceiro Evangelho, e era o espírito de Jesus. Por meio de seu ensino oral, o mesmo foi a “Fonte” primária de “L”,

<sup>154</sup> LANCELOTTI, Ângelo e BOCCALI, Giovanni. **Comentário ao Evangelho de São Lucas**. Petrópolis: Vozes, 1979.p 9

<sup>155</sup> KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.p. 207.

<sup>156</sup> Bíblia de Estudo NAA, 2018.p.1816

<sup>157</sup> ALLEN, 1983.p. 22

<sup>158</sup> HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas. Vol. 1**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.p. 36

assim como de todo o Terceiro Evangelho; sim, das boas-novas em todo lugar: a mensagem de salvação, plena e gratuita, concedida pela graça soberana de Deus a todos os crentes, judeus ou gentios.<sup>159</sup>

Keener, destaca vários temas especiais em Lucas: “o ministério de Jesus aos excluídos, aos religiosamente impuros, aos pobres e às mulheres – ênfase que prepara o caminho para o tema da missão aos *GENTIOS* no segundo volume, o livro de Atos.”<sup>160</sup> Nesse sentido pode-se concluir que o evangelho e a missão são para todos.

Segundo Catenassi, o tema do evangelho de Lucas não pode ser compreendido isoladamente do texto de Atos. No “Evangelho, Jesus caminha para Jerusalém (9,51); nos Atos, a Palavra de Deus parte de Jerusalém para ir aos confins do mundo (At 1,8).”<sup>161</sup>

Interessante comentário é feito por Tognini e Bentes:

Nada há nas páginas do Novo Testamento que nos autorize a atribuir a Lucas um ofício ministerial. Se o tinha, isso nem ao menos fica subentendido nas páginas sagradas.

Como leigo, porém, Lucas deixou-nos a preciosa lição que todo cristão, se for servo fiel do Senhor, mesmo que não seja pastor, nem diácono, nem evangelista, nem profeta, pode desempenhar importantíssimo papel na Igreja Cristã.<sup>162</sup>

A autoria, destinatário e objetivo do evangelho de Lucas apontam para um evangelho onde todos são chamados para a missão. Para uma comunidade em que todos participam ativamente e onde seu senhor foi um leigo quando andou entre os homens.

---

<sup>159</sup> HENDRIKSEN, 2003.p. 47.

<sup>160</sup> KEENER, 2017.p.204.

<sup>161</sup> CATENASSI, Fabrizio Zandonadi; PERONDI, Ildo. **Bíblia e ciência da linguagem: recursos literários e cenas-tipo no Evangelho de Lucas**. Theoliterária. Volume 9, nº 17, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/39397>. Acesso em: 07/04/2022. p. 345.

<sup>162</sup> TOGNINI, Enéas; BENTES, João Marques. **Janelas para o Novo Testamento**. São Paulo: Edições de Louvores do Coração Ltda, 1992.p. 98.

### 3.1.2 Jesus, o líder leigo

Jesus, segundo Stegemann, era um “*tékton*”. Era do setor da construção, sendo, “ao mesmo tempo, pedreiro, carpinteiro, carreteiro e marceneiro”. [...] essa profissão indica que Jesus deve ser enquadrado no estrato inferior.”<sup>163</sup>

Além da classe social de Jesus, Theissen ressalta que Jesus atuou entre a população judaica que residia na Galileia e proximidades, “onde a influência da cultura urbana helenística punha em questão a identidade judaica. Aí Jesus encontrou abertura para sua pregação, enquanto tinha uma relação distanciada com as cidades.”<sup>164</sup>

A “Galileia como enclave no meio de territórios não-judeus, a separação geográfica do centro religioso de Jerusalém e a forma de governo [...] dificilmente deixariam de ter consequências para as instituições religiosas dos galileus.”<sup>165</sup> Esses fatos relativos à região e a opção geográfica do movimento de Jesus dificilmente atrairia a elite religiosa de Israel para seu grupo de discípulos. O que é reforçada pela opção de Jesus pela sinagoga e a característica laica de seu movimento.

No tempo de Jesus elas (sinagogas) eram, na Palestina, salões privados postos à disposição da comunidade. Enquanto os sacerdotes dominavam no templo, desenvolveu-se nas sinagogas uma religiosidade leiga: aqui Jesus pôde pregar e encontrar audiência (cf. Mc 1,21.39, entre outros).<sup>166</sup>

Para constatação da laicidade do movimento de Jesus e suas características, analisou-se o grupo dos doze e dos setenta e dois e outros discípulos de Jesus no evangelho de Lucas.

### 3.1.3 Equipes de Jesus – leigos e leigas

MacArthur explica que “a hostilidade contra Cristo havia atingido um fervor homicida. O ódio da elite religiosa contra ele havia chegado ao ápice. Jesus já podia

<sup>163</sup> STEGEMANN, Ekkeehard W. **História do protocristianismo**. São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo, SP; Paulus, 2004.p. 230.

<sup>164</sup> THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus Histórico**. Um manual. São Paulo: Edições Loyola, 2002.p. 192.

<sup>165</sup> THEISSEN, 2002.p. 195.

<sup>166</sup> THEISSEN, 2002.p. 149.

sentir os primeiros sinais de sua morte iminente.”<sup>167</sup> Diante disso o mestre inicia o seu plano para a continuidade de sua obra terrena, o plano é o treinamento de sua equipe mais próxima, os doze apóstolos.

Neste tópico, pretende-se conhecer quem eram os doze que foram chamados por Jesus, demonstrar como era o contexto social deles, se tinham reconhecimento social, se eram líderes religiosos e, ainda, se tinham representantes entre os doutores e intérpretes da lei, ou se estavam entre os líderes religiosos reconhecidos.

### **3.1.3.1 Os Doze**

Em relação aos discípulos, muitos teóricos destacam que eles não tinham nada especial para serem convocados por Jesus. Youssef destaca que, de fato, esse era um grupo estranho. “Mas, Jesus viu algo especial neles e desenvolveu aquele ‘algo mais’ através de um ‘treinamento-em-serviço’.”<sup>168</sup>

Como foi destacado no contexto educacional nos tempos de Jesus, observa-se que a sociedade daquela época estava repleta de grupos religiosos que interpretavam as escrituras e possuíam o reconhecimento daquela sociedade para tal. Entretanto, entre os doze apóstolos não tinham representantes destes grupos: rabinos, sacerdotes, fariseu, saduceu. “Nenhum dos homens selecionados por ele vinha de uma instituição religiosa. Em vez disso, selecionou homens que não eram treinados em teologia: pescadores, um coletor de impostos e outros homens comuns.”<sup>169</sup>

Talvez essa seja a caracterização, nos dias de Jesus, mais próxima do que hoje chamamos de leigo, visto que esses homens não eram líderes religiosos, não faziam parte da elite religiosa ou das intuições religiosas dos dias de Jesus. Ao contrário, eles eram comuns, eram trabalhadores, sem grande cultura, “um bando de galileus pobres, iletrados e provincianos, sem nenhuma importância social, que dificilmente seriam escolhidos por alguém que valorizasse muito a prudência.”<sup>170</sup> Entretanto, eles ouviram o chamado e seguiram Jesus sem hesitação. Destaca-se essa postura como um dos poucos diferenciais desses homens.

---

<sup>167</sup> MACARTHUR, 2019.p. 25.

<sup>168</sup> YOUSSEF, Michael. **O Estilo de liderança de Jesus**. Minas Gerais: Editora Betânia. 1987.p. 157.

<sup>169</sup> MACARTHUR, 2019.p.24.

<sup>170</sup> BRUCE, A. B. **O treinamento dos doze**. Santo André: Geográfica, 2016.p. 43.

Zabatiero afirma que esses doze homens comuns, tornaram-se “paradigma para a totalidade dos discípulos e discípulas de Jesus após a ressurreição de Jesus; bem como Jesus é o paradigma para os Doze.”<sup>171</sup>

Barros tratando da historicidade dos doze discípulos destaca que é “a história de humildes pregadores de Cristo, e não de célebres pensadores ou notáveis teólogos”. Isso retrata a simplicidade de “homens do povo, plenos de uma fé simples, mas audaciosa.”<sup>172</sup>

MacArthur, destaca que o “apostolado começou com um tipo de programa de estágio.”<sup>173</sup> O estágio consistia em Jesus enviar seus aprendizes a pregar, sob a sua orientação. Assim, eles podiam experimentar a missão sob o olhar cuidadoso, o ouvido atencioso e o ensino paciente do mestre. Ainda, conforme MacArthur os discípulos passam também tempo de comunhão e descanso com Jesus.<sup>174</sup> É um ensino vivencial, eles comem juntos, viajam juntos, oram juntos. Por fim, após a ressurreição, os discípulos são enviados, sob a direção do Espírito Santo, às nações.

O futuro da Igreja, da missão iniciada por Jesus estava nas mãos desses homens e o mestre gastou cada minuto de seus últimos dias na terra ensinando-os para a missão. “Do ponto de vista humano, o futuro da igreja e o sucesso do evangelho, em longo prazo, dependiam inteiramente da fidelidade desse punhado de discípulos. Não havia um plano B caso fracassassem.”<sup>175</sup>

A escolha de Jesus além de evidenciar sua antropologia, também revela o caráter do reino, o qual segue espelhado na seleção de Jesus. Ressaltando o potencial de crescimento, o Evangelho de Lucas destaca no capítulo 13 que o reino é como o pequeno grão de mostarda, que cresce e se faz árvore e como o fermento que leveda toda a massa. A escolha desses homens, desconhecidos e improváveis pelo mestre se mostrou eficiente, visto que por meio dos ensinamentos do mestre, eles cresceram, e fizeram a mensagem levedar. Nesse diapasão, deixar de reconhecer o ministério da pessoa leiga é negar a verdade do reino e a inspiração do mestre Jesus.

O plano deu certo. Afinal, esses homens simples viraram o mundo de cabeça para baixo. Por trás do resultado do ensino desses homens comuns estava um mestre

---

<sup>171</sup> ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.p. 214.

<sup>172</sup> BARROS, Aramis C de. **Doze homens, uma missão**. São Paulo: Hagnos, 2006.p.62

<sup>173</sup> MACARTHUR, 2019.p. 21.

<sup>174</sup> MACARTHUR, 2019.p. 21,22.

<sup>175</sup> MACARTHUR, 2019.p.18.

dedicado, um ensino intencional e vivencial baseado em uma antropologia cristã que acredita na competência de todo homem. Os doze, apesar de não terem sido teólogos notórios, produziram uma teologia profunda e transformaram, “pela reflexão que suscitaram, a cosmovisão do homem ocidental.”<sup>176</sup>

Uma importante questão a ser analisada é: Qual a importância do ensino na capacitação desses homens? Bruce destaca uma resposta pontual,

Na oração intercessora (Jo 17.6), por exemplo, ele fala do treinamento que ele tinha dado àqueles homens como se tivesse sido a parte principal de seu ministério terreno. E, em certo sentido, era isso mesmo. A educação cuidadosa e meticulosa garantia que a influência do Professor sobre o mundo seria permanente, que seu reino seria fundado na rocha de profunda e indestrutível convicção nas mentes de poucos, não nas areias instáveis das impressões evanescentes e superficiais das mentes de muitos.<sup>177</sup>

Reconhecendo o poder do Espírito Santo concedido aos apóstolos e a toda pessoa cristã, destaca-se, no entanto, que o tempo, o método, a experiência, e a vivência de ensino do mestre, bem como a intencionalidade do relacionamento com seus discípulos foram variáveis definitivas para a transformação desses homens.

Importa observar que esse grupo sem conhecimento, sem reconhecimento, desconhecidos, estranhamente comuns e improvável tornou-se a liderança reconhecida da igreja de Cristo. Nesse sentido, Olso, destaca que os doze formaram um importante colegiado.

‘um colegiado autorizado’. Como os Evangelhos Sinóticos afirmam, foram companheiros íntimos de Jesus durante o seu ministério, da GALILEIA à chegada na Judeia. Eles foram os primeiros líderes da Igreja mãe de Jerusalém e de outras partes, no seu envolvimento inicial. Foram os transmissores autorizados, acreditados, das tradições sobre Jesus. Tinham algo de oficial na formulação das tradições e dos relatos sobre Jesus que aos poucos vão sendo escritos e que mais tarde são utilizados na redação final dos Evangelhos.<sup>178</sup>

A escolha nominal para estarem mais próximos do Mestre durante seu ministério reforça a ideia de autorização concedida por Jesus a seus doze discípulos. Os doze se tornaram a liderança da igreja de Cristo. É nesse sentido a manifestação de Leal e Nascimento,

---

<sup>176</sup> BARROS, 2006.p.62.

<sup>177</sup> BRUCE, 2016.p. 20

<sup>178</sup> OLSO, Alceu Luiz. **As relações de Jesus com “os Doze”, a partir da pregação na Galileia, no caminho, até a chegada em Jerusalém, conforme o Evangelho de Marcos 1.14 – 10.52.** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.p.85.

No que se diz respeito ao enunciado contido em Lucas, por meio do discurso citado de Jesus – “[...] a quem também designou apóstolos” (Versículo 13), em que há um processo de nomeação dos doze apóstolos, verificamos o aroma semântico de “enviados”, no sentido de representação autorizada. Com base em Mcdowell (2013), esse termo (apóstolo) era acentuado dentro da tradição do judaísmo antigo no sentido de representação autorizada a proclamar a chegada do reino vindouro e fundar comunidades religiosas.<sup>179</sup>

Fontes, destaca que os apóstolos, os principais mestres eclesiais, foram acompanhados por outras figuras clericais encontradas no Novo Testamento. Reforça o caráter clerical dado posteriormente aos doze.

No período do Novo Testamento, a figura dos mestres eclesiais autorizados permanece. Os principais deles foram os apóstolos (At 6,1-4), seguidos pelos pastores e mestres (Ef 4,11) e pelos presbíteros, cuja aptidão para o ensino é apresentada pelo Novo Testamento como uma das condições para a sua escolha (1Tm 3,2).<sup>180</sup>

Reconhecendo a liderança e a representação autorizada dos doze, questiona-se: Somente os doze receberam o chamado para anunciar, para ir, para ensinar, para levar a missão de Jesus à todas as nações?

### **3.1.3.2. Setenta e dois e outras pessoas discípulas.**

A resposta à questão passa pela comparação da estrutura narrativa entre o envio dos doze apóstolos e o envio dos setenta e dois discípulos e discípulas. O primeiro passo é analisar a estrutura do texto de Lucas 10, para posteriormente compará-lo com o texto de Lucas 9.1-19, envio dos doze.

A análise do contexto da pericope escolhida, Lucas 10.1-20, é um passo importante para entendermos a narrativa. Bailey, analisando as parábolas existentes no texto de Lucas 9.57-62, faz algumas ponderações importantes que demonstram que os textos de Lucas 9.57-62 e Lucas 10.1-20 devem ser estudados em conjunto.

<sup>179</sup> LEAL, José Luciano Marculino; NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes do. Os encadeamentos dialógicos de outros: um olhar sobre a constituição dos doze apóstolos. **Discursividades**. Vol. 5, nº 2, dez 2019. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/855/517>. Acesso em: 17/06/2022. p. 73

<sup>180</sup> FONTES, F. **Educação em casa, na igreja, na escola**: uma perspectiva cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. P. 44.

O texto divide-se em três relatos: Lucas 9. 57-58; Lucas 9.59-60 e Lucas 9.61-62. Bailey escreve que “estamos trabalhando com três estrofes.”<sup>181</sup> Significa dizer, portanto, que temos uma unidade textual com estrofes. O trabalho de análise observou os indicativos desta unidade e os aspectos ressaltados em cada estrofe.

O principal indicativo da unidade destacada é a estrutura de cada uma das estrofes. Bayley destaca que a repetição dos “temas de SEGUIR + IR + PREÇO são os pontos centrais em cada diálogo”<sup>182</sup>. No primeiro e terceiro diálogos a sequência é SEGUIR + IR + PREÇO. No segundo relato a sequência é SEGUIR + IR + PREÇO + IR + SEGUIR.

A temática e a estrutura se repetem garantindo a unidade textual. Além disso, o texto não menciona em nenhum dos casos qualquer informação sobre esses indivíduos, salvo o convite ou o voluntariado para seguir a Jesus. Catenassi e Perondi discorrendo sobre os processos estruturais da narrativa do evangelho de Lucas, destacam o papel programático, a simetria, a contextualização e o fio temático. Nesses textos, destaca-se a simetria presente nos textos.

A simetria: esse tipo de construção é típico de Lucas, como na história do nascimento de Jesus e João Batista, comportando duas anunciações (1,5–2,5; 1,26-56), nascimentos (1,57-58; 2,1-20), circuncisões e nomeações (1,59-66; 2,21), ações de graça (1,67-79; 2,22-39), notícias de crescimento (1,80; 2,40). A simetria acentua a continuidade de Jesus com relação à história de Israel e sua superioridade.<sup>183</sup>

A estrutura encontrada nos relatos de 9.57-62 é igualmente similar ao relato de Lucas 10. 1-20, que narra o envio dos setenta e dois. A sequência do texto é: SEGUIR + IR + CAPACITAÇÃO + MISSÃO + ORIENTAÇÃO + IMPACTO DA MISSÃO +RETORNO COM RELATÓRIO. O texto do envio dos setenta e dois discípulos e discipulas, usando a estrutura comum no texto, expande a seção, que Bayley chama de “segue-me,”<sup>184</sup> incluindo capacitação, informação da missão e orientações para a missão. É a partir dessa estrutura expandida que realizaremos a comparação do texto de Lucas 9.1-19, envio dos doze, e Lucas 10.1-20, envio das setenta e duas pessoas

<sup>181</sup> BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**: uma análise literário-cultural. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.p.63.

<sup>182</sup> BAYLEY, 1989.p.64.

<sup>183</sup> CATENASSI, 2019.p. 348.

<sup>184</sup> BAYLEY, 1989. p. 30.

discipulas. Destaca-se que o “preço” está diluído em várias orientações que estabelecem limitações.

A comparação entre a estrutura existente no contexto de Lucas 9.52-62, o envio dos doze e o envio dos setenta e dois, nos permite perceber, a partir do quadro abaixo, que a estrutura escolhida pelo escritor é semelhante.

Quadro 4- Envio dos doze e envio dos setenta e dois.

<b>ESTRUTURA</b>	<b>Lucas 9. 1 – 19 Envio dos doze</b>	<b>Lucas 10. 1- 20 Envio dos setenta e dois</b>
CONVOCA/ESCOLHE + IR	v.1 Tendo Jesus convocado os doze, v.2 Também os enviou	v.1 Depois disso, o Senhor escolheu outros setenta e os enviou de dois em dois
CAPACITAÇÃO	v.1 deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios e para curar doenças	v.19 Eis que eu dei a vocês autoridade para pisarem cobras e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo e nada, absolutamente, lhes causará dano
MISSÃO	v.2 Também os enviou a pregar o Reino de Deus e curar...	v.9 curem os doentes que nela houver e digam ao povo dali: “O Reino de Deus se aproximou de vocês”. v.11 “...saibam que está próximo o Reino de Deus”
ORIENTAÇÕES	v.3 Não levem nada para o caminho...	v.4 Não levem bolsa, nem sacola, nem sandálias e não saúdem ninguém pelo caminho.
	v.4 Na casa em que entrarem, fiquem ali até saírem daquele lugar.	v.5-7 Ao entrarem numa casa, digam primeiro: “Paz seja nesta casa!” ...Fiquem na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem.
	v.5 Onde quer que não receberem vocês, ao saírem daquela cidade sacudam o pó dos pés em testemunho contra eles.	v. 10, 11 Porém, quando entrarem numa cidade e não forem bem recebidos, saiam pelas ruas, dizendo: “Até o pó desta cidade, que grudou nos nossos pés, sacudimos contra vocês...”
IMPACTO DA MISSÃO	v.7 Herodes soube de tudo o que passava e ficou perplexo, porque alguns diziam: “João ressuscitou dentre os mortos”	v.18 Jesus lhes disse: Eu via satanás caindo do céu como um relâmpago.
RETORNO COM RELATÓRIO	v.10 Ao regressarem, os apóstolos relataram a Jesus tudo o que tinham feito.	v.17 Então os setenta voltaram, cheios de alegria, dizendo: Senhor, em seu nome os próprios demônios se submetem a nós!

Fonte: autora. <sup>185</sup>

O quadro demonstra a similaridade do relato do envio dos doze e dos setenta e dois e outros discipulas e discípulos. Essa similaridade objetiva ressaltar que toda pessoa cristã é chamada para a missão.

### 3.1.4 Análise comparativa dos relatos do envio e da missão

<sup>185</sup> Quadro comparativo uso o texto da Bíblia de Estudo NAA.

Além das similaridades, observa-se a presença constante dos doze junto a Jesus, bem como o reiterado relato sobre eles nos evangelhos. O relato do envio dos setenta e dois só é mencionado no evangelho de Lucas. Não há outra referência sobre esses discípulos, que são anônimos seguidores de Jesus.

Uma segunda observação que se destaca na análise é que o envio dos doze trata de pessoas especificadas, nominadas por Lucas e que estão presentes na grande maioria do relato dos evangelhos. Leal e Nascimento destacam que a constituição nominal dos doze “assume uma postura de singularizar dos apóstolos, chamando-os pelo nome, tornando-os, portanto, sujeitos irrepetíveis [...]”<sup>186</sup>

Ao contrário, no envio dos setenta e dois não há informação sobre quem eram essas pessoas discipulas. A única descrição é ‘outros setenta e dois’ e ‘discípulos’. No relato não há qualquer identificação quanto ao sexo, nacionalidade, nomes, filiação. Também, não há como criar identificações específicas. Assim, todos os leitores do terceiro evangelho podem se identificar com esses discípulos e discipulas. A ausência dessa nomeação, diferentemente do que ocorre com o envio dos doze, confere, sentido de repetibilidade, inclusão, universalidade da missão dada aos setenta e dois.

Tratando do envio dos setenta e dois, o terceiro evangelho relata: “designou o Senhor ainda outros setenta”. A questão evidenciada é a quem se refere a expressão “outros”. A expressão pode referir-se aos doze, aos demais discípulos retratados em Lucas 9.57- 62. Alguns exemplos são importantes para a compreender a quem essa expressão pode se referir.

No texto de Lucas 9. 60 Jesus envia outro discípulo desconhecido, “porém tu vais e anuncias o reino de Deus” (Lucas 9. 60). Nos momentos finais de Jesus com seus discípulos, Lucas apresenta a anunciação pelas mulheres de “todas estas coisas aos onze e a todos os outros que estavam com eles” (Lucas 24.8). Nesse versículo, Lucas salienta que outros discípulos estavam com os onze quando ouviram o anúncio das mulheres e se dirigiram para Jerusalém, onde receberam o “Ide” de Jesus. Destacando, assim, que o envio para ir, ensinar, fazer discípulos foi direcionado aos doze e todos os outros discípulos e o Evangelho de Lucas faz questão de destacar muitos discípulos e discipulas.

---

<sup>186</sup> LEAL; NASCIMENTO, 2019.p. 75.

Ainda, nessa seção, o Evangelista Lucas narra o encontro de Jesus com os dois discípulos no caminho de Emaús. Esses após encontrarem Jesus ressuscitado voltam para Jerusalém, “onde acharam reunidos os onze e outros com eles” (Lucas 24.33) e se juntaram ao grupo que foi enviado por Jesus.

O terceiro evangelho, portanto, destaca a presença de outros enviados não nomeados. As palavras proferidas por Jesus: “destas coisas sois vós testemunhas” (Lucas 24. 48) e “permaneçam, pois, na cidade, até que vocês sejam revestidos do poder que vem do alto” (Lucas 24.49), foram proferidas também aos outros. Esses discípulos e discipulas anônimos e leigos, receberam a missão e o poder do Espírito Santo para cumpri-la. Lucas inclui esses muitos e variados chamados e envios de anônimos para despertar em seus leitores o sentimento de inclusão nesse exército de enviados.

Ademais, nessa jornada para enxergar a pessoa leiga no ministério de Jesus, evidencia-se outra questão relevante: à missão. Os doze foram enviados a anunciar e curar, mas, qual a missão dos “outros” discípulos? Para responder esse questionamento, faz-se necessário avaliar de forma comparativa a missão conferida aos doze e às setenta e duas pessoas discipulas.

Os Evangelho de Lucas e Mateus informam a missão de Jesus: “É necessário que eu anuncie o evangelho do Reino de Deus também nas outras cidades, pois para isso que fui enviado” (Lucas 4.43), “E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mateus 4,23). Disso advém que a missão de Jesus, a missão dos doze, a missão do discípulo anônimo de Lucas 9.60 e a missão dos setenta e dois e ainda a missão conferida aos que estavam presentes na assunção de Jesus, segundo Lucas, é a mesma.

Portanto, analisando as semelhanças e diferenças entre o envio dos doze e dos setenta e dois, conclui-se que não há distinção entre a missão dos apóstolos e os demais discípulos; do clero e do leigo; de Jesus e de seus discípulos.

A identidade de quem é enviado a ensinar, pregar, anunciar, fazer discípulos e curar, de acordo com o texto analisado e as comparações realizadas é revelada na pessoa do discípulo. Não há nos textos estudados qualquer alusão a outra identidade para que todo aquele que escolher seguir a Cristo receba também a missão de seguir + ir + pagar o preço. Portanto a pessoa leiga, no ministério de Jesus, é chamada para o ensino, para a anunciação.

### 3.1.5. Discípulas no movimento de Jesus

Falar em pessoas leigas e falar no movimento de Jesus demanda analisar o papel da mulher discipula, seguidora de Jesus. Importa questionar se Jesus tinha entre seus discípulos seguidores, aqueles que estavam constantemente com o mestre, mulheres. Stegemann destaca que “de Mc 15.40s, porém decorre claramente que as mulheres que seguem a Jesus desde a Galileia estão numa relação contínua de seguimento a ele.”<sup>187</sup>

As mulheres eram seguidoras de Jesus. Andavam com ele, viajavam com ele, servindo-o. Discipulas itinerantes de Jesus. Importante destacar não somente o reconhecimento de mulheres no movimento de Jesus, mas observar que o texto menciona “inclusive seus nomes; é a partir desse ‘desvelamento’ que o(a) leitor(a) é obrigado(a) a reler toda a narrativa, incluindo mulheres entre os seguidores de Jesus.”<sup>188</sup>

Pode-se tentar relativizar o papel dessas mulheres interpretando o termo “serviam” como função específica de mulheres de servir a mesa, função de mulheres e escravos. O texto de Marcos 15.40 destaca que elas o seguiam e serviam. Não há qualquer demérito em servir o mestre à mesa. No entanto não parece, pela narrativa do seguimento das mulheres nos evangelhos, que a missão das mulheres se restringia a essa. Nesse sentido, Richter Reimer e Souza.

No final desta narrativa (Evangelho de Marcos), quando, diante do perigo político e de vida, todos abandonaram Jesus, três mulheres, nominadas entre outras que seguiam a Jesus desde a Galileia, retornam ao local da morte, arriscando a vida, solidárias com Jesus, observando de longe o evento da cruz e do enterro. São elas também que por primeiro foram ao sepulcro para embalsamar o corpo de Jesus em homenagem ritual, demonstrando coragem naquele contexto de perigo. Elas são as primeiras testemunhas da ressurreição, são ‘apóstolas dos apóstolos’.<sup>189</sup>

No entanto, o que se busca é definir que nesse movimento de Jesus as mulheres fizeram parte essencial da missão de Jesus, servindo-o. Não servindo aos

<sup>187</sup> STEGEMANN, 2004.p. 423.

<sup>188</sup> REIMER, Ivone Richter; SOUZA, Carolina Bezerra. A mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja. **Revista de Teologia e Ciência da Religião da UNICAP**, v.1, 2012.p. 213.

<sup>189</sup> REIMER, 2012.p.212.

discípulos, mas especificamente ao Mestre, o que caracteriza uma relação pessoal e de seguimento como discipulas de Jesus.

Shottroff analisando o texto de Lucas 8. 1-3, que trata das mulheres que “serviam com seus bens” e tratando da diaconia das mulheres no movimento de Jesus destaca:

As mulheres andam pela região com Jesus e proclamam como ele e os Doze. Interpretar a diaconia das mulheres em Lc 8.3 como apoio financeiro significa fazer uma redução da perspectiva mediante a menção de Joana, esposa de um administrador de Herodes, que é imaginada como mulher da classe alta. Contudo, nesse texto, a diaconia é relacionada a todas as mulheres galiléias. Lucas visa enaltecer o empenho pessoal de Joana, e dificilmente pensa em reduzi-lo a um apoio financeiro.<sup>190</sup>

A autora, ainda ressalta, que essas mulheres provavelmente faziam parte dos 72 (setenta e dois) discípulos e discipulas narrados em Lucas 10. Esses fatos, além de confirmarem a presença de mulheres como discipulas de Jesus, atestam o poder da mensagem de Cristo que impactou seus discípulos, de tal forma que em suas narrativas, também nomearam mulheres discipulas e reconheceram o protagonismo delas na narrativa da ressurreição, do túmulo vazio. Stegemann, apesar de reconhecer uma tardia manifestação de que o testemunho da ressurreição não era digno de crédito justamente por remontar a mulheres, destaca a grande importância desse protagonismo para o papel de mulheres como seguidoras de Jesus.<sup>191</sup>

É importante observar que os relatos dos evangelhos são, muito provavelmente, de discípulos, homens. Ao relatarem as histórias de Jesus com mulheres e narrarem o protagonismo dessas mulheres na história de Jesus refletem a força de uma antropologia que não cria distinções de seguimento por questões de gênero.

No mesmo sentido Peretti, analisando a genealogia de Jesus relatada por Mateus, na qual inclui o nome de mulheres, fato não natural à época, destaca:

Cada história evoca o retrato do marginalizado, demonstrando que os propósitos de Deus não são ditados por questões sociais, políticas ou até mesmo de cunho religioso ou normativo. O Senhor teve um lugar em seu reino para mulheres pagãs como Raabe, Tamar e Rute. Até Ihes concedeu a honra de serem ancestrais de Jesus, conforme escrito em Mt 1.3-6. No fim,

<sup>190</sup> SHOTTROFF, Luise. **Servidoras e servidores dos santos**. O diaconato das mulheres no Novo Testamento. In *A Diaconia em Perspectiva Bíblica e Histórica*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. P. 84 – 106.p.102.

<sup>191</sup> STEGEMANN, STEGEMANN, 2004.p.426.

elas foram enxertadas nos outros ramos da oliveira de Israel (Rm 11.17), restaurando-lhes os direitos humanos que se lhes tinham sido roubados pelo caminho; tais transfusões de gentios à corrente sanguínea do povo escolhido demonstraram o propósito de Deus de abençoar “todas as famílias da terra” (Gn 12.1-3; Mt 1.2-6).<sup>192</sup>

No sentido da importância do reconhecimento da presença e relevância de mulheres no seguimento de Jesus como discipulas se manifestam os quatro evangelhos e o texto de Atos que relata os primórdios da igreja cristã. Isso ocorre não por questões de bondade dos escritores, mas por ser essencial para a mensagem trazida pelo mestre Jesus que ensina que os propósitos eternos “não são ditados por questões sociais, políticas ou até mesmo de cunho religioso ou normativo”<sup>193</sup> ou de gênero.

Em resumo essa breve análise ressalta que a presença e o incontestável protagonismo das mulheres no movimento de Jesus; que a narrativa do movimento de Jesus e dos inícios da Igreja, relatadas por homens, demonstram que esse lugar da mulher na igreja era parte essencial da mensagem de Jesus e de sua antropologia e por fim, que ser igreja de Cristo, ontem e hoje, implica em reconhecer que não há lugar para distinções entre homens e mulheres na igreja, sob pena de prostituirmos o evangelho de Jesus. Nesse sentido Shottroff.

...o serviço à Igreja, segundo a concepção do Novo Testamento, foi muitas vezes abusado no sentido de limitar ou vincular as mulheres, conforme a ideia de uma divisão de trabalho por hierarquia de gênero, de modo particular a um servir humilde. Contudo, a exigência de Jesus em Mc 10.42-45 não significava que se exigiriam das mulheres os usuais serviços humildes, mas que homens tinham de abrir mão de suas reivindicações de posições de destaque. Não eram as mulheres que tinham de aprender a lavar pés, mas os homens livres. E tinham de aprender a admitir que as mulheres participassem do poder e da autoridade.<sup>194</sup>

O movimento de Jesus inclui em seu grupo de pessoas discipulas mulheres refletindo sua antropologia que acredita na capacidade de toda pessoa para ensinar e anunciar. O ensino, é para que as mulheres cristãs se reconheçam discipulas e os homens se percebam membros de um movimento onde todos, pessoas leigas e mulheres, são chamados.

<sup>192</sup> PERETTI, Clélia; NATEL, Ângela. As mulheres da genealogia de Jesus no Evangelho de Mateus. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. V. 54, n. 2. P. 333-349, jul/dez, 2014.p. 347

<sup>193</sup> PERETE, 2014.p. 347.

<sup>194</sup> SHOTTROFF, 2003.p. 106

### 3.2 CONTEXTO EDUCACIONAL NOS TEMPOS DE JESUS

Péguy, citado por Daniel-Rops explica que Jesus “era um judeu, um simples judeu, um judeu como você, um judeu entre vocês...”<sup>195</sup> Observa-se, portanto, que Jesus, o mestre, se identificou com aquele povo no meio do qual andou e exerceu seu ministério.

Daniel-Rops aponta alguns detalhes dessa identificação. Tanto o nome de Jesus como o de seus pais eram nomes judeus comuns, a educação dele foi como a educação de qualquer criança judia. Ele, como era o costume da época, aprendeu o ofício de seu pai, e sua aparência física era de um judeu praticante, assim como a alimentação e a linguagem eram próprias do povo com o qual se identificou, além disso seus discípulos mais próximos eram judeus.<sup>196</sup>

Jesus era um homem de sua época e de seu lugar. Para conhecer seu ensino e os princípios dele advindos, faz-se necessário situá-lo em seu contexto natural, social e cultural. “Conhecer o humano é [...] situá-lo no universo, e não o separar dele. [...] todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável de “Onde estamos?”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”<sup>197</sup>

Salienta-se que o contexto geral e educacional nos dias de Jesus foi fortemente influenciado pela importância que os israelitas davam a educação no Antigo Testamento. Neste aspecto, Carvalho destaca que o próprio Deus era visto como educador.

No Antigo Testamento, *lahweh* – o próprio Deus – é visto como educador. Deus tem duas principais maneiras de instruir o seu povo: ensina por meio de palavras e de ações. Ele fala na teofania e se revela na epifania. Por exemplo, no Êxodo os momentos em que Deus aparece na sarça ou fala a partir do monte Sinai são teofanias. Mas a manifestação do milagre da abertura do mar para os hebreus passarem é uma epifania. Assim, em seu método de ensino, Deus sempre combinou palavras com ações.<sup>198</sup>

<sup>195</sup> DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 479

<sup>196</sup> DANIEL-ROPS, 2008. p. 478-482.

<sup>197</sup> UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez editora: 1998. p. 47

<sup>198</sup> CARVALHO, Tiago Samuel de. **O poder da pedagogia de Jesus**: aprendendo a arte de educar através da Bíblia: de Moisés a Jesus. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2019. p.14.

O processo educativo de Deus, constituído por ações e falas, era repetido constantemente por seu povo, tanto formal como informalmente. Essas ações e ensinamentos de Deus eram festejados para que não fossem esquecidos. As festas eram uma forma de ensinar, de inculcar no povo a lembrança dos feitos de Deus. Esse método que combina ação e fala de Deus, repetição e celebração pelo povo é um dos motivos para a sobrevivência dos ensinamentos de Deus e a definição da identidade do povo de Deus.

Segundo Matos a vida e caminhada dos judeus com seu Deus tem “forte componente educacional.”<sup>199</sup> No lar, no templo e, posteriormente, na sinagoga o ensino era realizado com seriedade, dedicação e constância, nos termos orientados na *shemá*, Deuteronômio 6.7-9, que “tornou-se a principal confissão de fé judaica, a qual Jesus identificou como o maior mandamento.”<sup>200</sup>

Importa destacar que o termo *tōrāh*, o livro texto da educação e da vida do judeu, “não significa em primeira instância ‘lei’, e sim, ‘instrução, ensino’. É derivado do verbo *yārāh*, que evoca um ‘mostrar’; indicar o caminho.”<sup>201</sup>

Esse profundo senso da essencialidade de ensinar, de inculcar os ensinamentos nos filhos, na família, na nação é sem dúvida um dos motivos para a preservação da nação de Israel e de sua religião. Essa ênfase cultural no valor da educação e transmissão do ensino são definitivos para a elaboração da memória escrita da história de Israel com seu Deus.

Daniel-Rops destaca o valor da transmissão oral e do ensino para preservação dos princípios educacionais do povo de Israel. Lembrando que “muito antes de ter sido registrado por escrito, a princípio de forma parcial sob Ezequias e Josias e a seguir de maneira mais completa no quinto século, [...] o Antigo Testamento só existia na forma falada.”<sup>202</sup>

Somente um ensino dedicado, intencional, vivencial é capaz de preservar verdades não escritas por tantos séculos e mais do que isso a preservação da identidade de uma comunidade.

<sup>199</sup> MATOS, Alderi Souza de. Breve História da Educação Cristã: dos primórdios ao século 20. **Fides Reformata** XIII, nº 2. 2008. p. 9 – 24. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/fides-reformata/fides13-n2>. Acesso em: 06/11/2021. p.11

<sup>200</sup> JERÔNIMO, São. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.p. 232.

<sup>201</sup> KONINGS, J. Jesus, caminho e ensinamento de Deus. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 29, n. 113, p. 77–83, 2021. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/354>. Acesso em: 11 jun. 2022.p. 78.

<sup>202</sup> DANIEL-ROPS, 2008.p.308

A educação da lei dada a todo o povo e de geração a geração foi a razão pela qual a nação israelita não deixou de existir, mesmo quando os impérios mais poderosos foram extintos. Vários povos da antiguidade, até mais poderosos que Israel, deixaram de existir. Entretanto, a lei e a educação foram o principal motivo pelo qual o povo e sua identidade não se perderam.<sup>203</sup>

O ensino nos dias do Antigo Testamento era para todas as pessoas e realizado por todas. O pai, a mãe, o sacerdote, o ancião ensinavam. O texto bíblico registra a ordem de Deus a Moisés: “Reúnam o povo, os homens, as mulheres, as crianças e os estrangeiros que se encontram nas cidades onde vocês moram, para que ouçam, aprendam e temam o Senhor...” (Deuteronômio 31.12).

Assim, constata-se que Jesus ao incluir a mulher e o estrangeiro em seu grupo de discípulos e aprendizes não inova, visto que Ele apenas está dando cumprimento à lei, no tocante ao ensinamento da tradição dos judeus.

Stegemann, citando Sanders, destaca a possibilidade de todos estudarem a lei e ouvirem sua interpretação na sinagoga. “Dessa forma era possível que leigos conseguissem afirmar-se diante da classe sacerdotal e reivindicar ser os melhores intérpretes da lei...”<sup>204</sup> Nos dias de Jesus um leigo podia ser reconhecido como melhor conhecedor da lei e, portanto, melhor professor da lei que um sacerdote.

Com relação à educação nos dias de Jesus, é importante destacar não apenas a influência do ensino do Antigo Testamento “com um caráter sagrado da pedagogia israelita,”<sup>205</sup> mas também a influência da paideia grega. “Na época de Jesus, a educação grega já era famosa no mundo todo e era praticada com entusiasmo na Palestina.”<sup>206</sup> Jaeger ressalta que sem “a evolução pós-clássica da cultura grega o surgimento de uma religião cristã mundial teria sido impossível.”<sup>207</sup>

No mesmo sentido, Torres, destacando o valor do ensino grego para a expansão do cristianismo, conclui:

<sup>203</sup> CARVALHO, 2019.p. 24.

<sup>204</sup> SANDERS, 1996 Apud STEGEMANN, 2012.p. 280.

<sup>205</sup> FARIA, J. de F. Pedagogia da paideia grega helenística: influência na educação judaico-cristã em textos bíblicos canônicos e apócrifos. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 29, n. 113, p. 57–76, 2021. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/353>. Acesso em: 11 jun. 2022.p. 61

<sup>206</sup> TORRES, Milton Luiz. O cuidado da criança nos primórdios da educação grega: semelhanças e contrastes com a educação hebraica. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, RS, v. 24, 2011. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/126/157>. Acesso em: 10/12/2022. p. 35.

<sup>207</sup> JAEGER, Werner. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**. São Paulo: Academia Cristã, 2014.p. 12.

em primeiro lugar, as escolas gregas continuaram proporcionando ascensão social aos conversos; em segundo lugar, a retórica aprendida nessas escolas se tornou instrumental para que os cristãos pudessem apresentar uma boa defesa de sua fé; e, finalmente, em vez de se retirar para ambientes exclusivamente cristãos, as crianças cristãs continuaram a testemunhar corajosa e continuamente de sua fé no ambiente intelectualmente desafiador das escolas gregas.<sup>208</sup>

Diante desse panorama, percebe-se que o contexto educacional, nos tempos de Jesus, está profundamente marcado e enriquecido por essa conjunção de culturas, caracterizadas pela ênfase no valor da educação, que se somam criando um pano de fundo que define a principal marca do ministério de Jesus, marcado pela educação. “Na educação grega, a ética, os valores, as virtudes, a poesia e a retórica eram ensinadas aos jovens filhos da classe dominante, na pedagogia israelita os ensinamentos eram passados de forma mais comunitária.”<sup>209</sup> Jesus, nesse sentido, opta por um ensino comunitário e inclusivo.

A esse contexto de valorização da educação grega, de uma educação romana mais prática e de um ensino judeu comunitário, agrega-se a função das sinagogas, que surgem em consequência do cativeiro babilônico, tornando-se essencial para a sobrevivência da nação e de suas crenças, corroborando, portanto, em um grande espaço educacional.

White, falando sobre a função da sinagoga nos dias de Jesus, lembra que essa instituição, por meio do ensino, desempenhou função essencial para a sobrevivência da nação e da fé.

Precisamos perguntar quais as funções preenchidas pelo ofício sinagoga. Por estranho que pareça, ele parece ter surgido para preencher uma função nacionalista, a sobrevivência de Israel durante o exílio na Babilônia. Sobrevivência, para os israelitas, significava a capacidade de lembrar as ações do Deus que os haviam transformado num povo distinto. E a melhor maneira de recordar era – assim se evidenciou – por meio de instrução e oração em conjunto.<sup>210</sup>

Aplicada à vida da igreja pode-se parafrasear White: as lembranças, relativas à obra de Cristo, são essenciais para a sobrevivência da igreja. Essas lembranças são repetidas, inculcadas na mente do povo por intermédio do ensino.

---

<sup>208</sup> TORRES, 2011. p. 35.

<sup>209</sup> FARIA, 2012.p. 61.

<sup>210</sup> WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 112

Por meio da leitura e exposição da Escritura, o cristão recupera e apropria para a sua vida as experiências de Israel e da igreja antiga. Libertação da escravidão, conquista, cativo, esperança de um Messias, encarnação, crucificação, ressurreição e missão. A sobrevivência da igreja depende de essas memórias e esperanças serem reforçadas, assim como foi o caso de Israel.<sup>211</sup>

Essa é a função da educação cristã na igreja, esse fazer lembrar e por meio dessas lembranças criar esperança, alegria, liberdade, transformação e identidade. Matos, trata das alterações advindas do cativo babilônico e destaca a essencialidade da educação. A partir dessa necessidade surge a sinagoga. “Após o cativo babilônico, [...] tornaram ainda mais necessários os esforços educativos. Surgiu a instituição da sinagoga e novos grupos que se dedicavam ao estudo e ensino da lei – escribas, fariseus e rabis.”<sup>212</sup>

Os dias de Jesus estão marcados por costumes educacionais arraigados na tradição, fomentados por instituições como o templo e a sinagoga, que desempenharam importante papel educacional, e por grupos, que surgiram com papel relevante na interpretação e no ensino da lei.

O sinédrio era, além de outras questões, encarregado “do estudo das questões religiosas,”<sup>213</sup> votava leis e controlava questões relacionadas à religião na comunidade judaica. Era composto por setenta, remontando a época de Moisés, segundo Daniel-Rops se compunha, em partes quase iguais, de sacerdotes, escribas, e anciãos do povo e ressalta que “os dois partidos principais, os fariseus e os saduceus, eram representados no Sinédrio; mas o último possuía muito maior influência.”<sup>214</sup>

Dentre esses grupos ou sujeitos importantes no contexto educacional dos dias de Jesus são: os escribas, os fariseus, os essênios e os saduceus. Fariseus, essênios e saduceus, que eram partidos religiosos, segundo Theissen, surgiram no período dos Macabeus,<sup>215</sup> além desses deve-se ressaltar os sacerdotes, que eram dirigentes naturais dos judeus e dominavam o templo.<sup>216</sup>

---

<sup>211</sup> WHITE, 1997. p. 124.

<sup>212</sup> MATOS, 2008. p. 11.

<sup>213</sup> DANIEL-ROPS, 2008.p. 69.

<sup>214</sup> DANIEL-ROPS, 2008.p. 68.

<sup>215</sup> THEISSEN, 2002.p.155.

<sup>216</sup> THEISSEN, 2002.p. 149.

É importante perceber que os sacerdotes não eram partidos como os fariseus, saduceus e essênio. Outro importante grupo eram os escribas que estavam espalhados nesses partidos, mas não eram um partido. Todos, esses, tinham importante papel na vida religiosa dos dias de Jesus.<sup>217</sup>

Os doutores da lei, mestres da lei ou escribas. Eram estudiosos da lei. Segundo o Novo Dicionário da Bíblia eles tinham como função preservar a Lei, instruir seus alunos quanto aos preceitos da Lei de Moisés.<sup>218</sup> Não era uma seita ou um partido, eles faziam parte dos vários partidos. Tinham uma função social relevante na educação da época de Jesus. Treballe destaca que não eram um grupo. Estavam dispersos em vários grupos da sociedade, "... eram 'indivíduos' cumprindo diversas funções sociais nos diferentes estratos da sociedade. O NT e a literatura rabínica nos apresentam como mestres e líderes das comunidades judaicas."<sup>219</sup> O autor destaca, ainda, que essa caracterização de mestres e líderes não se aplicava a todos. Os escribas eram bem conhecidos, de níveis sociais diferentes e "próprio do escriba era a função literária."<sup>220</sup>

Foram eles (os doutores da lei) que deram a verdadeira vida intelectual à nação e moldaram seu pensamento; foram eles que ministraram a educação, principalmente a superior, nomearam os juizes e estabeleceram a jurisprudência; fizeram comentários sobre a Lei nas sinagogas e a importância da forma de adoração da sinagoga aumentou com a crescente importância dos doutores da Lei.

Qualquer israelita tinha o direito de conquistar esta posição, que fosse rico ou pobre, de alta linhagem ou filho de um operário.<sup>221</sup>

Os doutores da lei são uma comprovação de que nos dias de Jesus a reflexão teológica não estava restrita a alguns, todos podiam se dedicar ao estudo das escrituras, leigos e sacerdotes.

Um partido religioso de destaque no contexto educacional na época de Jesus são os fariseus, que significa "separados."<sup>222</sup> Eles eram zelosos quanto a tudo que dizia respeito à pureza ritual. Elaboraram interpretações e aplicações da lei. O Novo dicionário da Bíblia, destacando o valor conferido à observação da Lei, ressalta que

<sup>217</sup> DOUGLAS, J. D. (Org). **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 433, 434.

<sup>218</sup> DOUGLAS, 2006.p.433.

<sup>219</sup> TREBALLE BARREIRA, Júlio. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.p.135.

<sup>220</sup> TREBALLE BARREIRA, Júlio, 1995.p. 135.

<sup>221</sup> DANIEL-ROPS, 2008.p. 431.

<sup>222</sup> ELWELL, 2009. p. 148.

para o fariseu, o exílio babilônico se deu em razão da não observância da Torá. Essa crença reforçava a necessidade do ensino e cumprimento da Torá.

Básico para o conceito farisaico de religião era a crença que o exílio babilônico fora causado pelo fracasso de Israel em observar a Torá. A Torá não era meramente lei, porém igualmente instrução, ou seja, não consistia meramente de mandamentos fixos, mas se adaptava a condições mutáveis...”<sup>223</sup>

O ensino da Torá era, segundo este grupo, essencial para a sobrevivência e vitória de Israel. A maior influência, dos fariseus, segundo Carvalho estava “nas ruas e na sinagoga”. A fonte de “toda a educação era a Bíblia Hebraica e a tradição oral.”<sup>224</sup>

Os saduceus, constituíam outro partido religioso, fazia parte do mundo educacional dos tempos de Jesus. A fonte da educação para este grupo estava exclusivamente na lei escrita, uma vez que eles não davam crédito à Lei oral. Eles faziam parte do partido que estava no poder e os fariseus eram oposição. Eram considerados intérpretes da lei e, segundo Carvalho, concordavam na inspiração das Escrituras; acreditavam na Torá e entendiam que o propósito de ensinar e interpretar a Escritura era instruir para a vida,<sup>225</sup> o ensino, portanto, era prático e vivencial.

Os Essênios, outro grupo constituído naquele contexto, o nome significa piedoso ou santo, apresentavam interpretações da Lei e estavam envolvidos com a educação nos dias de Jesus. Eram dedicados ao estudo comunitário de questões morais e religiosas. “Sua vida era fortemente arregimentada centralizava-se na oração, no trabalho rigoroso, nas purificações frequentes e no estudo das Escrituras.”<sup>226</sup> Carvalho destaca que “eles não tinham um espaço social tão influente na educação como tinham os fariseus e saduceus.”<sup>227</sup> Eram eles que forneciam as cópias da bíblia usadas nas sinagogas.

Esses muitos partidos parecem caracterizar uma grande fragmentação em uma pequena nação, “na casa de quinhentas mil pessoas.”<sup>228</sup> No entanto, Stegemann questiona: “se o judaísmo dessa época foi tão diferenciado e fragmentado e subdividido em muitas ‘seitas’, no que então residia sua unidade?”<sup>229</sup> Respondendo à

<sup>223</sup> DOUGLAS, J. D.(org). **O Novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2006.p. 496

<sup>224</sup> CARVALHO, 2019.p. 44.

<sup>225</sup> CARVALHO, 2019.p. 44.

<sup>226</sup> ELWELL, 2009. p.69

<sup>227</sup> CARVALHO, 2019.p. 45.

<sup>228</sup> STEGEMANN, Wolfgang. **Jesus e seu tempo**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.p. 276.

<sup>229</sup> STEGEMANN, 2012.p. 275

questão, Stegemann, propõe que a identidade, a autopercepção como continuadores do povo escolhido unia esses grupos e a nação.

Apesar de serem opositores, esses grupos convergiam em algumas questões destacadas por Longenecker, que também garantia essa unidade nacional. Em primeiro lugar, não havia dúvida ou divergência, quanto à inspiração divina das Escrituras. Em segundo, para eles a Torá continha a totalidade da verdade de Deus para a pessoa. Em terceiro, entendiam que sua tarefa era tratar dos significados claros ou evidentes e dos subentendidos ou deduzidos dos textos. E, por fim, que “o propósito de toda a interpretação bíblica era traduzir a instrução de Deus para a vida — o que é tornar as palavras de Deus significativas e relevantes para o povo na situação em que este se encontrasse.”<sup>230</sup> Observa-se que os pontos de convergência estão ligados à função do ensino. Nesse sentido, Jesus e seu ensino convergia com esses que também lhe foram opositores.

O contexto educativo dos tempos de Jesus destaca uma nação marcada por sujeitos profundamente envolvidos com a educação do povo e em busca de uma educação vivencial e de uma interpretação bíblica para a vida. Apesar de trazer um ensino novo, Jesus “torna as palavras de Deus significativas e relevantes para o povo na situação em que este se encontrasse.”<sup>231</sup>

Considerando as diversas influências no contexto educacional vivenciado por Jesus, bem como os diversos grupos constituídos para promover o ensino é relevante Jesus não escolher membros destes grupos, que lhe eram convergentes em alguns aspectos, para compor o seu discipulado mais próximo. Nesse sentido é de relevância compreender a concepção de Jesus que leva à escolha observada.

A partir da escolha da equipe de Jesus e do contexto educacional realizou-se uma análise da concepção de ser humano de Jesus com vistas a perceber as concepções definidoras da escolha de Jesus e formadoras de um ministério leigo eficiente.

### 3.3 QUEM É O SER HUMANO PARA JESUS

---

<sup>230</sup> LONGENECKER, Richard N. A hermenêutica judaica no primeiro século. *Vox Scripturae*, v. 3, n. 2, 1993, p. 167.

<sup>231</sup> LONGENECKER, 1993, p. 167.

As escolhas de Jesus, as não escolhas, suas ações e métodos no ministério refletem sua concepção de ser humano. Essa questão é relevante para a compreensão das bases do ministério da pessoa leiga a partir de Jesus. Nesse sentido, Smith, falando sobre educação cristã:

Sugiro um axioma: por trás de toda pedagogia há uma antropologia filosófica. Em termos mais simples, por trás de toda constelação de práticas educacionais há um conjunto de suposições sobre a natureza da pessoa humana – sobre o tipo de criatura que somos.<sup>232</sup>

A análise da concepção de Jesus sobre a natureza humana é fundamental para estabelecer os princípios sobre os quais se baseiam e como o ministério de educação de membros leigos pode contribuir para fortalecer a participação e o crescimento da igreja. Nesse contexto, Igor Miguel ressalta que "toda prática formativa é guiada por um modelo de ser humano."<sup>233</sup> Esse modelo de ser humano irá influenciar a direção da igreja, os objetivos do ensino, o processo de formação, o currículo, a metodologia educacional, bem como outros aspectos intrínsecos ao processo de ensino e à formação de uma comunidade.

### 3.3.1 A pessoa como imagem de Deus

Jesus concebe a pessoa a partir de sua identidade com Deus. São todos imagem de Deus. Jesus relaciona-se com todos, não discrimina, ao contrário, ensina a aceitação e igualdade. Esse fato fica demonstrado no seu relacionamento com homens, mulheres, crianças, samaritanos, prostitutas, estrangeiros, intelectuais, ricos e pobres. Tal inferência é percebida nos encontros e nos discípulos de Jesus relatados no evangelho de Lucas.

Outro aspecto do ministério de Jesus, que reflete sua visão, é a forma com que ele quebra os paradigmas relativos às categorias de ser humano. Destaque percebido refere-se ao protagonismo de mulheres no ministério de Jesus percebido

---

<sup>232</sup> SMITH, James K. A. **Desejando o reino**: culto, cosmovisão e formação cultural. São Paulo: Vida Nova, 2018.p.32

<sup>233</sup> MIGUEL, Igor. **A quem ensinar?** Serie: O Professor intencional. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FZGnlldrdS8&list=PLSBguJ68lXJeq\\_nx-XalTc29NELjdSOVf&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=FZGnlldrdS8&list=PLSBguJ68lXJeq_nx-XalTc29NELjdSOVf&index=3). Acesso em: 13/04/2022.

no relato da anunciação do nascimento de Jesus a Maria, no cântico de Maria, na *Beatitude* de Isabel, quando Jesus elogia o exemplo da mulher que lhe lavou os pés e no elogio à atitude de Maria ao sentar-se para aprender dele, assumindo a postura de discipula.

Outro destaque apresentado por Lucas mostra as interações de Jesus com os socialmente excluídos quando relata que Jesus come na casa de publicanos, toca e cura um leproso; cura no sábado, enfatizando o valor da pessoa; elogia o centurião romano; caracteriza o samaritano como o que fez o bem na parábola do rico e o mendigo; elogia a gratidão do samaritano curado de lepra, entre os 10 curados; destaca a humildade do publicano na parábola do fariseu e do publicano.

Diante desses eventos, é perceptível no evangelho de Lucas as marcas do aspecto da antropologia de Jesus, que vê no ser humano a imagem e semelhança de Deus, portanto todos com dignidade, todos com igual valor.

Ele (Jesus) adiantou-se ao mais universalista dos rabinos, vendo um irmão no pagão incircunciso, no pecador declarado e no incrédulo. [...] Sua bondade entendeu-se igualmente a pecadores notórios, os desprezados publicanos, mulheres de vida fácil e aos *am-há-arez* tidos como desconhecedores da Lei. [...] não havendo, portanto, outro modo de considerar seu comportamento senão como escandaloso.<sup>234</sup>

Jesus concebia as pessoas como iguais e competente. Por esse motivo estendeu seu ensino a todos, e por isso escandalizava as pessoas por onde passava, ao mesmo tempo em que também acolhia a todas as pessoas. Hendriksen, observa que, em nome do amor, Cristo quebra todas as barreiras sociais, raciais, sexuais.

O Cristo descrito por Lucas entrou num mundo cheio de distinções de classe e barreiras: raciais, nacionais, sociais, sexuais. Ele insistiu em que, por meio da aplicação de um amor abnegado e sacrificial para com todos, essas barreiras fossem derrubadas (4.25-27; 7.9, 36-50; 8.3; etc.). Devemos amar até mesmo nossos inimigos (6.35); devemos proclamar o evangelho a todas as nações (24.47), e em nosso entusiasmo pela causa das missões não devemos esquecer de fortalecer os irmãos (1.1-4). Tudo isso deve ser feito “para a glória de Deus” (2.14, 20; 5.25; 18.43; 24.53).<sup>235</sup>

Jesus não olha classes, gênero ou reconhecimento social. Ele escolhe, capacita e envia o anônimo, inculto, simples, a mulher, o estrangeiro, o pobre. Sua

<sup>234</sup> ANIEL-ROPS, 2008.p. 489

<sup>235</sup> HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Lucas**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.p. 75

escolha ensina que todas as pessoas cristãs são igualmente capacitadas para o seguimento e para a missão. Reforçando a lição observada no relato idêntico do envio dos doze e das setenta e duas pessoas discipulas e reforçada na escolha dos doze retratada por MacArthur:

Na verdade, eles viviam à margem das instituições religiosas da época de Jesus. Não se destacavam por seus talentos naturais nem aptidões intelectuais. Pelo contrário, todos eles estavam sujeitos a cometer erros, ter atitudes equivocadas, lapsos na fé e terríveis fracassos – ninguém mais ilustra isso do que Pedro.<sup>236</sup>

O entendimento construído a partir dos relatos do Evangelho de Lucas é que Jesus reconhece em todo indivíduo a dignidade, a capacidade para o desenvolvimento cultural e para o aprendizado. Jesus reconhece a imagem de Deus também na capacidade de relacionamento do ser humano.

A imago Dei no ser humano foi interpretada, em terceiro lugar, como a capacidade constitutiva dos seres humanos para estabelecer relações sociais, capacidade esta que corresponde à sua participação comunicativa na comunhão com a Trindade divina. A imagem de Deus é, pois, a capacidade para amar – o próximo (Lc 10.25-37) e o inimigo (Mt 5.43-48), que pode se tornar irmão e irmã – e está dirigida para a philadelphia em Cristo (Rm 12.10; 1Ts 4.9s; 1Pe 3.8), que é o caso comprobatório do amor a Deus (1Jo 3.10,14-18; 4.20s).<sup>237</sup>

A base do ministério de Jesus e o método escolhido dependem da capacidade de relacionamento da pessoa. O ensino de Jesus era realizado no dia a dia, a partir dos seus relacionamentos. Jesus fez amigos; viveu com os discípulos; chorou com eles; orou com eles; comeu com eles. Em sua época Jesus deu real importância para os vínculos relacionais, por isso criou um grupo com quem fez questão de caminhar.

Quando Jesus envia os discípulos, os doze e os setenta e dois, ele os orienta a ir de dois em dois e “fiquem na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem.”<sup>238</sup>

<sup>236</sup> MACARTHUR, John. **Doze homens extraordinariamente comuns**: como os apóstolos foram moldados para alcançar o sucesso em sua missão. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019p. 247

<sup>237</sup> SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. (Org.) **Manual de ciência litúrgica**: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja. Vol. 01. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2011.p.114.

<sup>238</sup> Lucas 10.7. **Bíblia de Estudo NAA**, João Ferreira de Almeida (trad.). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018

Em todo o ministério de Jesus, ele se relacionou com o povo. ele estimulou discípulos e discipulas a fazerem o mesmo, assim como está nas escrituras: “Não é bom que o homem esteja só”<sup>239</sup>, tal orientação vai além de observar a instituição do casamento, mas apresenta um princípio importante no processo de ensinamento de Jesus, que sendo o ser humano semelhante a Deus é conseqüentemente relacional. Isso implica dizer que tal qual é Deus, é o ser humano, é o ensino, é a igreja: relacional.

Jesus relaciona-se com a pessoa como um todo individual. Seu encontro com cada pessoa observa suas individualidades e necessidades. Carvalho lembra que “Jesus era apaixonado pela existência humana, observa-se que ele tinha um método para cada pessoa e que seu ensino visava a transformação.”<sup>240</sup>

No relacionamento com os seus discípulos, Jesus reconhece neles a dignidade humana advinda da imagem de Deus, como sua capacidade para crescer, aprender, impactar. Todavia, Jesus não tem uma visão inocente do ser humano. O mestre reconhece em seus discípulos sua falibilidade, sua natureza contaminada pelo pecado. No relato do Evangelho de Lucas pode-se destacar alguns momentos em que se observa esse fato.

Pedro corta a orelha do guarda, nega a Jesus, os discípulos tiveram atrito discutindo quem era o maior, querem pedir fogo do céu para consumir os samaritanos que não recebem a Jesus, são preconceituosos, Tomé dúvida. Jesus conhecia a índole pecaminosa de seus discípulos, “Pedro, antes que o galo cante, você negará três vezes que me conhece” (Lucas 22. 34). Jesus sabia e isso não afetou seu amor, mas direciona seu ensino.

A antropologia de Jesus fornece uma base argumentativa para compreensão de seu ensino e de suas escolhas. Nesse sentido é a fonte de inspiração para toda pessoa envolvida na educação cristã: pais, professores de Escola Bíblica, pregadores, testemunhas. Pode-se considerar que o próprio Jesus e sua concepção de ser humano devem ser o alvo antropológico de todo educador.

O discipulado cristão tem como base a conformidade ou a imitação de Cristo. O alvo antropológico do discípulo é Jesus, e a vida cristã é cristomórfica. Jesus é “a própria encarnação daquilo para o que fomos feitos, do fim para o qual fomos chamados”, e cada cristão é convocado a assumir esse figurino, o revestimento de Cristo é um mandato apostólico (Romanos 13.14).<sup>241</sup>

---

<sup>239</sup> Genesis 2.18. Bíblia de Estudo NAA, 2018.

<sup>240</sup> CARVALHO, 2019.p. 55.

<sup>241</sup> MIGUEL, 2021. 171

Diante desse fundamento, com os olhos nessa antropologia é possível perceber que o ministério dos discípulos leigos advém de uma concepção de ser humano que norteou o ministério educacional de Jesus e marcou seu movimento.

A partir da análise do ministério de Jesus observa-se que, tal como os imigrantes na história dos batistas, Jesus e seus discípulos e discipulas eram parte do povo, eram iguais, viviam suas lutas, suas alegrias, suas festas, seus costumes, sofriam os mesmos preconceitos, ensinavam enquanto conviviam. Eles não intimidavam porque eram parte do povo. Eram um movimento popular. As pessoas se aproximavam, se sentiam acolhidas e dispostas a ouvir e se sentiam parte do diálogo na caminhada.

A comparação dos textos de envio dos doze e dos setenta e dois revela que não houve distinção na identidade, na estrutura e nos detalhes do envio e na missão conferida aos discípulos e discipulas. A concepção de ser humano de Jesus oferece elementos importante para a compreensão da escolha de sua equipe, destaca seu reconhecimento do igual valor da pessoa humana e da competência, de toda pessoa cristã, para compreensão da mensagem bíblica e realização da missão e informa uma das bases para o ministério leigo na igreja: a visão de ser humano.

Esses achados advindos da análise da história dos Batistas e do ministério de ensino de Jesus devem ser analisados à luz da educação moderna com o objetivo de aferir a aplicabilidade para a atualidade da Igreja da CBB.

## 4. ANÁLISE NA TEORIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

A perspectiva da teoria da educação é importante para contextualizar os princípios da educação cristã no ministério da pessoa leiga, com vistas a promover o crescimento e fortalecimento das igrejas batistas. Assim, analisaremos as teorias educacionais clássicas e modernas para dessa forma submeter os achados, advindos dos parâmetros históricos e bíblicos analisados, à teoria da educação a fim de responder à pergunta: como a educação cristã, realizada por leigas e leigos nas igrejas batistas da CBB, pode contribuir para o crescimento e fortalecimento e engajamento da membresia?

A primeira análise será realizada na obra *Didática Magna* de Comenius.

### 4.1 COMENIUS E A OBRA DIDÁTICA MAGNA

Para compreender a relevância, atualidade e aplicabilidade do pensamento de João Amós Comenius para essa investigação é importante destacar que Comenius foi um pastor dos morávios e “antecede a Rousseau em relação a propostas para a educação infantil, sendo considerado um pioneiro nesta área”<sup>242</sup>. É considerado o “pai da pedagogia moderna”<sup>243</sup>. A *Didática Magna* (1632), chamada por Comenius de “*Didática da vida*”<sup>244</sup>, é sua principal obra “um método universal de ensinar tudo a todos”<sup>245</sup>

A teoria de Comenius nasce no seio do cristianismo, portanto sua relevância para a educação cristã é direta. É a partir de concepções cristãs de educação que surge a didática magna. Comenius foi o primeiro a tratar a educação como uma ciência sistemática. “O educador foi considerado em 1956 pela UNESCO o antecessor

<sup>242</sup> SILVA, Ursula Rosa. **Filosofia, educação e metodologia de ensino em Comenius**. 2006. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=com%C3%AAnius+educa%C3%A7%C3%A3o&oq=co](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=com%C3%AAnius+educa%C3%A7%C3%A3o&oq=co). Acesso em: 31/08/2022. p. 1.

<sup>243</sup> LOPES, Edson Pereira. O Conceito de Educação em João Amós Comenius. **Fides Reformata**, XIII, nº 2, 2008.p. 49.

<sup>244</sup> COMENIUS. **Didática magna**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.p.37

<sup>245</sup> SILVA, 2006.p. 1.

espiritual da organização, pois seus ideais estão intimamente ligados a uma profunda justiça social, a fim de reformar a vida do homem.”<sup>246</sup>

A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - reconhece a semelhança entre os ideais que inspiram a educação de Comenius e os seus, reconhecendo, assim, que a construção moderna busca inspiração na obra que tem como propósito maior a transformação da vida das pessoas e, conseqüentemente, da sociedade. Assim, essa é uma educação que tem impactos pessoais e sociais e que tem impactos políticos, pois propicia a paz social.

A partir das inquietações de Comenius e de suas observações da vida e da sociedade, ele escreve a obra didática magna com uma proposta de solução das questões sociais de sua época e de sua terra a partir da educação. “O lema do “ensinar tudo a todos”, [...], é considerado o arauto da educação moderna. O movimento iluminista do século XVIII fortalece essa ideia de formação geral, [...], como condição de emancipação e esclarecimento.”<sup>247</sup>

Comenius faz sua leitura dos princípios iluministas a partir de uma visão cristã do mundo e da potencialidade da educação para a emancipação, esclarecimento, liberdade, paz e justiça social. No século XVII, Comenius, com base na crença de que todas as pessoas são imagem e semelhança de Deus e, portanto, dignas e capazes de aprender, cria sua pansofia que fala de uma educação inclusiva, que olha para o indivíduo, seu contexto e seu potencial para ser mais. Nesse sentido a teoria da humanização desenvolvida por Paulo Freire, já tem seu nascedouro no século XVII.

Segundo Berthoud, a mais importante distinção concedida pela Unesco a um educador é a medalha “Comênio”. A organização publicou uma coletânea de páginas selecionadas de suas obras, prefaciadas por Jean Piaget, à época diretor do Gabinete Internacional da Educação da Unesco. No prefácio Piaget destaca o pensamento visionário ao inaugurar a teoria “quanto ao conhecimento gradual da criança, proporcionando um ensino mais próximo da realidade infantil e, também, propondo que a criança aprendesse a partir das coisas simples (concretas), passando para as complexas.”<sup>248</sup>

---

<sup>246</sup> CARDOSO, Karina Litardi Pereira; FISCHMANN, Roseli. Comenius e o direito à educação. **Cadernos de Educação**, v.12, n. 24, jan. jun. 2013.p. 210.

<sup>247</sup> LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo na educação.** Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Graduacao/Espacodoaluno/PET-ProgramadeEducacaoTutorial/Pedagogia/capitulo-libaneo.pdf>. Acesso em: 22/09/2022. p. 5.

<sup>248</sup> LOPES, 2008.p. 55.

Dada a atualidade e relevância do pensamento de Comenius, buscou-se na obra didática magna contribuições para responder o questionamento desta pesquisa. Nesse sentido serão abordadas quatro contribuições: o valor da pessoa no pensamento de Comenius; pansofia: ensinar tudo para todos; essencialidade da educação em Comenius e o método de ensino proposto por Comenius.

#### **4.1.1 O Valor do ser humano**

O texto da Didática Magna inicia destacando o valor do ser humano. No capítulo I, informa que “o homem é a mais elevada, perfeita e excelsa das criaturas.”<sup>249</sup> Questionado sobre a desnecessidade dessa informação no início de um texto com foco no ensino, Comenius respondeu que, em primeiro lugar, a didática magna foi escrita para o despertar do povo, daí a necessidade da informação relativa ao ser humano e a importância desse público-alvo reconhecer-se capaz.

O reconhecimento da perfeição de todo ser humano conduz Comenius à necessidade de dirigir-se a todos os seres humanos e lhes falar de suas capacidades, a fim de que pudesse acordá-los do comodismo ante uma sociedade manipuladora, que olhava para alguns como marionetes, repetidores e pacíficos recebedores. A obra, conforme palavras do autor, se dirige primeiramente ao povo, e não ao erudito e ao estudioso.<sup>250</sup>

A didática magna de Comenius, é, portanto, uma obra para educar, pois, ele parece compreender a essencialidade de despertar em todos o valor do ser humano, sua capacidade e potencialidade. Nenhuma teoria que busque transformar os rumos da humanidade prescinde de começar por ensinar e inculcar nas pessoas a capacidade incita em todo ser humano.

Da obra de Comenius, infere-se que uma teoria educacional que não considera o valor e capacidade da pessoa, dificilmente alcançará o propósito de educar e transformar. O propósito de Comenius, ao dedicar-se à educação, é a transformação da pessoa e de seu país por meio da educação universal. Tal qual sua pansofia, sua didática é para todos. Portanto, sua obra é resultado dessa concepção de ser humano que reconhece a necessidade de emancipação e capacidade para aprender.

---

<sup>249</sup> COMENIUS, 2011.p.63.

<sup>250</sup> COMENIUS, 2011.p.37.

Segundo Lopes, essa concepção reconhece que “o homem somente pode ser compreendido tendo como foco sua integralidade. [...] não pode ser fragmentado, pois ele é, em sua concepção, um ‘micromundo’.”<sup>251</sup> Nesse sentido, não somente se reconhece o valor e capacidade da pessoa, mas também sua integralidade. O ser humano não pode ser reduzido a um de seus aspectos. Comenius, portanto, replica a antropologia de Jesus que reconhece o ser humano como não divisível.

A visão advinda da narrativa bíblica da criação do ser humano é a base para a construção da teoria de Comenius que advoga pelo direito e necessidade de toda pessoa de receber instrução, ter acesso à educação. Para ele, a base para o crescimento da pessoa, para sua relação harmoniosa com o meio ambiente, princípio largamente difundido na atualidade, é a relação com seu criador.

A pessoa tem necessidade de ser educada e “reúne as condições para aprender tudo”<sup>252</sup>, além disso, é hábil para ensinar. Comenius, destaca que a excelência humana é pressuposta da educação, pois “na verdade, cada homem é para Deus seu paraíso de delícias...”<sup>253</sup> Ressalta, ainda, que “no homem e através do homem, a sabedoria de Deus difundiu-se de vários modos, como rios que irradiavam em todas as direções.”<sup>254</sup> Destaca o valor da educação: “as Santas Escrituras nos ensinam primordialmente que não há caminho mais eficaz para corrigir a corrupção humana que a correta educação da juventude.”<sup>255</sup>

A didática magna reconhece que “todo homem nasceu com capacidade de adquirir a ciência das coisas, antes de mais nada porque é imagem de Deus.”<sup>256</sup> O ser humano, portanto, fazendo uso do caminho eficaz que é a educação, é o instrumento pelo qual a sabedoria pode alcançar todos e todas.

Comenius reconhece que não há limite para o aprendizado. Segundo ele “na mente nunca se encontrarão limites.”<sup>257</sup> Em sua obra ele ressalta a necessidade de reconhecer e ensinar o valor e a capacidade do ser humano como pressuposto para o aprendizado e para que o ensino alcance toda a sua potencialidade.

---

<sup>251</sup> LOPES, 2088.p. 53, 54.

<sup>252</sup> GASPARIN, João Luís. **A emergência da modernidade na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.p. 58.

<sup>253</sup> COMENIUS, 2011. p. 52.

<sup>254</sup> COMENIUS, 2011. p. 47.

<sup>255</sup> COMENIUS, 2011. p. 52.

<sup>256</sup> COMENIUS, 2011.p. 78.

<sup>257</sup> COMENIUS, 2011.p. 81.

A pedagogia de Comenius, portanto, advém da convicção da capacidade do ser humano de ser sempre mais e melhor, da capacidade da mente humana para aprender. Com base nessa pedagogia, o ministério de educação cristã da pessoa leiga para ser efetivo deve acreditar nessa capacidade e, assim, inculcar nas pessoas cristãs essa convicção.

#### 4.1.2. Pansofia – ensinar tudo a todos

A segunda contribuição da didática magna para a educação cristã é o princípio de ensinar tudo a todos, pansofia, que tinha como objetivo um ensinar “absolutamente exaustivo, tratando de todos os assuntos, uma verdadeira enciclopédia concebida como meio de salvação para a iluminação da inteligência humana.”<sup>258</sup>

Importa ressaltar que a pansofia tem como pressuposto básico o valor da pessoa humana. Nesse sentido, a educação é para todos. Não só para “os filhos dos ricos ou das pessoas mais importantes, mas todos em igualdade, de estirpe nobre ou comum, rico e pobre, meninos e meninas”<sup>259</sup> tem direito a educação.

A antropologia-teológica comeniana apresenta o homem como a “coroa da glória de Deus”, a síntese de todas as coisas, pois nele foram “reunidos todos os elementos materiais, todas as formas e seus graus para exprimir toda a arte da divina Sabedoria”. Ora, se todos os homens foram criados por Deus conforme sua imagem e sua semelhança, infere-se que todos devem ser igualmente educados. Ninguém, inclusive as mulheres e os pobres, deve ser excluído, pois isso seria uma ofensa a Deus.<sup>260</sup>

Nessa vertente, o pressuposto do sistema educacional de Comenius é sua concepção de ser humano. A consequência natural é o reconhecimento do direito de todos ao aprendizado. Dessa forma, sendo todas as pessoas valorosas, competentes, iguais e capazes para aprender todas as coisas, todos devem ter acesso à educação. Tal pressuposto é necessariamente aplicado à educação cristã, uma vez que reconhece a semelhança de Deus em todo ser humano, conferindo, assim, o direito de aprender a todos.

---

<sup>258</sup> BERTHOUD, Jean-Marc. **João Amós Comênio e as origens da ideologia pedagógica: o inspirador das reformas escolares modernas**. Brasília: Editora Monergismo, 2017.p. 26.

<sup>259</sup> COMENIUS, **Didática magna**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.p. 103.

<sup>260</sup> LOPES, 2008.p. 58.

Destaca-se que a educação cristã aponta o caminho para a igualdade entre as pessoas e o direito a educação para todos. “Comenius rompeu com a tradição daquele contexto e pontuou que o reconhecimento da dignidade e do direito à educação são inerentes a todos os membros da família.”<sup>261</sup>

Buscando apoio nas ideias manifestadas por Lutero, quanto a educação para todos, Comenius destaca dois anseios do reformador: a alegria no aprender e a instituição de escolas em todo lugar “para a instrução de toda a juventude de ambos os sexos: [...] que as crianças sejam educadas com método mais fácil, [...] a fim de que, [...] encontrem nos estudos um prazer não inferior ao que sentem quando passam o dia inteiro a brincar ....”<sup>262</sup>

A educação é o caminho para o exercício da liberdade de toda pessoa de entender e decidir a partir de sua compreensão. E dessa forma, Comenius reconhece, a toda pessoa, o direito à educação que iguala todos. Quanto às mulheres, ele destaca que possuem “mente ágil e capaz de aprender a sabedoria [...], igualmente para elas está aberto o caminho dos ofícios elevados, uma vez que, frequentemente, são chamadas pelo próprio Deus para governo dos povos.”<sup>263</sup>

O sistema advogado por Comenius busca, também, que o ensino seja prazeroso e conduza a autonomia. Estado e igreja, em muitos casos, oferecem uma educação que Paulo Freire chamou “educação bancária”<sup>264</sup>, esse formato se distancia da proposta transformadora, atraente, prazerosa ou que conduza a autonomia. O objetivo da pansofia é uma educação que enfatiza a autonomia, que conduz a pessoa a suas próprias conclusões.

Todos sejam educados para uma cultura não vistosa, mas verdadeira, não superficial, mas sólida, de tal sorte que o homem, como animal racional, seja guiado por sua própria razão e não pelo de outrem e se habitue não a ler e a entender nos livros as opiniões alheias e a guardá-las de cor e a recitá-las,

<sup>261</sup> LOPES, 2008.p. 56

<sup>262</sup> COMENIUS, 2011.p. 114.

<sup>263</sup> COMENIUS,2011. p. 105.

<sup>264</sup> Termo cunhado por Paulo Freire. “Na obra intitulada, na tradução francesa, *Sur l'éducation des enfants (Oeuvres Morales*, Tome, I, 1844, p. 38), encontramos a seguinte expressão do filósofo greco-romano: “O espírito (a cabeça) não é como uma jarra que se enche. Semelhante às matérias combustíveis, ela tem, antes, necessidade de um alimento que o sacie, que aqueça suas faculdades e anime o espírito para a busca da verdade”. Nessa frase, Plutarco resumia para nós, educadores modernos, o que significa educar. Quando nos preocupamos em encher a cabeça dos educandos com conhecimentos, sem levar em conta que eles precisam é de um “alimento” que vivifique as suas faculdades e os encoraje a seguir na direção da pesquisa da “verdade”, estamos apenas enchendo a jarra. Freire, a rigor, substituiu a jarra de Plutarco e o vaso de Pestalozzi por banco, com o mesmo sentido dado pelos seus antecessores.” (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2016.p. 158)

mas a penetrar por si mesmo na raiz das coisas e dela extrair autêntico conhecimento e utilidade.<sup>265</sup>

O direito de todos à educação pode ser traduzido como o direito à liberdade, pois se assenta em uma educação que capacita a pessoa a acessar o conhecimento, criticar e tirar suas conclusões, sem que outro diga como acreditar ou como pensar. Comenius ressalta que as pessoas são agentes ativos no mundo. “Todos aqueles, porém, que estão no mundo não só como espectadores, mas como atores, devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes.”<sup>266</sup>

A pansofia implica na luta por um direito de todos, sendo, portanto, um dever do Estado e que, no contexto deste trabalho, se estende para a igreja. Assim, acredita na transformação do indivíduo e da sociedade por meio da educação; em um ensino prazeroso e, ainda, no alcance da autonomia de homens e mulheres, sempre por meio da educação. A educação é o meio e o instrumento apresentado para o alcance de todas as propostas da pansofia de Comenius.

A educação cristã realizada nas igrejas deve ser igualmente dirigida a todos, reconhecendo a necessidade e o direito da pessoa de aprender com vistas à autonomia do pensamento. Nesse fundamento, o conhecimento não deve ser monopolizado, ao contrário deve ser largamente compartilhado para edificação de outros. Todos aprendendo todas as coisas, sem distinções, sem reservas. Esse é o caminho, como quis Comenius, para a paz na cidade e, certamente, o caminho para o crescimento da igreja e fortalecimento dos cristãos.

Segundo Araújo, esse mesmo espírito de ensinar tudo a todos está presente na Constituição da UNESCO, na Declaração do Direitos Humanos, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Lei de Diretrizes e Bases no Brasil. A Pansofia reconhece a capacidade e necessidade de aprender.

Comenius citando Lutero, destaca o valor desse direito concedido a todos de aprender, reconhecendo valor muito maior à educação de um jovem do que à construção de fortalezas. Ele explica que “na verdade, o homem bom e sábio é a relíquia preciosa do Estado...”<sup>267</sup> Cria-se, dessa forma, um círculo virtuoso, em que

---

<sup>265</sup> COMENIUS, 2011.p. 119.

<sup>266</sup> COMENIUS, 2011.p. 107

<sup>267</sup> COMENIUS, 2011.p. 39.

todos aprendem e dialogicamente compartilham esse conhecimento e assim toda pessoa contribui para o desenvolvimento da comunidade na qual está inserido.

#### 4.1.3. O valor da educação

Para Comenius, os requisitos genuínos do ser humano são: conhecer todas as coisas; dominar as coisas e a si mesmo; conduzir a si mesmo, levando consigo todas as coisas para Deus. Para isso, ele apresenta três aspectos: instrução; virtude, ou seja, costumes honestos, e religião, ou seja, piedade. “Nestas três coisas consiste toda a excelência do homem, porque só elas constituem a base da vida presente e futura.”<sup>268</sup> A instrução ou a educação são essenciais e parte natural do humano e é “uma das principais bases da sociedade, o fundamento da formação humana.”<sup>269</sup>

Sem a educação o homem jamais estará completo em sua identidade. E mais, sem estender a educação a todas as pessoas, “é provável que muitos excelentes engenhos vivam e morram sem instrução, com grave prejuízo para a igreja e o Estado.”<sup>270</sup> Nesse sentido, Comenius reconhece a essencialidade da educação para o alcance dos objetivos do Estado e da igreja.

A obra de Comenius ressalta que “as divinas Escrituras nos ensinam primordialmente que não há caminho mais eficaz para corrigir a corrupção humana que a correta educação da juventude.”<sup>271</sup>

A obra Didática Magna reconhece que são inerentes a toda pessoa “as sementes da ciência, da moral e da piedade.”<sup>272</sup> Portanto, a educação, segundo Comenius é essencial para a existência da igreja, para a completude humana e tem sua semente no ser humano, lhe sendo, portanto, natural.

Destacando o valor que Comenius atribuí a educação Lopes observa que, entre 1930 e 1933, surgiram as principais obras pedagógicas e o empenho deveu-se a convicção de que “por meio da educação, poderia ocorrer a paz entre os povos e uma possível restauração da Boêmia.”<sup>273</sup>

---

<sup>268</sup> COMENIUS, 2011.p. 75.

<sup>269</sup> SILVA, 2006.p. 1.

<sup>270</sup> COMENIUS, 2011.p 165.

<sup>271</sup> COMENIUS, 2011.p. 52.

<sup>272</sup> COMENIUS, 2011.p. 165.

<sup>273</sup> LOPES, 2008.p. 51.

Lopes, citando Cauly, ressalta que “a pedagogia de Comenius não teria provavelmente visto a luz do dia sem esta fé na educação, enquanto meio de reconduzir os homens à verdade [...] à fé na sua capacidade de salvar o homem das trevas onde parece estar imerso.”<sup>274</sup>

A obra de Comenius reconhece o valor e capacidade da pessoa para aprender e a essencialidade da educação para transformar o ser humano e a comunidade. Nesse sentido convergem Comenius, Jesus e os achados da história batista.

#### **4.1.4. O método em Comenius**

A Didática de Comenius destaca os princípios sobre os quais se baseiam a didática magna. Entre esses destacam-se a analogia com o método natural, o caráter gradual e cíclico do ensino. Tudo deve partir do sensível e do sabido, do conhecido ao desconhecido, do próximo para o distante, do concreto para o abstrato, da parte para o todo, do geral ao particular<sup>275</sup>. Dessa forma, Comenius argui sobre a importância de partir de onde o aluno está, sua realidade e seu nível cognitivo.

Comenius reflete em sua argumentação o método de Jesus, que parte do conhecido, do vivencial, do simples para o novo, desconhecido e complexo. Um método que ressalta a importância do convívio com o aluno e que se aplica e se destaca como uma das características do ensino da pessoa leiga. O método proposto pressupõe um ensino contextualizado que se inicia com o sabido, que considera a relação com o próximo, o convívio e as interações com o aluno e sua vida, seus prazeres, seus desafios e dores.

Ao reconhecer o valor da educação, Comenius enfatiza que “é natural fazer o que os outros fazem, ir aonde os outros vão, seguir quem nos precede e ir à frente de quem nos segue.”<sup>276</sup> Segundo ele, “para orientar e guiar as crianças, são mais úteis os exemplos do que as regras: se algo é ensinado a uma criança, pouco fica gravado, mas se for mostrado o que os outros fazem, ela logo os imitará, sem precisar de ordens.”<sup>277</sup> Dessa forma, para Comenius, os que ensinam devem reconhecer que suas vidas são livros lidos por seus alunos diariamente. O aluno aprende imitando.

---

<sup>274</sup> CAULY, 1995 Apud LOPES, 2008.p. 62.

<sup>275</sup> COMENIUS, 2011.p 169-171.

<sup>276</sup> COMENIUS, 2011.p.101.

<sup>277</sup>COMENIUS, 2011.p. 101.

O método de ensino deve propiciar um aprendizado prazeroso. A obra ressalta que a escola “adota um método tão duro que [...] geralmente [...] tortura para a mente.”<sup>278</sup> Berthoud ressalta que o pensamento de Comenius é precursor dos métodos ativos que destacam que a criança “não tem prazer em escutar passivamente os outros: gostam de interromper e serem ouvidas [...] método didático oferece aos alunos liberdade de agir.”<sup>279</sup> O autor destaca ainda a oposição de Comenius à memorização, uma vez que ele advoga um ensino que reconheça o ser humano e lhe seja prazeroso.

A Didática Magna, portanto, destaca três princípios basilares para o ministério da pessoa leiga. O primeiro é o igual e excelente valor da pessoa humana e o direito de toda pessoa ao aprendizado. O segundo, o valor conferido à educação como meio para que toda pessoa alcance, de forma prazerosa, sua autonomia e potencialidade. O terceiro, um ensino que reconheça o outro e lhe seja prazeroso e natural. Nada mais natural que aprender no dia a dia.

Em síntese, ao reconhecer o valor do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, sua capacidade para aprender e transformar sua realidade e o mundo a sua volta e a educação como processo essencial para o alcance da potencialidade humana, Comenius converge com o ensino de Jesus e possibilita reconhecer que a missão de transformar é de toda pessoa e o meio é a educação.

## **4.2 PARADIGMAS ESTRUTURADORES DA EDUCAÇÃO CRISTÃ MODERNA**

Nesse tópico serão analisadas algumas propostas da pedagogia moderna, cujo objetivo é, à luz das tendências atuais, refletir como o ministério de educação cristã da pessoa leiga encontra reflexo nos paradigmas estruturadores da educação moderna. Os achados advindos da história e do ministério de Jesus foram confrontados com a teoria da educação moderna, buscando convergências e correlações, para avaliar se tais achados são aplicáveis à igreja na atualidade.

---

<sup>278</sup> COMENIUS, 2011.p. 165.

<sup>279</sup> BETHOUD, 2017.p.39.

### 4.2.1 Humanização

Importante marca da educação moderna, presente em Paulo Freire, é a valorização da pessoa que reconhece a incompletude humana e suas potencialidades, caracterizando, assim, uma concepção educacional de ser humano. Nesse sentido, convergem os batistas, Jesus, Comenius e Freire.

A análise desse aspecto considerou os aportes da obra de Paulo Freire, devido a relevância desse pensador brasileiro, reconhecido internacionalmente e considerado patrono<sup>280</sup> da educação brasileira para a pedagogia moderna.

Haddad, discorrendo sobre a concepção educacional de Paulo Freire, salienta que o ser humano é “sujeito capaz de aprender e de ensinar e com isso transformar o mundo.”<sup>281</sup> Em razão disso, a vocação da pessoa para ser mais é nata e, portanto, é desumanização qualquer processo de educação que não reconheça, não se aproprie e não reflita a capacidade do ser humano de refletir e mudar o mundo, por meio da educação, sendo, toda pessoa, portanto, sujeito e não objeto.

Segundo Zitkoski, a perspectiva antropológica é o ponto de partida da proposta de Freire, pois esse “expressa em seus principais escritos uma preocupação em fundamentar uma antropologia que seja anúncio de sua forma de ver a humanidade.”<sup>282</sup> Disso advém a concepção de um ser humano vocacionado para “ser mais” e sua humanização como o sentido da vida. Há, portanto, o reconhecimento das limitações e a busca consciente da sua superação na busca por “ser mais”. A humanização retrata a visão de ser humano sobre a qual foram construídas as propostas de educação de Freire.

Importa compreender o que é humanização ou o processo também chamado, por Freire, de genteficação. Alguns destaques são importantes para a compreensão do tema, conforme se observa na Figura abaixo:

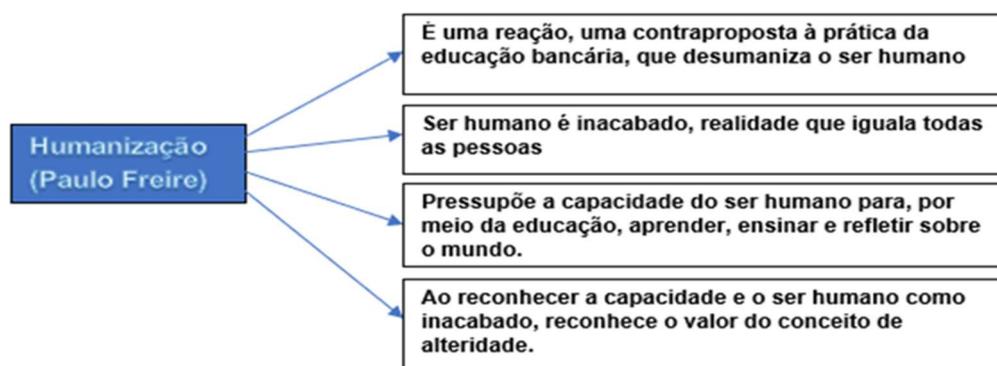
---

<sup>280</sup> Foi reconhecido pela Lei nº 12.612 de 13 de abril de 2012 Patrono da Educação Brasileira.

<sup>281</sup> HADDAD, Sergio. **A educação humanizada de Paulo Freire**. Universidade de Caxias do Sul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VqRkSifvT3A&t=334s>. Acesso em: 07/09/2022.

<sup>282</sup> STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo: Autêntica Editora. 2010.p. 210. Disponível em: [https://territoriosinsurgentes.com/wp-content/uploads/2021/03/Danilo\\_R.\\_Streck\\_Dicionario\\_Paulo\\_Freirez-lib.org\\_epub.pdf](https://territoriosinsurgentes.com/wp-content/uploads/2021/03/Danilo_R._Streck_Dicionario_Paulo_Freirez-lib.org_epub.pdf). Acesso em: 11/08/2022.

Figura 3 - Conceitos de Humanização, Freire



Fonte: A autora

Observa-se que a concepção de humanização se contrapõe a concepção de educação bancária, também tratada por Freire. Para ele “essa concepção ‘bancária’, implica, [...] aspectos que envolvem sua falsa visão de homem.”<sup>283</sup> O educador ressalta “o estranho humanismo desta concepção ‘bancária’ se reduz à tentativa de fazer dos homens o seu contrário – o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação de ser mais.”<sup>284</sup>

Educação bancária é o ato de transmitir conhecimentos, tratando o educando como simples depósito a receber e repetir. Nesse modelo, não se vê o aluno como o outro com valor e contribuições. Esse é apenas quem vai receber conhecimentos, ou seja, o educando é simples *locus* para recebimento do conhecimento de outro. Nesse modelo o educador entende-se como autoridade e se “opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, [...], é o sujeito do processo: os educandos, meros objetos.”<sup>285</sup>

Na educação bancária “não há criatividade, não há transformação, não há saber”<sup>286</sup>, Freire lembra que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.”<sup>287</sup> Não há construção, intervenção, curiosidade, comunicação. É uma educação que “anula o poder criador dos educandos.”<sup>288</sup> O aluno é objeto e não sujeito ativo na construção do saber.

<sup>283</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.p. 77.

<sup>284</sup> FREIRE, 2013.p. 76.

<sup>285</sup> FREIRE, 2013.p. 74.

<sup>286</sup> FREIRE, 2013.p. 73.

<sup>287</sup> FREIRE, 2013.p.73

<sup>288</sup> FREIRE, 2013.p. 75.

A humanização, ao contrário, é uma construção que embasa a concepção de educação problematizadora e advoga uma visão do educando como sujeito criativo, curioso e crítico, que constrói sua compreensão da realidade e que intervém na realidade.

perceber-se no mundo, com o mundo e com os outros, me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.<sup>289</sup>

Essa concepção educacional que abraça uma concepção de ser humano que valoriza o homem e a mulher está reconhecida na educação cristã. Esse é um dos mais importantes parâmetros da educação moderna: a valorização da pessoa. Sem embargo, constitui-se base na construção dos princípios batistas, sendo também a base do ministério de educação de Jesus, da obra de Comenius, da teoria de educação de Freire e da educação moderna.

Pazmiño tratando da obra de Freire, destaca a pessoa que aprende “como assunto principal, como agentes ativos e não objetivos ou receptores passivos da sabedoria compartilhada. [...] são ativos, pessoas criativas com capacidade de fazer exame crítico, interação e transformação de seu mundo.”<sup>290</sup>

A educação cristã vai além ao lembrar que a transmissão da imagem de Deus não é transmissão genética, mas “é obra de Deus e ato da sua graça”<sup>291</sup> concedida a todos os homens. Nesse sentido não há que se falar em castas ou características de cor, sexo, nacionalidade ou qualquer outra que possa conferir dignidade diferente entre os seres humanos. São todos igualmente dignos. Esse é um dos fundamentos da Constituição Federal do Brasil em seu primeiro artigo:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: III - a dignidade da pessoa humana.<sup>292</sup>

<sup>289</sup> FREIRE, 2011.p. 53

<sup>290</sup> PAZMIÑO, Roberto W. **Temas fundamentais da Educação Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.p.

<sup>291</sup> SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.p. 234.

<sup>292</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 07/11/2022.

Além da dignidade de toda pessoa, a humanização reconhece a incompletude em todo ser humano, uma característica que iguala todos os homens. Melo e Nogueira tratando do tema destacam sua preocupação com a necessidade de um processo contínuo de humanização e a necessária busca dos seres humanos por ser mais. A teoria, reconhece em todos a capacidade de “reconhecer e transformar essa condição, através do processo educativo.”<sup>293</sup>

A humanização pressupõe o ser humano como inacabado e com vocação para aprender diariamente e, também, para reconhecer, transformar e “ser mais”, que é a “vocação ontológica dos seres humanos.”<sup>294</sup> Paulo Freire entende que a busca por “ser mais” é predestinação de toda pessoa. Essa incompletude, portanto, não é fenômeno específico de alguns, mas característica de toda a raça humana, e, portanto, atesta a igualdade. Além disso, é igualmente comum a todas as pessoas a predestinação para a busca da completude e o caminho para tal é a educação.

A educação cristã reconhece essa igualdade entre todos os homens. Segundo Smith “a relação do ser humano com Deus não é algo que lhe foi acrescentado; é o âmago e o fundamento da sua humanidade.”<sup>295</sup> Nenhuma, segundo a educação cristã, outra base teórica pode garantir a igual dignidade a todos os seres humanos. Importante observar que essa igualdade fundamental está presente na criação segundo Gênesis 1.27 que reconhece “Homem e mulher são seres humanos com base na igualdade perfeita.”<sup>296</sup>

A educação cristã oferece um exemplo de ser humano perfeito e completo: Jesus. O ‘ser mais’ em educação cristã é, portanto, ser mais parecido, sem perder sua identidade, em atitudes, relacionamentos e opções com Jesus de Nazaré. É essa percepção da busca por ser mais por meio da educação que destaca a vocação do ser humano para aprender e tornar-se sujeito ativo e pensante na sociedade. É essa busca e essa concepção e possibilidade de ‘ser mais’ que capacita toda pessoa humana para a liberdade de estudar e interpretar as escrituras, pautar-se por ela e

---

<sup>293</sup> MELO. Ebenezer da Silva Junior; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. A humanização do ser humano em Paulo Freire: a busca do “ser mais”. **Revista Formação@Docente** – Belo Horizonte: – vol. 3, no 1, dezembro, 2011.p. 3. Belo Horizonte: Universidade Metodista, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/fdc/article/viewFile/254/276>. Acesso em 12/09/2022.

<sup>294</sup> MELO, 2011.p.4.

<sup>295</sup> SMITH, 2001.p. 228.

<sup>296</sup> SMITH, 2001.p. 233.

compartilhá-la. Essa é característica necessária para a efetivação da educação cristã ministrada por pessoas leigas.

A educação é, portanto, o meio escolhido para a busca do ser mais. Esse foi o instrumento escolhido pelos puritanos, batistas no seu início, Jesus, Comenius e Paulo Freire. Definindo as muitas concepções de educação usadas por Freire, Vasconcelos e Brito destacam o papel do educando e do educador, em que há uma troca de “conhecimentos, gerando um contexto de aprendizagem e ensino onde um ensinará ao outro aquilo que conhece. Entende-se que esta sistemática é capaz de criar um rico ambiente de aprendizagem, de debate e de reflexão.”<sup>297</sup>

Trata-se de uma educação que reconhece, não somente o seu valor, mas, também, o valor do outro. A obra e a pedagogia de Freire são marcadas por essa relação, pelo reconhecimento do valor do eu e do outro. “O reconhecimento da alteridade, da diferença, é indispensável para a emergência ético-epistemológica do eu e também do outro. É o diálogo com a alteridade que permite o desenvolvimento da identidade.”<sup>298</sup>

Libânio tratando da obra de Charlot destaca a síntese do seu entendimento da natureza da educação:

É o processo por meio do qual um membro da espécie humana, inacabado, desprovido dos instintos e capacidades que lhe permitiriam sobreviver rapidamente sozinho, se apropria, graças à mediação dos adultos, de um patrimônio humano de saberes, práticas, formas subjetivas, obras. Essa apropriação lhe permite se tornar, ao mesmo tempo e no mesmo movimento, um ser humano, membro de uma sociedade e de uma comunidade, e um indivíduo singular, absolutamente original. A educação é, assim, um triplo processo de humanização, de socialização e de singularização. Esse triplo processo é possível apenas mediante a apropriação de um patrimônio humano. Isso quer dizer que educação é cultura, em três sentidos que não podem ser dissociados.<sup>299</sup>

Educação é socialização e singularização. É reconhecer-se e reconhecer o outro e com ele se relacionar. Alteridade é reconhecer o outro, é estar pronto para ouvi-lo, reconhecer seu valor e seu direito de se manifestar. É ensino. Sem esse reconhecimento do outro a educação cristã é infrutífera. Nesse sentido a alteridade

<sup>297</sup> VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora Vozes, 2006.p. 94

<sup>298</sup> STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo: Autêntica Editora. 2010.p. 34. Disponível em: [https://territoriosinsurgentes.com/wp-content/uploads/2021/03/Danilo\\_R.\\_Streck\\_Dicionario\\_Paulo\\_Freirez-lib.org\\_.epub\\_.pdf](https://territoriosinsurgentes.com/wp-content/uploads/2021/03/Danilo_R._Streck_Dicionario_Paulo_Freirez-lib.org_.epub_.pdf). Acesso em: 11/08/2022.

<sup>299</sup> CHARLOT Apud LIBÂNEO, 2005. p. 4.

igualar o valor do conhecimento das pessoas e, portanto, tem importante papel no desenvolvimento da individualidade e singularidade dos indivíduos. Sem a socialização o reconhecer-se diverso, não acontece. Na construção do saber o outro é essencial. A educação como caminho para que a pessoa trilhe em busca de “ser mais” pressupõe processo de construção comunitária e individual.

Sendo a humanização processo permanente, a educação é parte desse movimento por meio do qual homens e mulheres se fazem a si mesmos enquanto fazem o seu mundo. Colocar essas questões no horizonte da prática educativa cotidiana tem o poder de produzir novos sentidos para o quê e como se ensina e aprende e, com isso, fomentar o éthos no qual, voltando ao texto em epígrafe, o produto humano é a prova da civilização que estamos criando.<sup>300</sup>

Essa civilização é construída por meio desse processo educacional comunitário do qual todos devem participar ativamente. Pazmiño destaca a necessidade de o professor ter reverência ao ensino, sentimento de respeito frequentemente misturado com curiosidade e afeição. Quatro princípios são essenciais para essa reverência e estão intimamente relacionados com a valorização do outro, são: “vulnerabilidade, criatividade, graça e diálogo.”<sup>301</sup>

A vulnerabilidade ressalta a incompletude, a convicção de que ninguém tem o conhecimento completo, de que todos devem estar abertos a novos aprendizados, ao convencimento, e, nesse sentido, todos devem perceber-se alunos. A essa vulnerabilidade deve somar-se a curiosidade que mantem os olhos de quem ensina e aprende abertos a descoberta e ao outro.

Esse movimento, de reconhecimento da incompletude em todos os seres humanos e a busca por ser sempre mais, exemplifica o movimento do ministério da pessoa leiga na igreja. Aquele, que se sabe incompleto e diante dos seus iguais busca ser sempre mais, estimula, exemplifica, inspira, dialoga, ensina o outro a ser mais e participar ativamente da história em construção.

A humanização que reconhece o valor do outro, deve, para ser relevante na construção e transformação da história, reconhecer o contexto que compõe o todo humano. Nesse sentido, destaca-se outro importante paradigma da educação e educação cristã modernas: a educação contextualizada.

---

<sup>300</sup> STRECK, Danilo R. O éthos de uma educação humanizadora. REP - **Revista Espaço Pedagógico**, v. 13, n. 1, p. 95-106 - jan./jun. 2006.p. 104.

<sup>301</sup> PAZMIÑO, Robert W. **Elementos básicos do ensino para o cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.p. 27.

#### 4.2.2. Educação contextualizada

Inicialmente convém definir o que é a contextualização aplicada ao processo de ensino aprendizagem. Domingues, oferece a seguinte definição:

A Contextualização, como o próprio termo já evidencia, traz à tona análise do contexto, tanto em termos históricos quanto culturais religiosos, sociais, políticos e econômicos, ao demonstrar implicação do fenômeno sobre uma ou várias perspectivas. Ela oportuniza trazer para perto dos sujeitos os conceitos ou assuntos que lhe eram desconhecidos e oferecer a maior proximidade possível. Por meio da Contextualização entende-se melhor as mudanças sofridas no mundo, quer sejam estas culturais ou não.<sup>302</sup>

A educação contextualizada, portanto aproxima a história, a realidade vivida pelo aluno, seu contexto social, cultural, econômico, político e religioso. Somente caminhando pela história e pela vivência do aluno é que a educação cristã pode alcançar seu objetivo maior de ajudar a “integrar ensino e vida, [...] Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos.”<sup>303</sup>

Freire em sua obra e em seu método de alfabetização, profundamente embasado na leitura da realidade contextual, na qual está inserido o aluno, alerta para a importância de a educação caminhar junto com o contexto específico e a vida de cada aluno.

Nesse diapasão, a educação cristã ao observar o valor da contextualização para o ensino permite que a pessoa perceba, critique seu contexto e interfira para sua mudança. O objetivo é, portanto, uma educação que transforme o indivíduo, capacitando-o para ser sempre mais e por fim transforme a sociedade.

Esse ensino contextualizado é importante passo para que os indivíduos deixem a inocência passiva, o papel de simples observadores obedientes e recebedores de verdades pré-fabricadas e passem a pensar e atuar sobre o meio. O processo

---

<sup>302</sup> DOMINGUES, Gleyds Silva. Dimensões Pedagógicas na Educação Cristã: uma visão interrelacional entre os sujeitos e o processo de ensino e aprendizagem. **Revista Via Teológica**. V. 2, nº 10, 2004, p. 163.

<sup>303</sup> MORAN, José. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papyrus, 2013.p. 21-24 Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_eduacao/qual.pdf](http://www2.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacao/qual.pdf). Acesso em 30/05/2022.

educacional ao reconhecer que a pessoa é um todo, deve, necessariamente, reconhecer que seu contexto social, econômico, religioso a compõe.

[...]o processo ensino e aprendizagem não está dissociado de um contexto e nem mesmo é percebido de forma distinta e alheia aos “sujeitos aprendentes”, antes faz parte deles e com eles, forma um complexo de relações que envolvem diferentes significados e linguagens. Isso porque, pensar no processo é pensar no todo que o constitui e não apenas nas parcelas compartimentadas e isoladas. Nesta rede de relações estão presentes sujeitos e objetos da práxis educativa que interferem na ação educativa e que carregam diferentes interpretações sobre os fenômenos, ou seja, cada um tem sua identidade e visão da realidade.<sup>304</sup>

O ser humano aprendente é um todo indissociável e irredutível. Assim, todas as questões que o envolvem, que o rodeiam o compõe. A educação cristã reconhece o contexto no qual está inserido o aprendente, dado que o ensino passa por todo esse contexto para definir métodos, instrumentos e abordagem a serem aplicadas com vistas ao aprendizado eficiente.

Desse modo, a identidade é influenciada por seu contexto. Essa afirmação ressalta a relevância do ensino da pessoa leiga, tendo em vista o fato, de que ela é parte do contexto e conhece e vivencia as lutas e as dores dos que estão inseridos em sua realidade. O ensino da pessoa leiga, pode, portanto, ser importante e relevante nas formações de identidades. Reconhecendo esse pressuposto do ensino aprendizagem, Moran, tratando do ensino por metodologias ativas e em especial por meio de projetos integradores, se posiciona:

Projetos interdisciplinares importantes hoje são os que estão próximos da vida e do entorno dos estudantes, que partem de necessidades concretas [...]. Os estudantes não só conhecem a realidade: simultaneamente contribuem para melhorá-la e isso dá um sentido muito mais profundo ao aprender: aprendendo não só para mim, mas também para melhorar a vida dos demais. [...] é um caminho fantástico para engajar os estudantes no conhecimento, vivência e transformação de um mundo complexo e em rápida transformação.<sup>305</sup>

Tal observação vem ressaltar que a educação cristã, para ser eficaz e ajudar a pessoa a alcançar a autonomia e o crescimento, deve estar perto da vida, ou seja, da realidade do aluno. Somente reconhecendo os problemas e as realidades da

---

<sup>304</sup> DOMINGUES, 2004. P.160.

<sup>305</sup> MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. 2019. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/>. Acesso em 01/09/2022.

pessoa, a educação cristã poderá ser relevante e propiciar um ensino que contribui para soluções, que estimula o desenvolvimento de homens e mulheres para atuarem ativamente, construírem, participarem da história, e encontrarem soluções comuns. Sem conhecer o contexto não é possível a aplicação do ensino bíblico à realidade das pessoas e do mundo à volta.

Esse aspecto contextual aplicado ao ensino é característica essencial da educação. Segundo Libâneo a educação é “uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal.”<sup>306</sup> É nesse sentido que a educação cristã tem como finalidades “aperfeiçoamento dos cristãos, a edificação de lares cristãos e a transformação da sociedade.”<sup>307</sup> É necessário que a educação cristã “responda às demandas de nossa realidade sociocultural e atente positivamente à sua vocação fundamental, que é compartilhar, anunciar, viver o Reino de Deus.”<sup>308</sup> Nesse direcionamento, destaca-se que viver o Reino de Deus é contextual.

A pessoa cristã tem como foco transformar-se e transformar a realidade por meio da educação. Sem reconhecer as demandas advindas do contexto, as soluções são impossíveis e a educação é estéril.

A educação cristã reconhece o necessário paradigma da educação contextualizada destacada por Freire, Moran e Libâneo, entre outros. Afinal, reconhecer o contexto e desenvolver um processo educativo que o considere e critique suas formulações implica em respeitar as muitas visões e experiências e, nesse sentido, essa visão contextual está ligada ao reconhecimento do outro.

Outro aspecto a ser observado, no reconhecimento do contexto, é a narrativa elaborada a partir desses fatos que rodeiam quem aprende. É preciso reconhecer o mais importante aspecto do contexto para o ensino aprendizagem, que é a interpretação do que lhe narra.

Inicialmente tínhamos a perspectiva de que as narrativas constituíam a mais fidedigna descrição dos fatos e era esta fidedignidade que estaria "garantindo" consistência à pesquisa. Logo nos apercebemos que as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua

---

<sup>306</sup> LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos. **Educar**, n. 17, p. 153-176. 2001. Curitiba: Editora da UFPR. p. 7.

<sup>307</sup> GEORGE, Sherron K. **Igreja Ensinadora: fundamentos Bíblico-teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã**. São Paulo: Ed. Luz para o Caminho, 1993. p. 41.

<sup>308</sup> GEORGE, 1993.p. 41.

representação da realidade e, como tal, estão prenes de significados e reinterpretações. Conseguimos, ainda, perceber que, antes disto ser um problema, era o cerne da pesquisa sócio-antropológica.<sup>309</sup>

A narrativa é, portanto, muito mais que a descrição dos fatos vividos. Está carregada de interpretações, percepções e sentimentos. A linguagem bíblica deve dialogar com as muitas linguagens, visões e interpretações. Assim, a educação cristã “[...] aproxima os conceitos bíblicos da vida dos sujeitos, de forma significativa e real.”<sup>310</sup>

A contextualização do ensino deve ser sensível à narrativa das pessoas. O contexto social, relacional, econômico, educacional sem a interpretação narrativa não é relevante para a educação. A educação cristã fala a partir dessas interpretações das realidades.

Desse modo a igreja deve ter olhos e ouvidos prontos para toda e qualquer narrativa. Somente, assim, o ensino bíblico poderá ser relevante para a pessoa aprendente. Sobre esse aspecto importa observar que o foco é “explorar, [...] de quem é a voz que fala, de onde se dá esta fala, em que circunstâncias ela é produzida, quais e por que são as suas revelações, quais e por que são as suas ocultações etc.”<sup>311</sup>

Vale destacar que a narrativa tem, para a educação, mais que essa voz e interpretações de quem narra. Está, também, repleta de interpretações de quem ouve. A educação é um processo relacional que se estabelece a partir do narrador e do ouvinte. Cunha tratando sobre o uso da narrativa no campo da pesquisa, destaca essa imbricação entre o contador da história vivida e o ouvinte.

Se é verdade que o homem é um ser contador de histórias como acima foi dito, a investigação de carácter qualitativo tem tido o mérito de explorar e organizar este potencial humano, produzindo conhecimento sistematizado através, dele. É certo que o importante, na investigação, é ouvir a história do interpelado, para quem são dirigidas as questões investigatórias. [...]. De alguma forma a investigação que usa narrativas pressupõe um processo coletivo de mútua explicação, em que a vivência do investigador se imbrica na do investigado.<sup>312</sup>

---

<sup>309</sup> CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação** [online]. 1997, v. 23, n. 1-2, p. 185-195. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>>. Acesso em: 29/09/2022.

<sup>310</sup> DOMINGUES, 2004, p. 160.

<sup>311</sup> CUNHA, 1997.

<sup>312</sup> CUNHA, 1997.

A contextualização do ensino, portanto, pressupõe um evento cultural e relacional. A aproximação do que ensina com o contexto daquele que aprende, suas narrativas, interpretações e impactos pressupõem relacionamentos. Uma experiência mútua de influências que devem ser reconhecidas e valorizadas, uma vez que não há como ensinar sem também aprender.

O aprendizado, portanto, não é solitário, é relacional, cultural e coletivo. Tal construção vem complementar a conclusão de que a educação cristã realizada pela pessoa leiga é uma construção que valoriza e se apropria desse aspecto essencial à educação: a contextualização, a coletividade, a construção cultural e as narrativas que se misturam, enriquecem a formação do saber e povoam a vida e relacionamentos da pessoa leiga.

Essa percepção das narrativas, que se imbricam e se misturam na análise do paradigma da contextualização no aprendizado, conduz a outro importante aspecto da educação moderna, o relacional.

#### 4.2.3. Educação Relacional

Falar nos conceitos de alteridade e contextualização aplicados à educação cristã implica falar em educação relacional e dialogal. “[...] os fenômenos sócio interacionais ocorrem numa estreita articulação entre pensamento, consciência, linguagem e as ações humanas e suas dimensões sociais.”<sup>313</sup> Nesse sentido, essas construções da educação estão intimamente relacionadas e conversam construindo uma ponte para o desenvolvimento humano.

Esse paradigma da educação moderna, a educação relacional, está marcado na gênese da educação cristã. Deus é trino e, portanto, relacional. Sendo o homem e a mulher criados à imagem e semelhança de Deus, são também relacionais. Daí a declaração divina em Genesis 2. 18: “não é bom que o homem esteja só.”<sup>314</sup>

---

<sup>313</sup> LOPES, Sandra Cristina Rodrigues; SILVA, Débora Cristina Santos e. Sociointeracionismo: dialogando com Bakhtin e Vygotsky sobre o sujeito fruto das interações sociais. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 9, n. 16, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://200.201.12.34/index.php/revistaeduclings/article/view/6568/4589>. Acesso em: 12/11/2022. p. 284.

<sup>314</sup> Bíblia de Estudo NAA, 2018.p. 32.

A Bíblia de Estudo NAA destaca que o termo traduzido por “ajudadora” não tem o sentido de mais fraco, ao contrário, tem a ideia de semelhante ou correspondente. Portanto, o Deus do cristianismo é relacional e sua criação, não somente é relacional, mas relacionam-se como iguais e essa é a base do diálogo.

A partir dessa observação bíblica, reconhece-se a igualdade entre as pessoas, dado que todas se relacionam e dialogam como iguais. Todas têm igual direito a voz. Tratar de educação relacional, largamente estudada pela educação moderna, demanda necessariamente uma análise da teoria de Vygotsky, que, apesar de não ser considerado um teórico da educação, dado que suas construções teóricas estão no campo da psicologia do desenvolvimento, estudou o desenvolvimento da pessoa por meio dos relacionamentos.

Se houvesse que definir a especificidade da teoria de Vygotsky por uma série de palavras e de fórmulas chave, seria necessário mencionar, pelo menos, as seguintes: sociabilidade do homem, interação social, signo e instrumento, cultura, história, funções mentais superiores. E se houvesse que reunir essas palavras e essas fórmulas em uma única expressão, poder-se-ia dizer que a teoria de Vygotsky é uma “teoria socio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores”, ainda que ela seja chamada mais frequentemente de “teoria histórico-cultural”.<sup>315</sup>

A sociabilidade e a troca com o coletivo são, para Vygotsky, primárias no desenvolvimento dos indivíduos. As principais contribuições estão no campo do “desenvolvimento humano e sua relação com a aprendizagem em meio ao social. Vygotsky afirmou que [...] as características individuais e até mesmo as atitudes pessoais estão impregnadas de trocas com o coletivo.”<sup>316</sup> Ele reconhece que a interação social e cultural é essencial no estudo do desenvolvimento humano e, conseqüentemente, no processo de aprendizagem em busca do “ser mais”. Essa troca com o coletivo se dá a partir dos relacionamentos.

Brandenburg destaca que “Vygotsky apresenta a ideia de pessoa, em termos gerais, como um ser em permanente desenvolvimento.”<sup>317</sup> Esse desenvolvimento ocorre a partir da intervenção relacionais. Essa ideia remete a ideia já tratada da humanização e da incompletude destacada por Freire. Nesse sentido, toda pessoa está sempre se relacionando e conseqüentemente aprendendo.

<sup>315</sup> IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.p 15.

<sup>316</sup> LOPES; SILVA, 2020.p. 286.

<sup>317</sup> BRANDENBURG, Laude Erande. Vygotsky – pontos de encontro com a educação cristã. **Estudos Teológicos**, v. 38, n. 2, 1998.p. 184.

A pesquisa de Vygotsky leva ao desenvolvimento de conceitos como zona de desenvolvimento atual, que é aquilo que o indivíduo realiza autonomamente, e zona de desenvolvimento iminente, que é aquilo que poderá alcançar com a ajuda de outrem. O papel do outro na construção desse conceito é essencial. O pesquisador destaca o valor do conceito para a pedagogia.

A zona de desenvolvimento iminente configurou-se como uma das mais poderosas armas dos estudos pedológicos que permitem elevar significativamente a efetividade, a utilidade, a fecundidade e a utilização do diagnóstico do desenvolvimento mental para a resolução de desafios apresentados à pedagogia, à escola.<sup>318</sup>

Vygotsky reconhece na construção do conceito de zona de desenvolvimento iminente o valor da interação, das relações para o alcance do potencial da criança. Ressalta o papel ativo e dialético da pessoa para o desenvolvimento e aprendizagem. “Vygotsky entendia que a aprendizagem não resultava tão somente das pressões realizadas pelo meio sobre o indivíduo, [...], mas constituía-se de uma transformação qualitativa, na qual agiam dialeticamente o meio social e o próprio sujeito.”<sup>319</sup>

A zona de desenvolvimento iminente, para Vygotsky, “define com precisão quais são as possibilidades de a criança dominar com orientação, com ajuda, com indicação ou em colaboração o que ainda não domina.”<sup>320</sup> A zona de desenvolvimento iminente é, portanto, a possibilidade de desenvolvimento da criança a partir do relacionamento que resulta em aprendizado. O conceito destaca a importância do convívio colaborativo em grupos de aprendizagem para o desenvolvimento saudável da criança.

O aprendizado não acontece passivamente ou isoladamente. A transformação é resultado do relacionamento do indivíduo com o outro, com o meio e com o conhecimento apresentado e criticado. Nesse sentido, Taille destaca que uma das ideias básicas da teoria de Vygotsky é a de que “o ser humano se constitui como tal

---

<sup>318</sup> VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos e L. S. Vigotski. São Paulo: Expressão Popular, 2021.p. 192.

<sup>319</sup> BRAHIM, A. C. S. de M. O processo de tutoria na EaD: uma prática pedagógica articulada à luz da Teoria Histórico-Cultural. **Revista Intersaberes** [ISSN 1809-7286], v. 7, n. 13, p. 29-45, jan./jun. 2012. Disponível em: Acesso em: 05/11/2022. P. 39.

<sup>320</sup> VIGOTSKI, 2021.p. 195.

na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, [...], molda o funcionamento psicológico do homem.”<sup>321</sup>

Importante observar que o pressuposto não se baseia na intervenção do outro sobre o que aprende, mas da ação relacional ativa do que aprende com outro social. Isso acontece em qualquer fase da vida. Segundo Magalhães e Oliveira “constituímos e nos transformamos sempre pela relação com outro, [...]. A relação eu-outros, em contextos sócio-histórico-culturais, cria a possibilidade da ampliação dos horizontes dos sujeitos.”<sup>322</sup>

O relacionamento com os muitos outros possibilita a ampliação do horizonte de conhecimentos relevantes, o que não seria possível sem esses vários relacionamentos. Sendo a sociabilidade relacional característica primária da pessoa, todo o ensino deve considerar e apropriar-se dessa realidade e, assim, refleti-la em seus métodos. “O contexto cultural é, inegavelmente, o palco das principais transformações e evoluções do sujeito, [...]. É pela interação social que nós aprendemos, desenvolvemos, evoluímos, criamos e recriamos formas de agir, atuar e nos portar [...].”<sup>323</sup>

Outro importante aspecto advindo da obra de Vygotsky é o conceito de imitação. Essa ideia pressupõe relacionamento e, conforme o autor, vai além da simples execução mecânica, pressupõe formação, visto que está no âmbito de seu nível de desenvolvimento. Dessa forma, “propõe uma reavaliação do papel que a imitação desempenha no desenvolvimento mental da criança. [...]. Uma pessoa só consegue imitar aquilo que está no seu nível de desenvolvimento.”<sup>324</sup>

A imitação pressupõe relacionamento, compreensão e interpretação. A imitação não é exata, é, antes disso, carregada de interpretação. Nisso Vygotsky lembra Comenius, para quem as vidas dos que ensinam são livros lidos por seus alunos diariamente. O aluno aprende imitando, lendo e interpretando aquele que é imitado.

A Igreja cristã também vê na imitação um instrumento de compreensão do sujeito e de estruturação pessoal. O seguimento de Jesus, o ser exemplo para os mais jovens, os ritos, os gestos e os símbolos são agentes

<sup>321</sup> TAILLE, Yves de La. **Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 2019.p. 26.

<sup>322</sup> MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. **Vygotsky e Bakhtin, Volochinov: dialogia e alteridade**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n.5, p.103-115, 1º semestre 2011.p. 105.

<sup>323</sup> LOPES; SILVA. 2020.p. 285.

<sup>324</sup> BRANDENBURG, 1998.p. 180.

estruturantes da fé na comunidade cristã. Essa estruturação ocorre através do mecanismo chamado por Vygotsky de “interiorização”, ou seja, os postulados da fé cristã fazem agora parte da organização interna da pessoa.<sup>325</sup>

A imitação tem como consequência a interiorização de conceitos, práticas e narrativas interpretadas e aplicadas. É, portanto um processo de ensino aprendizagem construído a partir da relação com o outro.

Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (inter,psicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.<sup>326</sup>

É o interpessoal transformando-se em intrapessoal. Todavia, é interessante observar que, na era da tecnologia, essas relações, que geram aprendizado, nem sempre são presenciais, mas igualmente ensinadoras.

A interação social é, portanto, essencial para o aprendizado e “...não se define, portanto, apenas pela comunicação entre o professor e o aluno, mas também pelo ambiente em que a comunicação ocorre, de modo que o aprendiz interage também com [...] os valores de um sistema que o inclui.”<sup>327</sup> Vygotsky buscou compreender os “processos psicológicos do homem nas relações de ensino-aprendizagem e desenvolvimento, em que linguagem e alteridade foram consideradas centrais.”<sup>328</sup> É notório que sua teoria reconhece o valor das relações para a educação e nisso tem sido reconhecida por teóricos da modernidade.

Libâneo destaca que “toda educação se dá em meio a relações sociais.”<sup>329</sup> Aqui não se fala somente da manifestação e da participação, mas de ser a educação cristã um processo, que vai além do diálogo do qual todos tem o direito de participar. Fala-se no processo que acontece a partir dos encontros, da vivência, da comunidade de fé. Sendo a educação relacional todos dela participam e se fazem parte ativa em sua

<sup>325</sup> BRANDENBURG, 1998.p. 185.

<sup>326</sup> VYGOTSKI, L. S. A Formação social da mente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.p. 41.

<sup>327</sup> FINO, Carlos Nogueira. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de educação**, v. 14, p. 273-291, 2001.p. 7. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/799/1/Fino%207.pdf>. Acesso em: 29/04/2023.

<sup>328</sup> MAGALHÃES, 2011.p. 113.

<sup>329</sup> LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos. **Educar**, n. 17, p. 153-176. 2001. Curitiba: Editora da UFPR. p. 8.

construção. Uma educação, um ensino que não reconheça essa realidade será uma “doutrinação” e não uma construção do saber.

Numa pedagogia da fé numa perspectiva cristã a ênfase estaria na prática derivada da fé, na experiência de amor e justiça, e não no ensino de lições sobre Deus. A primeira preocupação estaria em construir uma relação de confiança entre educador e educando, a base para viver e explorar a liberdade oferecida por Deus. A vida da comunidade, os ritos e gestos também assumiriam uma nova importância dentro de uma proposta educativa na linha de Piaget.<sup>330</sup>

Libâneo reconhece que o ato de educar “é multifacetado, complexo, relacional. Sendo assim, educamos ao mesmo tempo para a subjetivação e a socialização, para a autonomia e para a integração social, [...] produção de estratégias inovadoras.”<sup>331</sup> Observa-se que o educador reconhece como identificador do ato de educar o ser relacional. Disso, advém que uma educação que não reconheça e não se aproprie dessa realidade, não se fará educação e não alcançará seus objetivos.

Segundo Araújo, a bíblia destaca o aspecto relacional da vida humana e conseqüentemente seu papel ensinador. O Novo Testamento, segundo o escritor, reiteradamente repete a expressão “*allelon*” – que significa “uns aos outros”. Esse termo aparece aproximadamente cento e duas vezes. Dessas, cinquenta e uma fazem referências ao que devemos fazer/evitar de fazer uns aos outros.<sup>332</sup> O parâmetro relacional da educação deve nortear a vida da comunidade.

Portanto, qualquer educação ou discipulado que não leve em conta a comunidade para a edificação mútua, não se qualifica como educação cristã. A pessoa aprende mais e melhor quando se relaciona mais e melhor. A partir disto observa-se que a educação relacional é comunitária e pressupõe relacionamentos de qualidade.

A igreja sendo uma comunidade deve perceber-se educadora e nesse sentido estimular e promover as relações e diálogos intencionais de qualidade. O ensino relacional pressupõe o diálogo. Nesse sentido a educação cristã reconhece a essencialidade do aspecto relacional para um ensino eficaz e reconhece que o paradigma da educação dialogal é necessário para que a educação pelos

---

<sup>330</sup> STRECK, 2005.p. 124

<sup>331</sup> LIBÂNEO, José Carlos. **As Teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo na educação**. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/>. Acesso em: 25/08/2022. p. 4.

<sup>332</sup> ARAÚJO, 2018.p. 161.

relacionamentos ocorra eficazmente. Esse aspecto da educação trabalha com ideias como discurso, coparticipação e problematização. “O professor deixa de ser transmissor de informações e passa a ocupar o lugar de agenciador de comunicação, de uma comunicação fundamentada na interatividade.”<sup>333</sup>

É importante observar que a educação relacional dialógica “se dá a partir de um diálogo construído com características que vão além da troca de palavras entre os interlocutores. [...] fomentem a aprendizagem dialógica, a construção de sentido.”<sup>334</sup>

Importantes aspectos devem ser ressaltados para a compreensão do que é essa dialogicidade no ensino. O discurso é influenciado e marcado pela conversa do outro, fazendo-se diálogo. Pressupõe, portanto, o igual direito de todos à voz e o igual valor dessas vozes para que a educação se faça. Não existem vozes sem valor ou sem significado na construção do saber.

A aprendizagem envolve um engajamento ativo com o mundo exterior e, em segundo lugar, que os seres humanos podem aprender através da sua participação ativa no diálogo com outras pessoas. [...] através da ação colaborativa e do diálogo, construir soluções que, se eficazes, são repassadas para as gerações futuras.<sup>335</sup>

Tal observação ressalta que a dialogicidade no ensino pressupõe a construção ativa, a influência dos participantes e que a história e o aprendizado individual e coletivo são resultados dos discursos construídos e, ainda, que os discursos e as soluções atuais impactarão os discursos e ações futuros.

A aprendizagem, portanto, é construída a partir do paradigma de que a pessoa é portadora do direito de manifestação e defesa de suas convicções e, ainda, da participação na busca de soluções construídas a partir do diálogo. Esse direito reporta ao princípio da liberdade observado entre as igrejas da CBB.

A dialogicidade, além de reconhecer o valor e o direito à voz, reconhece que não há discurso neutro. Toda fala é carregada de ideologia. O diálogo, portanto, pressupõe troca, disposição para ouvir, desejo para aprender, convicção de que nesse

<sup>333</sup> DOTTA, Silvia; GIORDAN, Marcelo. **O papel do diálogo em educação a distância**. Anais do VIII ENIL Encontro Nacional de Interação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/1290770/O\\_papel\\_do\\_di%C3%A1logo\\_em\\_educ%C3%A7%C3%A3o\\_a\\_dist%C3%A2ncia?auto=citations&from=cover\\_page](https://www.academia.edu/1290770/O_papel_do_di%C3%A1logo_em_educ%C3%A7%C3%A3o_a_dist%C3%A2ncia?auto=citations&from=cover_page). Acesso em: 14/11/2022.

<sup>334</sup> DOTTA, 2007.

<sup>335</sup> GALIAZZI, Maria do Carmo et al (org). **Indagações Dialógicas com Gordon Wells**. Rio Grande: editora da FURG, 2016.p.57. <https://www.researchgate.net/publication/>. Acesso em: 14/11/2022.

encontro há crescimento e desenvolvimento e de que toda pessoa humana tem lições preciosas a compartilhar.

[...]a constituição do ser humano, em humano, não se faz por modelos educativos alienantes [...], mas a intervenção deste enquanto ser que age, porém dentro de uma ação reflexiva. Todavia, a ação reflexiva só se materializa por meio de uma prática educativa dialógica.<sup>336</sup>

Pazmiño reconhece que a vulnerabilidade, que permite ouvir; a curiosidade, que estimula a busca e a oitiva, que instiga são pré-requisitos para a construção de uma educação cristã dialogal. O diálogo só será eficiente meio de ensino se houver disposição nos dialogantes para ouvir, a consciência de sua própria vulnerabilidade e a importância do outro na construção do conhecimento.

Fisher destaca o aspecto da educação cristã e sua perspectiva dialogal para a reflexão teológica, visto que “essa perspectiva relacional prática é *conditio sine qua non* para o falar humano da palavra de Deus (...). Não se pode escapar desse aspecto comunicativo da palavra, enquanto fazer teológico.”<sup>337</sup>

A educação cristã para o alcance de seus objetivos carece do estabelecimento de um diálogo com a comunidade. Paulo Freire ressalta os malefícios causados ao ser humano silenciado, tolhido em sua capacidade, excluído do diálogo que constrói o saber, massificado, domesticado e acomodado, deixando assim de ser sujeito. Por muito tempo a igreja tem chamado de educação, a simples transmissão de conhecimentos, onde não se constrói o diálogo, ao contrário, o silencia.

Streck, tratando da educação que ignora esse aspecto dialógico, ressalta que ela propõe uma cultura do silêncio. Por isso, o diálogo é o meio de devolver a palavra àqueles de quem ela foi roubada, a quem foi reduzido à condição de objeto. Readquirir a possibilidade de dizer a palavra significa readquirir a possibilidade de dizer o mundo.<sup>338</sup>

<sup>336</sup> SILVA, Shalimar Michele Gonçalves de; MATOS, Junot Cornélio; CORREIA, José Alberto. Dialogicidade da Educação: Possibilidade de Intervenção Consciente da Realidade. **Revista Esepf**. 2010.p. 2. Disponível em: <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/viewFile/100/69>. Acesso em: 08/10/2022.

<sup>337</sup> FISHER, Gerson. **O paradigma da palavra**: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade. São Leopoldo. 1998.p. 59.

<sup>338</sup> STRECK, Danilo R. Paulo Freire: uma leitura a partir da educação cristã. **Estudos Teológicos**. Vol. 31, nº 3, 1991. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1009/972](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1009/972). Acesso em: 18/07/2022. p. 277.

A dialogicidade não permite passividade, ao contrário reconhece participantes ativos e pensantes. “O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e nele, ninguém tem iniciativa absoluta.”<sup>339</sup> A igualdade dos dialogantes destaca a aplicação do conceito bíblico da imagem de Deus no ser humano que “é o estatuto da igualdade humana e a constituição da humanidade em sociedade.”<sup>340</sup>

Benincá destaca “que o aluno já é portador de um mundo de experiências, que podem servir como ponto de partida para um debate e como um caminho para novas experiências e, em consequência, para novos conhecimentos.”<sup>341</sup> Um ministério de educação cristã leiga deve valorizar seu natural diálogo com o outro, que lhe é igual. Esse conhecimento e reconhecimento é necessário para esse diálogo educativo e transformador. O diálogo ativo, atento, igual, carregado do sentimento de valor do outro, conduz a infinitas possibilidades para o saber.

Essa é a função da Educação Cristã despertar, estimular, construir e ensinar pelo diálogo. No entanto, o objetivo vai além da construção do saber, ao dar voz e reconhecer o valor da voz do outro. O diálogo conduz a pessoa aprendente a “compreender e vivenciar a sua realidade; [...] expressar essa realidade e, [...], de expressar-se a si mesmo; por fim, na atitude transformadora de descobrir e assumir a responsabilidade de ser elemento de mudança na realidade.”<sup>342</sup>

Benincá vai além, e destaca que “a sala de aula só assumirá a sua verdadeira função pedagógica, quando se transformar num palco de debates sobre os conteúdos em foco e não apenas narrações repetidoras.”<sup>343</sup>

Nesse direcionamento, Streck aponta que a educação cristã está vinculada ao diálogo, que “pressupõe a valorização da cultura do/a educando/a. Suas concepções, suas crenças devem ser o ponto de partida do processo educativo — não o ponto de chegada.”<sup>344</sup> A observação desse autor, resume o princípio básico para que o diálogo se estabeleça, a valorização do outro e de sua cultura. Nessa troca todos e todas se

---

<sup>339</sup> FIORI, Ernani Maria. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.p. 22

<sup>340</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal: São Paulus: Paulus, 2002.p. 21.

<sup>341</sup> BENINCÁ, Elli. A prática pedagógica da sala de aula. **Revista de educação – AEC**. Ano 23, nº 90, jan/março. Brasília: CORONÁRIO, 1994. p. 90.

<sup>342</sup> BENINCÁ, 1994.p. 91.

<sup>343</sup> BENINCÁ, 1994.p. 90.

<sup>344</sup> STRECK, 1991.p.281.

fazem sujeitos ensinadores. Dessa forma, se apresenta o ministério da pessoa leiga na igreja.

Um importante aspecto desse diálogo é a linguagem que inclui, comunica, faz-se entendida e ensina. É a linguagem que faz a ligação entre os fundamentos da fé cristã com as práticas comunitária e vivenciais. Nesse sentido, Moran explica que “a emergência de uma linguagem da educação religiosa requer pessoas que falem uma linguagem secular, mas que compreendam que a linguagem secular é um frágil meio-termo de ideais em conflito.”<sup>345</sup> As ideias conflitantes são comuns ao processo do diálogo e não devem reprimi-lo, essas refletem a comunicação entre iguais.

Convém salientar que não somente de diálogo se faz a educação, mas, essencialmente, de compreensão. O diálogo precisa ser compreensível, mesmo que por vezes, com ideias contraditórias. Um diálogo que não comunica com o contrário e diferente não é diálogo, é monólogo.

A educação cristã, portanto, deve se pôr a serviço da igreja e da comunidade que a rodeia. Para tal, faz-se necessário que a igreja chame a comunidade para a conversa e fale na língua do povo. Dessa forma, para que a educação alcance o objetivo de comunicar, “enquanto palavra de Deus, ela precisa nutrir-se da Escritura bíblica em confronto com a palavra que circula na comunidade cristã.”<sup>346</sup>

A educação relacional e dialogal aponta necessariamente para o querer comunicar, incluir, ouvir, ensinar e aprender. O processo demanda intencionalidade, outro importante paradigma direcionador da educação moderna.

#### **4.2.4. Intencionalidade**

Falar da igreja da CBB é falar em missões, pois ela é fruto da obra missionária, resultado do fluxo migratório e da ação missionária dos batistas norte americanos. O termo cunhado pelo Censo ‘evangélicos de missão’, inclui “protestantes que resultaram tanto da ação missionária norte-americana e inglesa como os evangélicos que chegaram durante o fluxo migratório dos séculos XIX e XX...”<sup>347</sup> Observa-se nesses movimentos migratórios muita intencionalidade na propagação do evangelho e no crescimento das igrejas.

---

<sup>345</sup> MORAN, 1989 Apud FISHER, 1989.p. 69

<sup>346</sup> FISHER, 1998.p. 71.

<sup>347</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. “**Evangélicos de missão**” em declínio no Brasil. in Religiões em movimento: o censo de 2010. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.p. 127.

Intencionalidade na educação cristã é ação consciente, desejada e projetada. Para Libânio “a educação implica um comprometimento com uma atividade prática, com alto grau de intencionalidade, implicando um comprometimento moral com a prática educativa.”<sup>348</sup> Marcondes falando sobre a relevância da intencionalidade para a transformação, destaca:

A intencionalidade não modifica apenas o mediado, o conteúdo, o ambiente organizacional, mas também o mediador. Ela provoca reflexão que leva o mediador a modificar todos os componentes da mediação de tal maneira que possa favorecer a mediação, inclusive seu próprio modo de agir.<sup>349</sup>

As relações, de que trata a educação, devem estar repletas de intenção e, nesse sentido, serão modificadas por seus objetivos. A educação promovida pela pessoa leiga não é somente a informal, mas, deve ser formal e intencional, fruto de reflexão.

Segundo Libânio, o que diferencia as muitas ações educativas, formal ou informal, é a intencionalidade e lembra que “não há sociedade sem prática educativa.”<sup>350</sup> Nesse sentido as pessoas cristãs devem ter claro que em todos os momentos há ensino e, portanto, devem ter clareza de seus objetivos educacionais. Para a prática educativa em uma comunidade que se considera essencialmente educadora, como a igreja, deve-se buscar uma educação cada vez mais intencional, seja nas aulas de Escola Bíblica, nos cultos, nos pequenos grupos ou nos encontros casuais. Dessa forma, a intencionalidade deve está presente em todo encontro, todo diálogo, toda vivência.

Marcondes lembra que “no contexto da igreja podemos dizer que todas as ações educacionais e ministeriais precisam ter claras a sua intencionalidade.”<sup>351</sup> Segundo Libâneo, as duas características fundamentais da educação intencional são: ser atividade humana intencional e ser prática social.

Há, pois, duas características fundamentais do ato educativo intencional: primeiro, a de ser uma atividade humana intencional; segundo, a de ser uma prática social. No primeiro caso, sendo a educação uma relação de influências entre pessoas, há sempre uma intervenção voltada para fins desejáveis do processo de formação, conforme opções do educador quanto

---

<sup>348</sup> LIBÂNEO, 2005.p. 20.

<sup>349</sup> MARCONDES, Lea Rocha Lima. **Educação cristã na Igreja** – perspectiva em destaque. Curitiba: Editora Emanuel, 2018.p. 50.

<sup>350</sup> LIBÂNEO, 2001.p.6.

<sup>351</sup> MARCONDES, 2018.p. 50.

à concepção de homem e sociedade, ou seja, há sempre uma intencionalidade educativa, implicando escolhas, valores, compromissos éticos. No segundo caso, a educação é um fenômeno social, ou melhor, uma prática social que só pode ser compreendida no quadro do funcionamento geral da sociedade da qual faz parte.<sup>352</sup>

As crenças de uma igreja definem sua intencionalidade, marcam as relações, definem os comportamentos e escrevem os rumos de uma comunidade.

Os puritanos tinham claras suas intenções e os que imigraram para os EUA tinham a intenção de anunciar, convencer e iniciar igrejas no Brasil. Os batistas, tiveram clara sua intenção de ganhar a aceitação popular e adeptos para a igreja. O movimento de Jesus tinha uma missão específica e foi repassada claramente aos discípulos. Observa-se que a intencionalidade foi uma marca dos batistas e do ministério de Jesus. Hoje é um parâmetro da educação moderna.

“A educação está ligada a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes [...] e [...] produzir novos saberes.”<sup>353</sup> Destaca-se que esses processos, para serem eficazes, devem ser intencionais, considerando, portanto, que a igreja é uma comunidade educadora, a construção do saber deve ser intencional em todos os momentos.

Marcondes, destaca que “a intencionalidade transforma radicalmente as ações do mediador”<sup>354</sup> e para que isso aconteça é necessária “uma intenção específica de mediar algo específico” e “o mediador seja consciente desta intenção, do que quer mediar.”<sup>355</sup> Smith, propõe uma nova concepção da intencionalidade: “quando descrevemos a pessoa humana ou a consciência e dizemos que ela é intencional, queremos dizer com isso que ela tem alguma coisa como ‘alvo’: ela aponta para alguma coisa que vê como objeto.”<sup>356</sup>

Diante da natureza intencional da pessoa “a primeira ideia é descrever o ser humano como uma flecha que mira o mundo ou tem o mundo como alvo.”<sup>357</sup> Conforme Smith a intencionalidade é característica do ser humano, que tem sempre o mundo como alvo. Constantemente o ser humano está interagindo intencionalmente com o mundo e com seus iguais a partir de quem é e do que acredita.

---

<sup>352</sup> LIBÂNEO, 2001.p. 9.

<sup>353</sup> LIBÂNEO, 2001.p. 7.

<sup>354</sup> MARCONDES, 2018.p. 49.

<sup>355</sup> MARCONDES, 2018. p. 49.

<sup>356</sup> SMITH, 2018.p. 70.

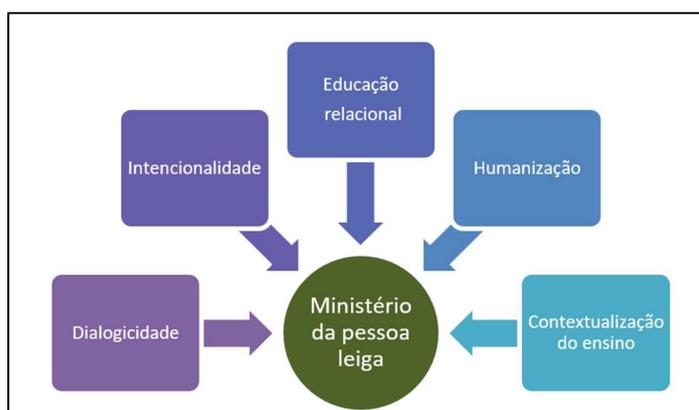
<sup>357</sup> SMITH, 2018.p 71.

Nesse direcionamento, Freire reconhece que não há neutralidade no ensino. Isso implica em dizer que a prática educativa será impactada pelas crenças, pelos princípios que regem a vida, pelos amores. “Toda educação é tendenciosa, pois tem uma filosofia ou uma política educacional que a direciona, pois não existe educação neutra ou sem propósito.”<sup>358</sup> Ou seja, a filosofia e o propósito estarão presentes mesmo que não estejamos refletindo sobre o que está sendo feito.

Destarte, é essencial que a igreja esteja ciente de que a identidade da pessoa cristã, seus princípios, suas crenças, seus prazeres definem as intenções e inserem-se no conceito de intencionalidade definida por Smith e por Freire. A pessoa leiga está intencionalmente interagindo e ensinando.

Na Figura 4 são demonstrados os parâmetros da educação moderna, cujas características apontam para o mistério da pessoa leiga.

Figura 4 - Parâmetros estruturadores da Educação pela pessoa leiga



Fonte: A autora

Observa-se que todos os parâmetros estruturadores da teoria da educação cristã moderna são reaplicáveis ao ministério da pessoa leiga na igreja. Este tópico evidenciou as características desses elementos tanto no ministério de Jesus como na história das igrejas da CBB. Outrossim, devem ser somados à capacitação das pessoas leigas na reflexão teológica que inclui a todos e não somente alguns.

Esses paradigmas estruturadores da teoria da educação cristã moderna, a humanização, a contextualização do ensino, a dialogicidade relacional no processo educativo e a intencionalidade, reportam a uma educação que se faz pelo

<sup>358</sup> CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã**: noções básicas da ciência da educação a pessoas não especializadas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.p. 67.

reconhecimento de si mesmo, do outro, do valor e capacidade de toda pessoa, do papel educativo dos relacionamentos, da igualdade ao direito a voz e de que na construção do saber todos aprendem e ensinam. Esses paradigmas são profundamente inclusivos e destacam um aprendizado no qual todos participam e se fazem igualmente importantes.

Aplicados à educação cristã, esses paradigmas, apontam para o direito de toda pessoa de estudar a bíblia e manifestar-se sobre sua compreensão e conjuntamente construir os saberes na comunidade na qual está inserido.

### 4.3 REFLEXÃO TEOLÓGICA POR TODOS

Segundo Fisher a reflexão teológica tem sido, ainda hoje, governada pelo movimento clerical.<sup>359</sup> Essa concepção não se adequa ao ensino de Jesus, aos parâmetros educacionais atuais e a ideia de uma comunidade educadora. “A reflexão teológica primitiva era entendida como uma parte integrante da vivência diária da fé.”<sup>360</sup> Tal afirmação ressalta que fazer teologia é papel de todos que façam parte da comunidade de fé, dado que a reflexão teológica deve ser resultado da aplicação diária da bíblia à vida.

Importa frisar que a igreja deve envidar esforços no sentido de informar e capacitar as pessoas cristãs para essa reflexão vivencial e diária. O “que é necessário é a recuperação da teologia como uma dimensão fundamental da piedade, uma parte inerente de toda vocação cristã.”<sup>361</sup>

O fazer e refletir teologia como dimensão da piedade aponta para uma educação cristã por todos. Desse modo, reforçando a construção comunitária, a educação cristã reconhece a necessidade de a pessoa leiga participar do diálogo teológico, da interpretação da bíblia, do compartilhar, transformar e ensinar aqueles com quem convivem. Outrossim, observa-se que a marca do ensino de Jesus é o chamamento de todos para a missão. O chamamento pressupõe reflexão. Esses aspectos ressaltados lembram que a revelação é dada à comunidade de fé e não a alguns.

---

<sup>359</sup> FISHER, 1998.p.61,62.

<sup>360</sup> FISHER, 1998.p. 62.

<sup>361</sup> FISHER, 1998.p. 62.

Streck lembra que o conhecimento é pressuposto fundamental para a vida em comunidade. Não somente é pressuposto, mas direito do indivíduo, conforme a obra de Comenius e a Constituição Federal Brasileira em seu artigo 6º.<sup>362</sup>

O conhecimento, portanto, deve ser estendido a toda a comunidade de fé. Esse é aspecto necessário para a construção de um ministério leigo de educação cristã na igreja. Nesse sentido, na igreja, instituição educadora, em que todos participam da reflexão bíblica como parte da piedade, não há lugar para indivíduos ouvintes, pois, todos são convocados a estudar, refletir e compartilhar.

É papel da igreja e de sua liderança desafiar e estimular todos a pesquisar e buscar a excelência nesse conhecimento que pode transformar a vida e o mundo. “O ato de conhecer significa reconstruir ou recriar e não apenas reproduzir a realidade ou os conhecimentos já existentes.”<sup>363</sup> Nesse sentido a educação cristã não é simples compartilhamento de conceitos, ao contrário, é um convite diário à reflexão, ao posicionamento, à crítica, ao crescimento. Esse exercício de repensar, recriar, aplicar é importante para que o ensino bíblico resulte no desenvolvimento de mentes cristãs em todos que fazem parte da igreja de Cristo.

Segundo Stott é impossível crer sem pensar. Nesse sentido, o escritor destaca o pensamento de Harry Blamires,

Uma ‘mente cristã’, como a descreve o Sr. Blamires, é ‘uma mente treinada, informada, equipada para manusear os dados de uma controvérsia secular dentro de um quadro de referência constituído por pressuposições cristãs’, por exemplo, pressuposições quanto ao sobrenatural, quanto à universalidade do mal, quanto à verdade, autoridade e valor da pessoa humana. O pensador cristão, continua ele, desafia os preconceitos correntes... perturba os complacentes... se antepõe aos ativos pragmatistas... questiona as bases de tudo que lhe diz respeito e... faz-se incômodo’. Mas, prossegue, hoje em dia parece não existir pensadores cristãos com uma mente cristã. Pelo contrário.<sup>364</sup>

A citação, reconhece que o cristão tem uma mente equipada para manusear informações. Nesse sentido, uma mente informada e pensante é pressuposto de uma mente cristã. Conhecer e dialogar com as controvérsias seculares a partir de um conhecimento bíblico não é somente para pastores. É missão de toda pessoa cristã.

---

<sup>362</sup> Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

<sup>363</sup> STRECK, 2005.p. 122.

<sup>364</sup> BLAMIRES Apud STOTT, 1994.p. 15.

Somente pessoas cristãs equipadas para manusear o texto bíblico e aplicá-lo às questões do dia a dia, poderão compartilhar a mensagem bíblica na linguagem das pessoas de sua comunidade. Stott, vai além e conclui que o conhecimento é essencial para a vida cristã.

O conhecimento é indispensável à vida e ao serviço cristãos. Se não usamos a mente que Deus nos deu, condenamo-nos à superficialidade espiritual, impedindo-nos de alcançar muitas das riquezas da graça de Deus. Ao mesmo tempo, o conhecimento nos é dado para ser usado, para nos levar a cultuar melhor a Deus, nos conduzir a uma fé maior, a uma santidade mais profunda, a um melhor serviço. Não é de menos conhecimento que precisamos, mas sim de mais conhecimento, desde que o apliquemos em nossa vida.<sup>365</sup>

A reflexão teológica é necessária para viver a vida cristã e conseqüentemente cumprir o sacerdócio de toda pessoa cristã. O cristianismo é uma religião revelada não para alguns, mas para todas as pessoas cristãs. É uma religião que demanda o anúncio do evangelho em linguagem compreensível às mentes humanas, possibilitando a todos participar do fazer teologia. A reflexão sobre esse Deus e sua palavra não deveria se restringir a alguns.

Jehle tratando da expressão grega para 'fazer discípulos' informa que "ela ressalta o *processo de aprendizado*. A meta de Deus é que cada cristão se torne um estudioso, estudante e aluno de Jesus Cristo em tempo integral, de modo que isso influencie todas as áreas de sua vida."<sup>366</sup> Dessa forma, o objetivo é que cada cristão que aprendeu de Cristo se torne um professor da verdade aprendida e, em consequência, não somente alguns, mas toda a nação seja tocada por esse exército de ensinadores. Pois, esse movimento de todo cristão ser um professor, pesquisador, estudioso, curioso, pode mudar uma nação, assim como defendia Comenius. Nesse direcionamento, entende-se que muito mais poderá fazer pela igreja local e pela comunidade local.

O ministério de educação cristã da pessoa leiga, em nenhum sentido, significa um ministério despreparado, um ministério informal. Entretanto, se fundamenta em uma educação cristã curiosa, interessada, pesquisadora, intencional, contextualizada, aplicada e que reconhece na igreja cristã uma comunidade onde todos são

---

<sup>365</sup> STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. A importância da mente cristã. Trad. Milton Azevedo Andrade. Sexta impressão. ABU Editora. São Paulo, SP. 1994. p. 43.

<sup>366</sup> JEHLE. Paul. **Ensino e discipulado**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.p.172.

convidados a pensar a raciocinar bíblicamente. De acordo com Jehle “sem um ambiente de raciocínio bíblico, uma igreja jamais amadurecerá.”<sup>367</sup>

Sendo o conhecimento e a reflexão teológica ações que fazem parte da vida cristã, importa tratar da pessoa leiga como uma educadora, reconhecendo seu chamado, ministério de ensino e influência. Importante observar que o ministério de ensino leigo, além de meio de edificação da igreja, é forma de relacionamento da igreja com a sociedade.

A pessoa leiga faz naturalmente a intercessão entre a teologia e outras ciências, dado que é o cristão com muitas outras formações, interesses e conhecimentos. É um ministério de educação cristã prático, contextualizado, relevante e atualizado com os muitos conhecimentos gerados no mundo. A pessoa leiga é parte da comunidade e, portanto, refletindo a mensagem bíblica para sua vida, aplica às questões sociais que a rodeiam.

A Educação Cristã ultrapassa os limites institucionais da Igreja e se concretiza em movimentos populares e em instituições de caráter ecumênico que encontram no Evangelho de Cristo a motivação para suas lutas. Com isso, naturalmente não se tira da Igreja o papel de protagonista principal na Educação Cristã, mas se abre espaço para experiências e reflexões que venham de fora da instituição. Em resumo, poderíamos dizer que cabe à Educação Cristã enquanto disciplina, instrumentalizar para a ação educativa que o povo de Deus realiza no seu seguimento a Cristo.<sup>368</sup>

A educação cristã realizada pela pessoa leiga ultrapassa, naturalmente, os limites da igreja de forma relevante e intencional. Dessa forma, a pessoa leiga é o canal para o diálogo da igreja com a sociedade, com as outras ciências, conferindo eficácia e atualidade ao ensino da palavra.

Existe, ainda, um papel legítimo do cristão de educar também aqueles que se encontram fora da fé cristã. Isso também pode ser feito de modo eficaz como ministério da igreja local. No entanto, para que isso seja bem-sucedido, a igreja precisa de um exército de adultos e jovens discipulados como líderes. Sem uma liderança clara em cada nível, tendemos a perder de vista a nossa visão e a comprometer nossos padrões.<sup>369</sup>

Essa ação carece de ensino dedicado e intencional. Esse deve ser um grande círculo virtuoso em que cada pessoa cristã está constantemente participando do

---

<sup>367</sup> JEHLE, 2016, p.189.

<sup>368</sup> STRECK, Danilo R. Educação Cristã: uma proposta de diálogo entre teologia e pedagogia. **Cadernos de Estudos** nº 26. Curitiba: CELADEC, 1991.p. 49.

<sup>369</sup> JEHLE, 2016.p. 173

diálogo teológico, ensinando e aprendendo e compartilhando. Diariamente deve-se pensar a teologia “a fim de evitar uma escravidão cultural. Se não voltarem a levantar as questões fundamentais, os educadores cristãos podem estar perpetuando conceitos e práticas que não são fiéis ao evangelho de Jesus Cristo.”<sup>370</sup>

A pessoa cristã leiga ao fazer essa reflexão da teologia com a vida e com o conhecimento científico produzido, tem condições para levantar questões e promover o debate, o diálogo entre as várias ciências e conhecimentos. Essa reflexão teológica acontece, necessariamente, a partir das questões sociais atuais. Esse conhecimento deve enriquecer o debate teológico dentro da igreja e capacitar os que estão chegando. Dessa forma, o conhecimento se retroalimenta e renova.

A pessoa cristã é a interface da igreja no mundo. Pastoras e pastores estão envolvidos na condução e liderança da igreja. Estão voltados para as questões de dentro. O que, por vezes, leva a perda da conexão com as questões do mundo.

A pessoa leiga, por sua vivência, caminha por estradas que a pastora e o pastor não vão passar, vive oportunidades de ensino únicas e deve estar capacitado a aproveitá-las com intencionalidade. Além de ser a interface da igreja no mundo, a pessoa leiga é a face do mundo na igreja, e dessa forma é capaz de levar para a igreja as questões da sociedade objetivando estimular a busca de respostas bíblicas para a atualidade. Assim subsidia a reflexão teológica. A pessoa leiga pode ser consultora de pastores e pastoras sobre temas que não estão em sua área de conhecimento.

[...]a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele.<sup>371</sup>

A pessoa leiga é, portanto, um holograma da igreja no mundo e do mundo na igreja, é, também, um influencer da igreja na sociedade. Essa capacidade de ser interface necessária para a geração do conhecimento relevante e prático não ocorrerá se a igreja não envidar esforços para propiciar o conhecimento como pressuposto da fé cristã. Nesse diapasão, considera-se que o cristão é um influencer da sua fé no seu contexto social.

---

<sup>370</sup> PAZMIÑO, 2008.p. 263,

<sup>371</sup> MORAN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.p. 38.

A concepção de ser humano da educação e educação cristã moderna advindas da teoria de Comenius e de Paulo Freire demonstraram que as construções atuais refletem a valorização da pessoa humana, sua capacidade, centralidade, igualdade e direito de aprender todas as coisas. Nesse sentido, convergem os achados históricos, bíblicos e os achados da educação.

A vivência da pessoa leiga, sua liberdade de refletir e anunciar, remetem ao paradigma da educação dialogal e relacional que ressalta o direito de todos de participar do diálogo que constrói o conhecimento teológico. E nesse sentido observou-se, de forma específica na educação cristã o direito de toda pessoa cristã em participar da reflexão teológica, sendo incluída no debate e na discussão que promove e reforça o conhecimento e reflexão das escrituras como parte da piedade. As características observadas a partir dos achados históricos e bíblicos são refletidos na teoria educacional, demonstrando a atualidade, relevância e aplicabilidade dos achados.

## 5 CONCLUSÃO

Esse trabalho está dentro da temática da educação cristã e buscou investigar as contribuições da pessoa leiga aplicadas ao campo da educação cristã para o crescimento, fortalecimento e engajamento da membresia das igrejas da CBB. A análise foi realizada em três perspectivas, as quais foram selecionadas a partir dos critérios da relevância para a igreja batista da CBB e pelo crescimento da comunidade ou movimento demonstrado nas duas primeiras perspectivas selecionadas.

Em busca do alcance do objetivo geral analisou-se a história de formação da Igreja Batista no Brasil e seus principais documentos; o ensino de Jesus, sua equipe, sua concepção de ser humano e o ministério de ensino da pessoa leiga à luz da educação e educação cristã modernas buscando fundamentos que incluam a pessoa leiga como ator importante no processo de ensino cristão e relacionar as contribuições do ministério da pessoa leiga no âmbito da educação cristã para a promoção do crescimento e fortalecimento das igrejas da CBB na contemporaneidade.

Nesse sentido a pesquisa confirmou as seguintes hipóteses *i)* a presença do ministério da pessoa leiga e da educação em vários momentos na história dos batistas marcou o crescimento e fortalecimento dos batistas; *ii)* O ensino bíblico por pessoas leigas foi a base estratégica do ministério de Jesus para o desenvolvimento e fortalecimento da igreja cristã; *iii)* O ensino bíblico por pessoas leigas é um ensino formal, vivencial, contextualizado, relacional, prático e entre iguais e neste sentido atende a parâmetros atuais da pedagogia moderna; *iv)* O ensino ministrado por pessoas leigas está de acordo com a teoria da educação cristã.

Em especial, na perspectiva histórica das igrejas da CBB ficou demonstrada a grande contribuição do ministério da pessoa leiga ensinando, começando igrejas, evangelizando onde estivesse. Essenciais para tal, foram: o princípio da liberdade de todo indivíduo pensar e pautar-se conforme suas convicções, nesse sentido a adesão voluntária dos fiéis; o sacerdócio universal de toda pessoa cristã, que reconhece a importância da missão de cada cristão e cristã para a formação da igreja e a concepção de ser humano que destaca seu valor, capacidade e competência. A partir desses aspectos e aproveitando as principais características do ministério leigo (ser parte da comunidade, viver o contexto, conhecer as pessoas, o diálogo entre iguais, os relacionamentos) a igreja cresceu e se fortaleceu.

No ministério de Jesus, a análise destacou um movimento popular feito por leigas e leigos, a antropologia refletida nas escolhas da equipe de Jesus, pode-se aferir, estava marcada pela valorização de toda pessoa humana, o chamado para o ministério de toda pessoa cristã e o sacerdócio universal. O convite e o envio demonstram a liberdade concedida a cada homem e mulher de seguir ou não. Nesse sentido a análise do ministério de Jesus e seus discípulos repete os mesmos achados advindos da análise histórica.

O ensino era feito nas caminhadas, no encontro diário, na rua, na viagem, eram um movimento popular, sofriam os mesmos preconceitos do povo, eram parte da comunidade, falavam sua língua, conheciam seus costumes, eram iguais.

A análise da teoria da educação moderna demonstrou que os elementos do ministério da pessoa leiga e as características desse ministério encontrados na formação dos batistas e no ministério de Jesus refletem as teorias da educação e da educação cristã moderna, confirmando a atualidade dos achados histórico e bíblicos para a igreja batista da CBB atual.

No Quadro 5 destaca-se resumo das contribuições do ministério de educação da pessoa leiga para a igreja da Convenção Batista Brasileira.

Quadro 5 - Contribuições do ministério da pessoa leiga - triangulação das dimensões

<b>História das igrejas CBB</b>	<b>Movimento de Jesus</b>	<b>As teorias educacionais</b>
Movimento migratório – intencionalidade na missão;	Movimento popular e leigo;	Educação intencional da qual todos participam;
Criação de escolas como estratégia de inserção social;	Ensino como opção de ministério (mestre);	Pansofia – educação para todos; ensino como metodologia de transformação da sociedade;
O pregador leigo – como o igual, que trabalhava a terra, conhecia as dificuldades, o contexto;	Discípulos eram parte da comunidade, viviam e sofriam as mesmas discriminações;	Educação contextualização;
Relacionamentos diários e intencionais;	Pregavam nas praças, na caminhada;	Educação relacional e dialogal;
Capacidade de toda pessoa cristã para compreender e escolher;	Capacidade de toda pessoa discipula para compreender e anunciar;	Valor do ser humano/ Pansofia, humanização, Dialogicidade no processo educativo;
Membros voluntários – adesão voluntária e consciente da membresia;	Chamados e voluntários todos decidiam quanto ao seguimento de Jesus;	Reflexão teológica por todos; igual direito a voz;
Sacerdócio universal de toda pessoa cristã;	Todos, mulheres, homens, judeus, samaritanos, leigos, cleros, são chamados para anunciar (ensinar);	Reflexão teológica por todos, participação ativa de todos na construção do saber, todos ensinam e aprendem;

<b>História das igrejas CBB</b>	<b>Movimento de Jesus</b>	<b>As teorias educacionais</b>
Princípio da liberdade; O ministério da pessoa leiga era natural. Todos deviam ensinar, pregar.	Liberdade para decidir; entender, posicionar-se.	Humanização e ser mais, direito de estudar e fazer-se ouvido.

Fonte: autora

Os dados resultantes deste trabalho de pesquisa, colocados lado a lado, demonstram a recorrência dos achados e, à luz das teorias modernas destacam a aplicabilidade para a igreja batista na atualidade.

As contribuições, portanto, podem ser resumidas em duas vertentes: *i)* os elementos que fundamentam o ministério da pessoa leiga: a concepção de ser humano que reflete o valor e capacidade de toda pessoa, a liberdade de toda pessoa de estudar e pautar-se conforme suas convicções e o sacerdócio universal de toda pessoa cristã que deve participar do diálogo, da reflexão e do ensino da teologia; *ii)* os parâmetros educacionais que repetem as características do ministério leigo: o conhecimento do contexto, o diálogo entre iguais, capacidade de toda pessoa e a busca por ser sempre mais, relacionamentos intencionais e a participação na reflexão teológica como parte da religião.

O ministério da pessoa leiga é a face da igreja no mundo e contribui para seu crescimento e fortalecimento porque leva a igreja para fora das suas paredes. A pessoa leiga leva ao mundo, suas crenças e construções, e traz sua ciência para dentro da igreja e assim o diálogo é estabelecido. O ser humano leigo vive no mundo e vive na igreja. Assim a igreja pode impactar o mundo a sua volta.

As características do ministério da pessoa leiga estão refletidas nos paradigmas orientadores da educação moderna e reforçam o grande potencial desse ministério para o crescimento da igreja e fortalecimento de seus membros. Assim não teremos 14 mil pastores nas igrejas batistas da CBB, mas, aproximadamente 1,7 milhões de ministros realizando a educação cristã em todo lugar.

A relevância dessa pesquisa e dos seus achados está em prover às igrejas batistas da CBB com informações sobre o ministério da pessoa leiga, tendo-o como um enorme contingente para o crescimento e relevância da igreja. A pesquisa não esgota o tema e sua abordagem fornece muitas questões para futuras pesquisas. Não se realizou pesquisa de campo ou entrevistas que busquem dar voz a leigos e leigas por limitações de tempo e páginas, o que pode ser realizado em pesquisas posteriores.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, Clifton J. ed. ger. **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.
- ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. **Batistas: dominação e dependência**. São Paulo: Fontes Editorial, 2015.
- ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. **Discipulado consistente**. São Paulo: Vital Publicações. 2018.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **Eklesia: o que mudou e o que não pode mudar na igreja**. Rio de Janeiro: Prazer da Palavra, 2020.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora Unimep: São Paulo: Exodus, 1996.
- BAILEY, Keneth E. **As parábolas de Lucas: a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural**. São Paulo, Vida Nova, 1985.
- BARBOSA, João Cândido. **Espiritualidade e estilo de vida: contribuições éticas, econômicas e sociais a partir do evangelho de lucas**. 2017. p. 24. Disponível: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3761/2/JO%c3%83O%20C%c3%82NDI%20BARBOSA.pdf>. Acesso: 19/04/2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2020.
- BARROS, Aramis C de. **Doze homens, uma missão**. São Paulo: Hagnos, 2006.
- BRUCE, A. B. **O treinamento dos doze**. Santo André: Geográfica, 2016.
- BENINCÁ, Elli. A prática pedagógica da sala de aula. **Revista de educação – AEC**. Ano 23, nº 90, jan/março. Brasília: CORONÁRIO, 1994.
- BERTHOUD, Jean-Marc. **João Amós Comênio e as origens da ideologia pedagógica: o inspirador das reformas escolares modernas**. Brasília: Editora Monergismo, 2017.
- Bíblia de Estudo NAA**. João Ferreira de Almeida (trad.). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018;
- BRANDENBURG, Laude Erande. Vygotsky – pontos de encontro com a educação cristã. **Estudos Teológicos**, v. 38, n. 2, 1998.p. 184.

BRAHIM, A. C. S. de M. O processo de tutoria na EaD: uma prática pedagógica articulada à luz da Teoria Histórico-Cultural. **Revista Intersaberes**, v. 7, n. 13, p. 29-45, jan./jun. 2012. Disponível em: Acesso em: 05/11/2022. P. 39.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal: São Paulus: Paulus, 2002.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1 (79). p. 155-177 | jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08/09/2022.

CAMARGO, Fausto. **A Sala de Aula Digital**: Estratégias Pedagógicas para Fomentar o Aprendizado Ativo, On-line e Híbrido. Porto Alegre: Penso, 2021.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **“Evangélicos de missão” em declínio no Brasil – Exercícios de demografia religião à margem do Censo de 2010**. In Religiões em movimento: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.

CARDOSO, Karina Litardi Pereira; FISCHMANN, Roseli. Comenius e o direito à educação. **Cadernos de Educação**, v.12, n. 24, jan. jun. 2013.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi; PERONDI, Ildo. **Bíblia e ciência da linguagem: recursos literários e cenas-tipo no Evangelho de Lucas**. Theoliterária. Volume 9, nº 17, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/39397>. Acesso em: 07/04/2022.

CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã**: noções básicas da ciência da educação a pessoas não especializadas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CARVALHO, Tiago Samuel de. **O poder da pedagogia de Jesus**: aprendendo a arte de educar através da Bíblia: de Moisés a Jesus. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2019.

CHAVES, João B. **O Racismo na História Batista Brasileira**. Brasília: Conrado Editoria, 2021.

COELHO, Isaltino Gomes Filho. **Os Grandes princípios Batistas**. 2009. Disponível em: [www.isaltino.com.br/](http://www.isaltino.com.br/). Acesso em: 12/02/2022.sem página.

COMENIUS. **Didática magna**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação** [online]. 1997, v. 23, n. 1-2, p. 185-195. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>>. Acesso em: 29/09/2022.

CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil até o ano de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DA SILVA, A. A. Educação Cristã on-life: por um ensino integral e sinodal nos espaços físicos e digitais. **Revista Encontros Teológicos**, [S. l.], v. 36, n. 3, 2021. DOI: 10.46525/ret.v36i3.1690. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1690>. Acesso em: 2 nov. 2022.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Dimensões Pedagógicas na Educação Cristã: uma visão interrelacional entre os sujeitos e o processo de ensino e aprendizagem. **Revista Via Teológica**. V. 2, nº 10, 2004.

DORNAS, Lécio. **A nova EBD...a EBD de sempre**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

DOTTA, Sílvia; GIORDAN, Marcelo. **O papel do diálogo em educação a distância**. Anais do VIII ENIL Encontro Nacional de Interação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/1290770/O\\_papel\\_do\\_di%C3%A1logo\\_em\\_educ%C3%A7%C3%A3o\\_a\\_dist%C3%A2ncia?auto=citations&from=cover\\_page](https://www.academia.edu/1290770/O_papel_do_di%C3%A1logo_em_educ%C3%A7%C3%A3o_a_dist%C3%A2ncia?auto=citations&from=cover_page). Acesso em: 14/11/2022.

DOUGLAS, J. D.(org). **O Novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DUSILEK, Sergio. **Igrejas sem pastor e Igreja com vários pastores**. 2022. <https://batistacarioca.com.br/igrejas-sem-pastor-igreja-com-varios-pastores/>. Acesso em 20/12/2022.

ELWELL, Walter A (editor). **Enciclopédia histórico teológico da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

FAIVRE, Alexandre. **Os Leigos nas Origens da Igreja**. Petrópolis: Vozes. 1992.

FARIA, J. de F. Pedagogia da paideia grega helenística: influência na educação judaico-cristã em textos bíblicos canônicos e apócrifos. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 29, n. 113, p. 57–76, 2021. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/353>. Acesso em: 11 jun. 2022.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

FINO, Carlos Nogueira. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de educação**, v. 14, p. 273-291, 2001.p. 7. Disponível em:

<https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/799/1/Fino%207.pdf>. Acesso em: 29/04/2023.

FISHER, Gerson. **O paradigma da palavra**: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade. São Leopoldo. 1998.

FONTES, F. **Educação em casa, na igreja, na escola**: uma perspectiva cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALIAZZI, Maria do Carmo et al (org). **Indagações Dialógicas com Gordon Wells**. Rio Grande: editora da FURG, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/278158490\\_Gordon\\_Wells\\_-\\_Aprendizagem\\_dialogica/link/5b2a5f410f7e9b1d009ccc32/download](https://www.researchgate.net/publication/278158490_Gordon_Wells_-_Aprendizagem_dialogica/link/5b2a5f410f7e9b1d009ccc32/download). Acesso em: 14/11/2022.

GASPARIN, João Luís. **A emergência da modernidade na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEORGE, Sherron K. **Igreja Ensinadora**: fundamentos Bíblico-teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã. São Paulo: Ed. Luz para o Caminho, 1993.

GUERRA, Danilo Dourado; DA SILVA, Lucas Ferreira Barbosa. Os ricos e os excluídos no evangelho de Lucas: uma abordagem de Lc 6, 20-23. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v..30, n.3, p.486-500, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atlas, 2021.

GOIS, A.; SCHWARTSMAN, H. Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/>. Acessado em: 20 abr. 2021.

HADDAD, Sergio. **A educação humanizada de Paulo Freire**. Universidade de Caxias do Sul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VqRkSIfvT3A&t=334s>. Acesso 22/09/2022.

HANSEN, Jean Poul. **Leigo**: um conceito em evolução. Vida Pastora. Ano 59. N. 324. Disponível: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/leigo>. Acesso em 20/05/2022.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: Lucas. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (org.). **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010.

JAEGER, Werner. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**. São Paulo: Academia Cristã, 2014.

JEHLE, Paul. **Ensino e discipulado**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

JERÔNIMO, São. **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

KONINGS, J. Jesus, caminho e ensinamento de Deus. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 29, n. 113, p. 77–83, 2021. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/354>. Acesso em: 11 jun. 2022.

LANCELLOTTI, Ângelo e BOCCALI, Giovanni. **Comentário ao Evangelho de São Lucas**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LANDERS, Jonh Moroe. **Teologia dos princípios batistas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994

LEAL, José Luciano Marculino; NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes do. Os encadeamentos dialógicos de outros: um olhar sobre a constituição dos doze apóstolos. **Discursividades**. Vol. 5, nº 2, dez 2019. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC>. Acesso em: 17/06/2022.

LEITE, Jônatas Câmara. **A declaração doutrinária da Convenção Batista brasileira, sua historia e intertextos**. Vitória: Faculdade Unida de Vitória, 2014. Disponível em <http://bdtd.faculdadeunida.com.br>. Acesso em 19/01/2022.

L'EPLATTENIER, Charles. **Leitura do Evangelho de Lucas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo na educação**. 2005. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Graduacao/Espacodoaluno/PET-ProgramadeEducacaoTutorial/Pedagogia/capitulo-libaneo.pdf>. Acesso em: 22/09/2022.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos. **Educar**, n. 17, p. 153-176. 2001. Curitiba: Editora da UFPR.

LIMA, Judson S. **Formação Histórica dos Batistas**. Iheus: Judson Lima. 2013

LONGENECKER, Richard N. A hermenêutica judaica no primeiro século. **Vox Scripturae**, v. 3, n. 2, 1993.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Puritanismo**. 1995. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/puritanos/puritanismo\\_augustus.htm](http://www.monergismo.com/textos/puritanos/puritanismo_augustus.htm). Acesso em 20/11/2021.

LOPES, Edson Pereira. O Conceito de Educação em João Amós Comenius. **Fides Reformata**, XIII, nº 2, 2008.

MACARTHUR, John. **Doze homens extraordinariamente comuns**: como os apóstolos foram moldados para alcançar o sucesso em sua missão. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. **Vygotsky e Bakhtin, Volochinov**: dialogia e alteridade. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p.103-115, 1º semestre 2011.

MAGALHÃES, Thamiris. As religiões segundo os dados do Censo 2010: desafios e perspectivas. **IHU on-line**, São Leopoldo, Edição 400.27 ago. 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4590-jose-rogerio-lobes-4>. Acessado em:14 maio 2021.

MARCONDES, Lea Rocha Lima. **Educação cristã na Igreja** – perspectiva em destaque. Curitiba: Editora Emanuel, 2018.

MARTINS, João Batista. A Igreja do século XXI e o seu grande desafio: o mundo virtual. **Revista de Estudos Pentecostais**. v. 12, n. 1, jan/jun. Joinville: 2021.

MATOS, Alderi Souza de. Breve História da Educação Cristã: dos primórdios ao século 20. **Fides Reformata** XIII, nº 2. 2008. p. 9 – 24. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br>. Acesso em: 06/11/2021.

MELO. Ebenezer da Silva Junior; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. A humanização do ser humano em Paulo Freire: a busca do “ser mais”. **Revista Formação@Docente** – Belo Horizonte: – vol. 3, no 1, dezembro, 2011.p. 3. Belo Horizonte: Universidade Metodista, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/fdc/article/viewFile/254/276>. Acesso em 12/09/2022.

MERTON, Robert K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia/Editora 34. 2013. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4621884/mod\\_resource/content/2/MERTON%20Robert.%20Ensaio%20de%20Sociologia%20da%20Ci%C3%Aancia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4621884/mod_resource/content/2/MERTON%20Robert.%20Ensaio%20de%20Sociologia%20da%20Ci%C3%Aancia.pdf). Acesso em 10/01/2022.

MIGUEL, Igor. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Tomas Nelson Brasil, 2021.

MIGUEL, Igor. A quem ensinar? **Serie: O Professor intencional**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FZGnlldrdS8>. Acesso em: 13/04/2022.

MORAN, José. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papyrus, 2013.p. 21-24 Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_eduacacao/qual.pdf](http://www2.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/qual.pdf). Acesso em 30/05/2022.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. 2019. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias\\_moran1.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf). Acesso em 01/09/2022. Acesso em: 30/05/2022.

MORATO, Francisco. **A Fé Batista**: Documentos da Fé Cristã, Bíblica, Histórica, Reformada e Confessional. São Paulo: Editora Estandarte de Cristo, 2020.

MORRIS, Leon L. **O Evangelho de Lucas**. São Paulo: Edições Vida Nova, Editora Mundo Cristão, 1974.

MOUL, Renato Araújo Torres de Melo. Aportes Teórico-metodológicos do ensino de Jesus Cristo e suas aplicações para a pedagogia. **REVELETEO** – Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 13, nº 24, jul/dez, 2019.

NETTO, Silvino. **Repensando o programa de educação religiosa da Convenção Batista Brasileira**. in: Teses da XII Conferência Teológica. Rio de Janeiro, 1998.

NIEBUHR, H. Richard. **As Origens Sociais das Denominações Cristãs**. São Paulo: ASTE, 1992.

OLIVEIRA, Zaquel Moreira de. **Liberdade e Exclusivismo**: ensaios sobre os batistas ingleses. Rio de Janeiro: Horizonte, Recife; STBNB Edições. 1997.

OLSO, Alceu Luiz. **As relações de Jesus com “os Doze”, a partir da pregação na Galileia, no caminho, até a chegada em Jerusalém, conforme o Evangelho de Marcos 1.14 – 10.52**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

ORTIZ-OSPINA, Esteban. **A ascensão das redes sociais**. 2019. Disponível em: <https://ourworldindata.org/rise-of-social-media>. Acesso em 30/10/2022.

PAZIMIÑO, Robert W. **Elementos básicos do ensino para cristãos**. São Paulo: Cultura Cristã. 2006.

PAZIMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da Educação Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas no Brasil: 1882 – 1982**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações. 1985.

PEREIRA J Reis. **Breve história dos Batistas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979. 2ª ed.

PERETTI, Clélia; NATEL, Ângela. As mulheres da genealogia de Jesus no Evangelho de Mateus. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. V. 54, n. 2. P. 333-349, jul/dez, 2014.

REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Carolina Bezerra. A mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja. **Revista de Teologia e Ciência da Religião da UNICAP**, v.1, 2012.

ROCHA, Daiana Garibaldi da; OTA, Marcos Andrei; HOFFMANN, Gustavo (org). **Aprendizagem digital**. Porto Alegre: Penso, 2021.

RYKEN, Leland. **Santos no Mundo: os puritanos como realmente eram**. São Paulo: Fiel Editora. 2013.p. 263

SANTOS, Judiclay S. Os batistas e sua herança reformada. **Teologia Brasileira, revista online**. nº 83, ano 2020. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/>. Acesso em 24/11/2021.

SAYÃO, Luiz. A Relevância Contemporânea dos Princípios Batistas. **Conferência Teológica 2021 – Teologia e Missão: O Desafio Global**. Disponível em <https://www.youtube.com/>. Acesso em 21/01/2022.

SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. (Org.) **Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja**. Vol. 01. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2011.

SHOTTROFF, Luise. **Servidoras e servidores dos santos**. O diaconato das mulheres no Novo Testamento. In A Diaconia em Perspectiva Bíblica e Histórica. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. P. 84 – 106.

SHURDEN, Walter B. **Quatro frágeis liberdades: resgatando a identidade e os princípios batistas**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2018.

SILVA, Íris. **Secretário da Saúde visita professora Margarida Lemos**. Secretária da Comunicação do Governo do Estado do Tocantins. 2012. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/>. Acesso em 26/02/2022.

SILVA, José Antonio da. **O leigo no magistério da igreja**: uma breve análise por meio dos seus documentos. Revista de Cultura Teológica – v. 19. N. 74. São Paulo: PUC, 2011.

SILVA, Shalimar Michele Gonçalves de; MATOS, Junot Cornélio; CORREIA, José Alberto. Dialogicidade da Educação: Possibilidade de Intervenção Consciente da Realidade. **Revista Esepf**. 2010.

SILVA, Ursula Rosa. **Filosofia, educação e metodologia de ensino em Comenius**. 2006. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=com%C3%AAnius+educa%C3%A7%C3%A3o&oq=co](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=com%C3%AAnius+educa%C3%A7%C3%A3o&oq=co). Acesso em: 31/08/2022.

SMITH, James K. A. **Desejando o reino**: culto, cosmovisão e formação cultural. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

SOUZA, Valéria Vieira. **A (R)existência das vocacionadas ao ministério pastoral batista de São Paulo e a não filiação na ordem dos pastores batistas o Brasil em São Paulo (OPBB-SP)**. São Bernardo do Campo. 2016.p. 86. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1489/2/Valeia%20Vieira%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 21/11/2022.

SOUZA, Edilson Soares de. **Diálogos (RE) Velados**: a trajetória e os discursos políticos-doutrinários dos Batistas Brasileiros 1974 – 1985. Tese de mestrado Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2008.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (org). **Pacto e Comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. Disponível em <http://www.convencaobatista.com.br/>. Acesso em 10/12/2021.

SPURGEON, Charles Harddon e outros. **A fé batista: documentos da fé cristã, bíblica, reformada e confessional**. São Paulo: O estandarte de Cristo, 2020.

STEGEMANN, Ekkehard W; STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo**. São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo, SP: Paulus, 2004.

STEGEMANN, Wolfgang. **Jesus e seu tempo**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

STEPHANINI, Valdir. Mulheres no ministério pastoral batista. **REFLEXOS**, ano XII, n. 19, 2018.p. 116. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/721/606>. Acesso em: 21/12/2022.

STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. A importância da mente cristã. Trad. Milton Azevedo Andrade. Sexta impressão. ABU Editora. São Paulo, SP. 1994

STRECK, Danilo R. Paulo Freire: uma leitura a partir da educação cristã. **Estudos Teológicos**. Vol. 31, nº 3, 1991. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1009/972](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1009/972). Acesso em: 18/07/2022.

STRECK, Danilo R. O éthos de uma educação humanizadora. REP - **Revista Espaço Pedagógico**, v. 13, n. 1, p. 95-106 - jan./jun. 2006.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo: Autêntica Editora. 2010. Disponível em: [https://territoriosinsurgentes.com/wp-content/uploads/2021/03/Danilo\\_R.\\_Streck\\_Dicionario\\_Paulo\\_Freirez-lib.org\\_epub.pdf](https://territoriosinsurgentes.com/wp-content/uploads/2021/03/Danilo_R._Streck_Dicionario_Paulo_Freirez-lib.org_epub.pdf). Acesso em: 11/08/2022.

TAILLE, Yves de La. **Piaget, Vigotski, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 2019.

TEIXEIRA, Marcela Prenda. **Um século depois e a permanência dos discursos**: evangélicas pela igualdade de gênero e o jornal batistas. Revista Nures, ano XV, número 36. 2017. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/>. Acesso em 31/01/2022.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. **Teoria da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, 2018.

TERUYA, T. K. A ética puritana, a educação, a ciência e a tecnologia na Inglaterra do século XVII. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 26, n. 1, p. 117-121, 31 mar. 2004

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus Histórico**. Um manual. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TOGNINI, Enéas; BENTES, João Marques. **Janelas para o Novo Testamento**. São Paulo: Edições de Louvores do Coração Ltda, 1992.

TORGAN, Daniel Aquino. Debate sobre o ministério pastoral feminino na OPBB e as interpretações ao texto Bíblico de 1 Timóteo 2.9-15. **Revista Ensaios Teológicos** – Vol. 02 – Nº 01 – Jun/2016 – Faculdade Batista Pioneira. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/134/169>. Acesso em: 07/04/2023.

TORRES, Milton Luiz. O cuidado da criança nos primórdios da educação grega: semelhanças e contrastes com a educação hebraica. **Protestantismo em Revista**.

São Leopoldo, RS, v. 24, 2011. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/126/157>. Acesso em: 10/12/2022.

TREBOLLE BARREIRA, Júlio. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã**: introdução à história da Bíblia. Rio de Janeiro: Vozes, 1995

UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez editora: 1998.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora Vozes, 2006;

VELASQUES, Antônio Gouvêa Mendonça Prócoro Filho. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola. 1990.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos e L. S. Vigotski. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VYGOTSKI, L. S. A Formação social da mente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

WHITE, James F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

YOUNGBLOOD, Ronald F. **Dicionário Ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

YOUSSEF, Michael. **O Estilo de liderança de Jesus**. Minas Gerais: Editora Betânia. 1987.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.